

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

***SKATE*, UMA PRÁTICA NO LAZER DA JUVENTUDE:
Um estudo etnográfico**

MARCELO RAMPAZZO

Porto Alegre

2012

MARCELO RAMPAZZO

SKATE, UMA PRÁTICA NO LAZER DA JUVENTUDE:
Um estudo etnográfico

Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre

2012

Catálogo na Publicação

Rampazzo, Marcelo

Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico / Marcelo Rampazzo. -- 2012.
128 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Jovens praticantes de *skate*. 2. etnografia urbana .
3. disputa/distinção. 4. projetos. 5. rede de relações/capital social.
I. Stigger, Marco Paulo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Marcelo Rampazzo

SKATE, UMA PRÁTICA NO LAZER DA JUVENTUDE:
Um estudo etnográfico

Conceito final: _____

Aprovado em _____ de _____ de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizoreck – UFRGS

Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico - FURG

Prof.Dr. Luís Eduardo Cunha Thomassim - UFPR

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

*Dedico este escrito ao meu pai que sempre
acreditou na educação.*

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe, Amélia C. de Liz Rampazzo, que por toda minha vida me apoiou, e que, nestes dois últimos anos durante a realização deste Mestrado foi de indispensável ajuda, sempre paciente nas horas que precisei. Lembro também de minha irmã Simone que está estudando em Florianópolis.

Gostaria claro de agradecer meu orientador pela confiança em mim depositada, mesmo que por vezes eu não tenha correspondido a ela.

Lembro também de minhas duas colegas que ingressaram juntamente comigo no Mestrado, as Ariane Dias e Ariane Pacheco. Com quem compartilhei estes dois anos desta caminhada.

Agradeço também os colegas doutorandos Leandro e Mauro, que com suas experiências sempre se dispuseram a me ouvir, e contribuíram significativamente neste período de formação.

Também, lembro dos demais colegas do Grupo de Estudos Socioculturais: Ileana, Flavio, Carlos Fabre, André, Raquel, Túlio, Jaqueline.

Agradeço também aos trabalhadores da secretária do PPGCMH, André, Ana, e Rosane.

Agradeço ainda aos colegas do pólo de educação a distancia de Sapucaia do Sul: Elizabet, Sônia, Maria Goreti, Janaina, Silvana, Ana Kubbe, Ana Cardoso, Evanir, Joelma, Fabian, Cezar, Jean, Mari, Adriana, Patrícia. Talita, Vanda, Thiago, Vinicius.

Também um agradecimento a todos os alunos de outrora que já tive o prazer de lecionar.

Aos colegas da área: Luiz Ferreira, Alexandre, Cristiano, Bettega, Cléber, Mirian, Márcia, Leonardo Abib, Shin, Vilmar, Ecléa Vanessa, Gizi, Guilherme (mineirinho), Marcius Fuchs, Vinicius Brasil, Guilherme Lovatto, Anelise.

E lembrou também dos Mestres que fizeram parte desta caminhada acadêmica de quase 10 anos de Educação Física: Da Costa, José Damico, Cláudio Mandarino, Ednaldo, Crescente, Osvaldo, Macedo, Adréa, Ângela, Elisandro, Helen, Matheus Saldanha, Maria Cecília, João Ribas, Wenceslau, Maristela Souza, Maria Eliza, Alex, Janice, Betão, Molina, Silvana, Arlei.

“Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos ou espões acham isso bom”.

Cliffor Geertz
A Interpretação das Culturas (1989, p.23).

RESUMO

Na presente pesquisa trato inicialmente a diversas abordagens teóricas que contribuem minimamente para delinear as temáticas sobre jovens e juventude, no lazer. Diante destas inúmeras possibilidades teóricas, procuro não advogar em prol de uma teoria, mas procuro compreender como estas auxiliam-me a dar os contornos do debate, já que, que também não encontro um consenso entre os diversos estudos. Foco minha empreitada teórica nos jovens e como estes vivem seu cotidiano, trago elementos que discutem o lazer, família, educação e trabalho. A fim de atender aos questionamentos que elaboro, recorro à pesquisa etnográfica. Pesquisa esta que realizei com um grupo de jovens praticantes de *skate* (os “calças coladas”), na pista pública de *skate* do bairro IAPI na cidade de Porto Alegre - RS. Foram ao todo nove meses de observação direta, no qual relatei cada observação em Diários de Campo, totalizando 70 diários ao final do período. Com o intuito de cobrir as lacunas deixadas pela observação direta, recorri também a entrevistas semi-estruturadas. De posse desses materiais produzidos descrevi o contexto em três Capítulos subsequentes. A *pista*: o local onde ocorreu a pesquisa, no qual pude acompanhar os “calças coladas” e as disputas ocorridas na *pista*. Descrevo primeiramente os aspectos materiais da pista, e posteriormente os aspectos simbólicos, configurando assim, a *pista*. Na *pista*, ainda descrevo seu *jogo* e o *movimento na pista*, e as implicações destes aspectos simbólicos, a partir da perspectiva do grupo dos “calças coladas”. Este grupo que descrevo no Capítulo seguinte: Os “calças coladas” são um grupo predominantemente de jovens, mas ainda considero sua heterogeneidade. Procuro descrever a distinção que há entre os “calças coladas” e os “calças largas”, alguns destes últimos já foram descritos na pesquisa de Bastos (2006) quando acompanhou a trajetória de profissionalização de alguns skatistas, a forma pela qual estes passavam a *viver do skate*. Distinção entre esses grupos que se dava num primeiro olhar por suas vestimentas, mas que compreendi como muito mais complexas, para além de suas calças. Apesar da distinção e disputa com o *outro*, os “calças coladas” mesmo tendo seu *skate* praticado no lazer, não deixam de *projetar* suas expectativas no skate dos “calças largas”, ou seja, também *projetavam viver do skate*. Com isso os jovens “calças coladas” procuravam se manter no *skate*, uma das formas pela qual eles conseguiam foi pelo que chamavam de “apoio”, que era conferido em grande parte pela *rede de relações* que o grupo construiu na *pista*. Mas por vezes o “apoio” não era o suficiente para os jovens manter seus *projetos*, e tão pouco as aspirações de suas famílias. Com isso chego ao último Capítulo descritivo: Os “calças coladas”: as relações dos significados do *skate* com a família, educação e trabalho. No momento final procuro compreender como o lazer dos jovens que se dava pela prática do *skate*, se relacionava como outros aspectos de seu cotidiano. Os jovens necessitavam de conciliar as cobranças de suas famílias que recaiam sobre eles. Cobranças estas que também se encontravam no ambiente de trabalho, além das rotulações e estereótipos. Rotulações impostas “de fora”, algo que também acontecia na escola. Mas ao fim percebo que os jovens passam por tudo isso com o propósito de manterem seus *projetos* no *skate*.

Palavras-Chave: *Jovens praticantes de skate. Etnografia urbana. Disputa/distinção. Projetos. Rede de relações/capital social.*

ABSTRACT

In the present research I primarily deal with the diverse theoretical approaches that minimally contribute to delineate the thematic on youngsters and youth in leisure. Facing these countless theoretical possibilities, I try not to advocate for a theory, but to understand the way they help me outline this debate, since I cannot find a consensus among the numerous studies. I focus my theoretical task on the youngsters and the way they live their everyday, I bring elements that discuss leisure, family, education and work. In order to answer the questions I make, I resort to ethnographic research. I have performed this research with a group of youngsters practitioners of skateboarding (the “tight pants”), in the public skateboarding track of the IAPI district in the city of Porto Alegre- RS/Brazil. A total of nine months of direct observations were made, in which I reported every observation in the Field Diaries, totalizing 70 journals in the end of the period. In order to cover the gaps left by direct observation, I have also appealed to semi-structured interviews. With this produced material, I have described the context in three subsequent chapters. *The track*: the place where the research was performed, in which I could follow the “tight pants” and the disputes that took place in the *track*. I firstly describe the material aspects of the track, and then the symbolic aspects, therefore configurating *the track*. Also in *the track* I describe its *game* and the *movement on the track*, and the implications of these symbolic aspects from the perspective of the “tight pants” group. This group, which I describe in the following chapter: “The “tight pants” are a group with predominance of Young people, but I still consider its heterogeneity. I try to describe the distinction existent between the “tight pants” and the “loose pants”, some of which were already described on Bastos (2006) when He followed the professionalization path of some skateboarders, and the way these people started *making a living from skateboard*. The distinction between these groups was made, in a first look, bay their clothing, but I understood them as much more complex, beyond their pants. Despite the distinction and dispute with *the other*. The “tight pants”, even if they practiced their skateboarding in leisure time, also projected their expectations in skating on the “loose pants”, that is, they also projected *making a living from skateboarding*. With this, the Young “tight pants” sought to continue skateboarding, and one of the ways they managed to do that was through what they called “support”, which was given, in a great deal, through the *relations* that the group has built in the track. But many times the “support” was not enough for the youngsters to keep their *projects*, nor the aspirations of their families. With this, I get to the final descriptive chapters: The “tight pants”: the relations of the meanings of skateboarding with family, education and work. In the final moment I try to understand the way the leisure of these youngsters, which took place through the practice of skateboarding, relates to other aspects of their everyday. They needed to reconcile the demands of their families over them. These demands were also found in the work environment, as well as labels and stereotypes. This labeling were imposed from others, what also took place in the school. But, in the end, I perceive that the youngsters GO through all of this with the purpose of maintaining their skateboarding projects.

Key-words: *Young skateboarders. Urban ethnography. Dispute/distinction. Projects. Relation network/social capital*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - A PISTA	47
FIGURA 2 - A “ENTRADA DA PISTA”	48
FIGURA 3 - CAIXOTES.....	49
FIGURA 4 - ANHANGABAÚ	50
FIGURA 5 – “CIRCULO CENTRAL” OU BOLO	51
FIGURA 6 – ESCADA E CORRIMÃO	52
FIGURA 7 - RAMPAS, MINIRAMPAS E <i>HALF</i>.....	53
FIGURA 8 - ESCADARIA	55
FIGURA 9 - VISTA PANORÂMICA DA PISTA A PARTIR DA ESCADARIA.....	56
FIGURA 10 - MONTAGEM DA ARQUIBANCADA NA “ENTRADA DA PISTA”	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	13
1.2 PROBLEMATIZANDO FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO	15
1.3 CULTURAS JUVENIS	22
1.4 O <i>SKATE</i> COMO PRÁTICA NO LAZER DA JUVENTUDE	24
1.4.1 SKATISTAS: <i>VIVER DO SKATE</i>	26
1.5 PROBLEMA DE PESQUISA E QUESTÕES OPERACIONAIS.....	27
2 METODOLOGIA	29
2.1 ESTAR EM CAMPO: FAZENDO UMA PESQUISA ETNOGRÁFICA, SENDO O PESQUISADOR	36
3 A PISTA	45
3.1 ESPAÇOS, OBSTÁCULOS, E PRÁTICAS SOCIAIS NA <i>PISTA</i>	47
3.2 A <i>PISTA</i> E SEUS FREQUENTADORES.....	56
3.3 ASPECTOS SIMBÓLICOS DA <i>PISTA</i> : <i>CÓDIGOS SOCIAIS</i>	61
4 OS “CALÇAS COLADAS”	66
4.1 DIFERENÇAS ENTRE “CALÇAS COLADAS” E “CALÇAS LARGAS”	70
4.2 OS “CALÇAS COLADAS”: UM GRUPO HETEROGÊNEO	76
4.3 RELAÇÕES DE TROCA E O <i>PROJETO</i> DE SE MANTER NO <i>SKATE</i>	83
5 OS “CALÇAS COLADAS”: RELAÇÕES DOS SIGNIFICADOS DO <i>SKATE</i> COM A FAMÍLIA, COM A EDUCAÇÃO E COM O TRABALHO	89
5.1 AS FAMÍLIAS: ASPIRAÇÕES, DESENCONTROS, CONFLITOS E “APOIO”	89
5.2 TRABALHO: RESPONSABILIDADE, LIMITAÇÃO E POSSIBILIDADE DE PERMANÊNCIA NO <i>SKATE</i>	95
5.3 <i>SKATE</i> , JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E ESCOLA: FAZ SENTIDO?	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
6.1 ALGUNS LIMITES DESTA PESQUISA	116
REFERÊNCIAS	118
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	125
ANEXO 2: ROTEIROS DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	127

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho pesquisei jovens praticantes de *skate*, na pista de *skate* do bairro IAPI¹, situado na cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada em um contexto urbano: acompanhei o cotidiano dos jovens na *pista*, assim como seus esforços para continuar praticando *skate* e para frequentar a pista de *skate*. Neste ambiente, observei um grupo específico de jovens praticantes de *skate* (os “calças coladas”), que, além da prática do *skate*, comungavam e disputavam os significados da prática do esporte com outros skatistas (os “calças largas”).

Durante a pesquisa, busquei compreender os desdobramentos da relação do *skate* como prática no lazer desses jovens com outros aspectos de seu cotidiano. Fato é que os jovens viviam o *skate* como uma prática esportiva em seus momentos de lazer, o que tinha relações com outras dimensões das suas vidas. Isso me levou a tentar compreender *quais as implicações da prática do skate, uma atividade de lazer, em relação à família, ao trabalho e à educação dos jovens*. Foi a partir disso, que direcionei a pesquisa e as discussões, a fim de compreender como esses aspectos do cotidiano permeavam, e por vezes condicionavam, o tempo livre dos jovens.

Na pesquisa bibliográfica, que insiro na introdução e na problematização deste estudo (Capítulo 1), encontrei pouco consenso entre os autores das inúmeras vertentes teóricas que circunscrevem o debate sobre os jovens. Contudo, fui alertado pelos pesquisadores e pelos produtores das obras que consultei para este trabalho, sobre a necessidade de me desvencilhar do entendimento acerca dos jovens e da juventude a partir de imagens e descrições estereotipadas, que, recorrentemente, são sustentadas pelo senso comum. Em vista disso, me esforcei para não me vincular aos estereótipos, que, por vezes, classificavam os jovens como marginais, rebeldes (sem causa), vagabundos, entre outros. Esses rótulos, ou estereótipos, acabam por ser imposições de fora, e pouco refletem, ou traduzem os significados que os jovens têm sobre si mesmos. No entanto, *como tratar de um tema tão denso e complexo?*

¹ Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

Recordo-me de uma das conversas que tive com meu orientador ao longo do mestrado. Na ocasião, ele relatou que eu estava cheio de “prés” (preconceitos e preceitos), e que minhas escritas iniciais revelavam um julgamento sobre a juventude. Somente no decorrer da pesquisa, como parte do processo reflexivo que a pesquisa etnográfica evoca, foi-me possível deixar de lado os “prés”. A partir de então, para realizar esta pesquisa, primeiro, busquei o entendimento de que, para compreender a juventude, não posso ter como ponto de partida os “prés”: preceitos, preconceitos e pressupostos. Porém, não posso deixar de (re)conhecê-los, já que fazem parte da *totalidade*, um dos elementos da pesquisa etnográfica.

Frente ao exposto, na metodologia desta pesquisa (Capítulo 2), abordo, primeiramente, o *fazer etnográfico*, ou seja, limites e possibilidades decorrentes da pesquisa de campo e de minhas reflexões. Nesse item, também exponho minha experiência em campo, algo singular e árduo, e que me possibilitou refletir e repensar sobre meus “prés”.

O tema em questão é amplo, e o interesse dos pesquisadores acerca da juventude vai além da relação dos jovens com suas famílias, pois perpassa diferentes dimensões das suas vidas: os processos educacionais (formal e não formal); a iniciação ao trabalho/emprego e o desemprego; o lazer e o tempo livre (como contraposição ao trabalho e aos valores da sociedade adulta, que considera o trabalho como um valor positivo a ser seguido e valorado pelos jovens); e também por algumas implicações no lazer e no tempo livre dos jovens, tais como a violência, o uso de drogas (lícitas – cigarros e álcool - e ilícitas – maconha, cocaína e *crack*), a formação de grupos e a participação política ou religiosa por parte dos movimentos juvenis.

Os Capítulos deste estudo nos quais descrevo e interpreto os jovens iniciam por onde a pesquisa acontece: a *pista* (Capítulo 3), com seus frequentadores (praticantes de *skate*, pessoas que *vivem do skate* e espectadores). Nestes itens descrevo as peculiaridades que apreendi naquele contexto, as disputas e a comunhão dos códigos sociais e dos significados do *skate* para o grupo dos jovens “calças coladas”. Dando segmento à descrição, adiante abordo as peculiaridades do grupo de jovens que acompanhei (“calças coladas” - no Capítulo 4 e subjacentes): apresento a disputa e distinção que têm com grupo dos “calças largas”.

O próximo passo (Capítulo 5) foi sair da *pista* para compreender como o momento de prática de *skate* no lazer implica-se em outros aspectos do cotidiano

dos jovens do grupo “calças coladas”. Refiro-me às relações dos significados do *skate* com a família, com a educação e com o trabalho. Para contemplar essa questão, chamo atenção para o contraste/desencontro entre os *projetos* dos jovens e as aspirações dos adultos. O desencontro de expectativas iniciava na família, mas também se fazia presente na relação do lazer dos jovens com o trabalho e a escola/educação.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Para compreender e atender a essa complexa relação, trago, nesta introdução, uma discussão, inicialmente geral, sobre os jovens, refinando-a até chegar aos jovens que praticam *skate*. Primeiramente, conceituo no âmbito teórico o que a literatura expõe sobre os indivíduos jovens e sobre os indivíduos que constituem as diversas culturas, ou subculturas, juvenis. Mesmo tendo o entendimento de que a teoria não explica tudo, neste momento se faz necessária essa abordagem, para que eu possa expor a compreensão do que se tem discutido sobre os jovens, sobre sua atuação na sociedade e sobre a atuação desta sobre eles.

Ao longo desta introdução, elaboro algumas questões que os diversos autores suscitam-me, com o propósito de levantar dúvidas e inquietações frente às certezas que uma ou outra teoria possa trazer. Procuro compreender e questionar como se constituem as culturas juvenis, dando um passo para além dos fatores biológicos que caracterizam essa fase da vida. Cabe considerar que “juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente [também] na luta entre jovens e velhos (BOURDIEU, 1983, p.112)”. Considerando a dificuldade de se fazer uma categorização do que seja a juventude, proponho-me a ampliar o leque de possibilidades, abordando/discutindo a juventude com o intuito de ter um entendimento mais amplo da complexidade de se trabalhar com o tema.

As relações entre idade social e biológica são muito complexas [...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma unidade

definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1983, p.113).

A *Revista Brasileira de Educação* dedicou um número especial, em 1997², a alguns autores que abordavam a juventude e os sujeitos jovens. Nas diversas pesquisas, os autores procuravam situar juventude histórica, social e cultural. Melucci (1997) afirma que “as atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil têm que ser entendidas a partir de uma perspectiva macrosociológica e, simultaneamente, através da consideração de experiências individuais na vida diária (p.5)”. A partir da apreciação de Melucci (1997), outro questionamento acerca deste tema me suscita: *como seria possível apreender as experiências da vida diária dos jovens?*

Considero que, para este trabalho, além de entender a dimensão macro que a autora expõe, seja necessário compreender as ações dos jovens em situações micro, cotidianas. Por isso, escolho pesquisar o lazer dos jovens e sua relação com outros setores de suas vidas (família, educação e trabalho), ou seja: *como a família, a educação e o trabalho se relacionam com o tempo livre dos jovens? Até que ponto o lazer dos jovens é condicionado a estes aspectos?* Na revisão que realizei em algumas das pesquisas disponíveis na revista referida, encontrei subsídios e apontamentos que sustentam essas indagações:

Os estudiosos estão mais preocupados em perceber as formas de um agir coletivo entre os jovens, diversos processos de sua socialização nos espaços da cidade, da rua, do trabalho, da escola. Procuram dirigir suas análises para o reconhecimento do que os jovens, em particular os filhos da classe trabalhadora, são atores sociais portadores de novas identidades coletivas (SPOSITO, 1994 *apud* MARQUES, 1997, p.68).

A proposta de Melucci (1997) ajuda-me a refletir e a entender que, na sociedade contemporânea, “a juventude deixa de ser somente uma condição biológica (p.13)”, tornando-se uma definição simbólica, uma definição sociocultural de ser jovem. Tendo esse entendimento, trago, a seguir, algumas pesquisas elaboradas por autores que procuravam resgatar e problematizar o debate sobre a

² PERALVA, Angelina Teixeira (Org.); SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Revista Brasileira de Educação*. Número especial. São Paulo: ANAPED, 1997.

juventude. O ponto de partida dos estudos é a década de 50, século XX. Marques (1997) expõe que, na sociedade contemporânea, o tema da juventude configura-se como uma das preocupações da modernidade. Nessa perspectiva, o estudo da juventude possibilita a compreensão do agir coletivo das sociedades contemporâneas, visto que

A sociedade não é a tradução monolítica de um poder dominante de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos (MELUCCI, 1997, p.6).

Uma questão que me é suscitada, a partir da exposição de Melucci, é: *até que ponto essa oposição de significados culturais permeia o lazer dos jovens? Será que os diversos significados culturais que os jovens dão ao seu lazer, são produzidos em uma relação de oposição e/ou comunhão destes significados culturais?*

Pretendo discorrer minha escrita a partir da compreensão da relação de oposição (ou comunhão) dos significados culturais, que por muitos momentos foi a mim suscitada pela pesquisa, seja no âmbito bibliográfico, no âmbito empírico - campo onde realizei a pesquisa etnográfica.

1.2 PROBLEMATIZANDO FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO

Visando dar maior amplitude à compreensão da educação, da família e do trabalho como elementos do cotidiano dos jovens, trago alguns dados levantados em uma pesquisa realizada com 3.051 jovens, de ambos os sexos, com idades que variavam entre 15 e 24 anos de idade, intitulada “Perfil da juventude brasileira”, abordada no livro *Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional*³. Esta obra analisou e discutiu, com a colaboração de diversos autores, temas como: escola/educação; trabalho; políticas públicas; lazer e tempo livre; sexualidade e saúde; jovem rural; religião; juventude negra; drogas; identidade jovem; participação democrática. Diante do universo de informações produzidas pela

³ ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

citada pesquisa, limito-me apenas ao levantamento dos dados que veem ao encontro do que trato neste estudo: lazer, educação, trabalho e família.

Quando os jovens foram questionados acerca de “quais as melhores coisas de ser jovem (ABRAMO & BRANCO, 2005, p.379)”, as respostas (espontâneas e múltiplas em %), em números totais, foram: não ter responsabilidades = 45%; aproveitar a vida = 40%; atividades de lazer = 26%; estudar = 26%; ter liberdade = 22%; e trabalhar = 16%. Quando os jovens foram perguntados acerca de “quais as piores coisas de ser jovem (ABRAMO & BRANCO, 2005, p.380)”, as respostas (espontâneas e múltiplas em %), em números totais, foram: não tem nada de ruim = 26%; conviver com riscos = 23%; falta de liberdade = 22%; falta de trabalho = 20%; e controle familiar = 15%.

Quando os jovens foram indagados acerca de “quais são os problemas que mais lhe preocupam atualmente (ABRAMO & BRANCO, 2005, p.380)”, as respostas (espontâneas e múltiplas em %), em números totais, foram: segurança/violência = 27%; emprego = 26%; educação = 6%; e família = 6%. Quando os jovens foram inquiridos acerca de “quais são os assuntos que lhe interessam atualmente (ABRAMO & BRANCO, 2005, p.381)”, as respostas (espontâneas e múltiplas em %), em números totais, foram: educação = 18%; emprego = 17%; esportes = 11%; lazer = 8%; e família = 6%. Diante desse levantamento, e seguindo a proposta desta introdução, tomo algumas discussões teóricas, que de certa forma dão contornos mais consistentes ao entendimento do que se tem produzido sobre os jovens.

Na pesquisa de Marques (1997), a juventude se consolida na sociedade moderna como um espaço separado da vida adulta. O jovem, desde a infância, é conduzido e preparado para assumir um lugar na sociedade adulta, seja como trabalhador ou como condutor dos negócios da família.

O trabalho para os jovens funciona quase que como um *rito de passagem* do mundo infantil para o mundo adulto, mas principalmente, como um projeto de família de melhorar de vida, o que significa encontrar possibilidades de fugir da pobreza (MARQUES, 1997, p.70).

Com um exemplo, elucida-se melhor essa questão:

[...] o caso do filho do mineiro que quer começar a trabalhar na mina o mais rápido possível, porque isso significa entrar no mundo do trabalho dos adultos. (Ainda hoje, uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de aceder o mais rápido possível ao mundo adulto) [...] (BOURDIEU, 1983, p.115).

Ainda no âmbito da família, as considerações de Gomes (1997) e de Peralva (1997) contribuem com o entendimento de que o processo educacional é iniciado na família, e é nela também que apenas se inicia o processo de *estranhamento* “do jovem com os valores da sociedade. Mas é no grupo mais amplo dos amigos e da escola que ele vai perceber as contradições do sistema socioeconômico desigual produzido pelas sociedades capitalistas (GOMES, 1997, p.67)”. Diante desse debate, parece-me que o estranhamento se faz, de certo modo, necessário na demarcação do jovem em oposição, na disputa com valores de sua família (mais novos *versus* mais velhos) e, conseqüentemente, da sociedade. Não entendo o estranhamento como algo bom ou ruim, mas como uma possível forma de oposição pela qual os jovens procuram relacionar-se com a família, e com os valores da sociedade, como a educação e com o trabalho. A este debate, incluo, ainda, as contribuições de Peralva (1997), entendendo que “a juventude aparece como uma configuração própria da experiência moderna” (p.16).

Em outras épocas (não que nos dias de hoje não haja casos semelhantes, como Bourdieu exemplificou), as crianças deixavam a infância e eram inseridas no mundo adulto o mais breve possível, para ajudar no sustento da família. “É a partir daí o momento em que o Estado toma pra si, de forma sistemática, múltiplas dimensões de proteção do indivíduo, entre elas aparece, sobretudo a educação (PERALVA, 1997, p.16)”. Como forma de proteção, trata-se mais especificamente a escola e a responsabilidade que o Estado e a sociedade assumem em qualificar a criança, de formar o indivíduo, um cidadão preparado para a vida adulta. É nesse momento de formação e de transição que “a criança se torna objeto de atenção particular e algo de um projeto individualizado, que de certo modo qualifica o lugar que ela virá posteriormente a ocupar na sociedade adulta (PERALVA, 1997, p.16)”. Isso acaba criando, via educação escolar, de certa forma, a retenção da criança no que diz respeito à sua adesão ao trabalho.

A retenção como forma de proteção (de aceder ao trabalho precoce) e preparação (para o trabalho no futuro) é o que encontrei sob a forma do conceito de

“Condição Juvenil”, exposto em obras de diversos autores (ABRAMO, 1997, 2005; DAYRELL, 2007; MARQUES, 1997; MELUCCI, 1997). A anunciada “Condição Juvenil” é questionada por Abramo (2005), e subsidiada por noções de diversos autores, já que o conceito foi forjado sob as perspectivas educacionais e de (não) trabalho dos jovens burgueses. A perspectiva de “Condição Juvenil” não era vivida de forma homogênea por todos os jovens, ainda mais no que se refere aos jovens das classes baixas ou populares. A partir disso, faz-se relevante se distinguir os conceitos de *condição* e *situação*.

[...] distinção entre *condição* (o modo como uma sociedade constitui a atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional) e *situação*, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (ABRAMO, 2005, p.42).

A noção de *situação* remete ao que efetivamente os jovens fazem para viver a “Condição Juvenil”, ou seja, alguns jovens necessitam trabalhar para pagar pelos estudos em níveis mais elevados (cursos técnicos profissionalizantes ou ensino superior), e/ou ainda contribuir no sustento de suas famílias. Já a noção de *condição*, remete não somente ao significado que a sociedade atribui a um ciclo de vida, no caso os jovens, mas se refere a uma *condição* que trataria homogeneamente os sujeitos. Na *condição*, a juventude seria vivida como um momento de proteção e de preparação, um momento livre de cobranças, no que se refere a acender ao trabalho e contribuir no sustento da família, ou criar sua própria família. Com isso, os jovens, ao postergarem sua entrada no trabalho, e constituição de uma família própria, viveriam uma espécie de “moratória social”, um momento do ciclo de vida livre de cobranças: a juventude (MARGULIS & URRESTI, 1996; HAMMES, 2005). Contudo, tal noção é passível de críticas e de discussões, pois, *será que todos jovens viveriam tal “moratória”?* “Tem-se demonstrado que ao levar em consideração a condição juvenil, os aspectos relativos às desigualdades sociais estão implícitos na noção de ‘moratória’ (MARGULIS & URRESTI, 1996, p.2)”. Os autores ainda apontam que a “moratória social” seria vivida apenas pelos jovens dos estratos médios e altos da sociedade.

Marques (1997), em pesquisa subsidiada por diversos autores, expressava que a educação e o trabalho, mesmo sendo partes das obrigações de alguns jovens, não deixavam “de significar a afirmação de suas identidades, ou abrir a possibilidade de conquistar um espaço de liberdade” (MARQUES, 1997, p.71). Liberdade que se expressava, por exemplo, na tentativa de ter acesso aos bens de consumo (adquiridos a partir do próprio trabalho) e a modos de agir coletivamente, que definem os marcadores sociais. “[Os] jovens nas grandes cidades, nos centros urbanos: o som, o tênis, a roupa, etc. [Assim] [...] a integração no mercado pela via do consumo nem sempre é valorizada pelos pais, marcados pela ética do trabalho árduo em seu processo de socialização (MARQUES, 1997, p.71)”.

No estudo sobre as classes populares que frequentam a escola noturna, Marques (1997) afirma que, “apesar das influências dos meios de comunicação social, da indústria cultural, esses jovens recriam, nos limites de bairro e de suas condições materiais, no seu cotidiano, formas de lazer que garantem sua identidade jovem (p.74)”. A autora concluiu que “a juventude nas classes populares é vivida como um tempo de liberdade, de viver com intensidade todo o tempo livre, o que sobre entre a escola e o trabalho (MARQUES, 1997, p.74)”.

Cabe considerar que, mesmo o trabalho sendo um *rito de passagem* e uma possibilidade de liberdade para o jovem, “os índices de desemprego e de exclusão social tendem a afetar, prioritariamente, as populações menos escolarizadas” (GOMES, 1997, p.54). Esta autora ainda prevê que “as desigualdades escolares repercutem cada vez mais nas oportunidades de emprego disponíveis ao trabalhador e, em especial, ao jovem trabalhador pobre” (GOMES, 1997, p.54). Isso, em parte, explica a atenção que se volta para a educação nas classes, pois é pela educação que o jovem futuramente assumirá seu lugar na sociedade.

Seguindo nessa direção, Bajoit e Franssen (1997) afirmam que “as expectativas e atitudes com relação ao trabalho, ao emprego e ao desemprego são uma dimensão privilegiada pra apreender a crise e a mutação das referências culturais entre os jovens (p.76)”. Os autores, através de entrevistas com jovens franceses, na década de 90 do século passado, constataram que o trabalho continua sendo uma experiência central na socialização do jovem. Nas entrevistas, identificaram que o trabalho cria uma “expectativa básica, e por vezes essencial e sempre importante [para os jovens] (BAJOIT & FRENSEN, 1997, p.79)”. Porém, a partir das experiências e das vivências dos jovens, perceberam que a aparente

homogeneidade das expectativas frente ao trabalho (ganho financeiro e reconhecimento social) tem significados diversificados. Criam-se, assim, expectativas heterogêneas em relação ao trabalho, e, por consequência, uma heterogeneidade de interesses no tempo livre.

“As palavras são as mesmas (trabalho – emprego – desemprego), mas as significações são diversas (BAJOIT & FRANSSEN, 1997, p.79)”. Os autores encontraram nas entrevistas relatos de diversos jovens, neles, por exemplo, o desemprego para um jovem que estudou e se qualificou para o mercado de trabalho pode significar o fracasso em relação às suas expectativas e as de seus pais. Já para um jovem das classes populares, o desemprego significaria um momento de libertação das amarras e imposições do trabalho. Bajoit & Franssen (1997) compreenderam que o trabalho aprisionaria e limitaria o tempo livre dos jovens, assim como o tempo de convivência com seus pares. Consideraram, ainda, que para os jovens com poucos recursos financeiros o trabalho servia para de além de ajudar a família, significava um meio de sustentar seu lazer, com suas práticas e consumos na convivência com seus pares. A partir desse entendimento, a juventude torna-se o período em que as experiências tornam-se afloradas e vistosas aos olhos dos pares, e, sobretudo, é alvo do olhar adulto, sobre aquele que brevemente terá as mesmas responsabilidades.

Família, educação e trabalho são relações do cotidiano dos jovens, e, “se consideradas de formas isoladas, as práticas cotidianas dificilmente se entendem (PAIS, 1990, p.593)”. A partir da proposição de Pais (1990), a questão que me suscita é: *como seria possível compreender o cotidiano dos jovens nesse conjunto de relações?* Considero essas possibilidades indissociáveis para se compreender a relação dos jovens com trabalho, educação e lazer - em suas formas diversificadas de se compreender cada um desses momentos. Com isso, proponho-me a compreender o lazer com um momento do cotidiano dos jovens que não se isola, ou se encerra, em si mesmo.

Da intenção de compreender o cotidiano (trabalho, família, educação e lazer), trago, a seguir, os dados empíricos da pesquisa de Nishimura (2008). Tais dados fazem-me refletir sobre a complexidade dessa relação, e indicam alguns apontamentos dessa complexa e indissociável relação. Nishimura (2008), em trabalho etnográfico realizado com jovens praticantes de vôlei (projeto na periferia da cidade de Porto Alegre), aborda algumas das relações daqueles sujeitos com o

cotidiano, e as implicações que aquele momento de lazer tinha com o trabalho, a educação e suas famílias, a partir do depoimento de um de seus interlocutores:

[...] trabalho é uma coisa que tu depende *né*, tu depende do trabalho então tem que conciliar o trabalho, e tu sabe que sem estudo tu não é ninguém *né*, hoje em dia eu sou auxiliar de serviços gerais, futuramente eu quero ter uma carreira, quero ser alguém, então tem que estudar, como é que tu vai ter uma carreira se tu não tem estudo, então tem que conciliar uma coisa com a outra, e o lazer vem como consequência, o tempo que sobrar aí a gente usa como lazer (NISHIMURA, 2008, p.35).

A articulação da relação entre trabalho (obrigação) e educação (preocupação) parece-me estar fortemente ligada ao tempo de lazer (o tempo que sobrar). Este sendo até certo ponto condicionado a essas outras dimensões da vida do jovem, na qual todas fazem parte de sua “Condição Juvenil”:

[...] para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantido o mínimo de recurso para o lazer, o namoro ou o consumo. Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar. As relações entre trabalho e estudo são várias e complexas, e não se esgotam na oposição entre os termos [...] o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil (DAYRELL, 2007, p.1109).

Nishimura (2008) descreveu o relato de seu interlocutor em relação à preocupação daquele jovem com a família e a liberdade para circular pela cidade de Porto Alegre, em busca de um jogo de vôlei:

[...] em uma fala de Pedro estas relações são vistas por ele no sentido do ‘eu sou solteiro eu sou mais livre, *né*. Eu não preciso me preocupar com família, em geral filhos *né*, porque em geral a maior parte das pessoas com minha idade já têm dois, três filhos dependendo’ (NISHIMURA, 2008, p.39).

A partir de dados empíricos de outras pesquisas, percebo uma relação entre as dimensões da vida dos jovens. Parece-me que educação, trabalho, família e lazer são fios (assim como a noção weberiana de Geertz, 1989) amarrados a uma teia de

significados tecida por jovens que se enlaçam à ela ao mesmo tempo em que a tecem e lhe conferem sentido.

1.3 CULTURAS JUVENIS

A fim de entender o que são as culturas juvenis, procuro trazer algumas proposições de autores que tratam do tema com o intuito de compreender a constituição das culturas, das subculturas juvenis e de seus grupos.

Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática (MELUCCI, 1997, p.12).

A característica que me parece pertinente de ser compreendida é a de que os movimentos juvenis aproximam-se por afinidades e por ações de interesse coletivo, como, por exemplo, grupos políticos, religiosos ou mesmo de sociabilidade no lazer.

Cada vez mais a juventude se apresenta como uma problemática cultural e política. Suas novas formas de ação, seus modos espetaculares de existir através da música, dança, vestuário, indicam que esses jovens paradoxalmente buscam a integração, mesmo que essa integração se faça pela inserção no mundo do consumo, da produção de imagens, símbolos, etc. O apelo ao consumo, estimulado pela indústria cultural, colabora para que esses jovens entrem precocemente no mundo do trabalho e, algumas vezes no mundo da droga e da criminalidade. Todos esses espaços por onde o jovem vai construindo e/ou afirmando a sua identidade são importantes como potencialidades de gerar novas identidades coletivas (MARQUES, 1997, p.68).

A partir dessas relações é que “os jovens se mobilizam para retomar o controle de suas próprias ações, exigindo o direito de definirem a si mesmos e contra os critérios de identificação **impostos de fora** [grifo meu] (MELUCCI, 1997, p.13)”. Os interesses dos jovens, além de próprios e comuns, passam pela necessidade que têm de se desvencilhar dos estigmas e amálgamas, em grande parte impostos “de fora”, a partir das concepções que os adultos têm sobre os eles e

sobre os diversos grupos juvenis. Com essas contribuições, entendo não ser possível homogeneizar a juventude, levando em conta seus interesses e as formas de agir de cada movimento e de cada grupo juvenil, já que esses se apropriam dos diferentes produtos culturais, distinguindo-se social e culturalmente de outros movimentos e grupos.

A partir dos anos 90 (do século XX), e atualmente, os pesquisadores, ao estudarem as culturas juvenis, tomam como interesse, além das experiências de classe social, temas como: discussões sobre gênero, estilos de vida e representações dos grupos culturais. O jovem vive em:

Um mundo novo, no qual as categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. [O pesquisador, ao] interrogar essas categorias, permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo particular, mas também da transformação da sociedade (PERALVA, 1997, p.23).

Nas comunidades estudadas por Pais (1990), o pesquisador percebeu que há *regras explícitas e implícitas* que indicam quais jovens podem participar de determinadas sociabilidades e ocasiões. “As regra que *excluem* os jovens de participar em determinadas sociabilidades são tanto ou mais significativas do que as que permitem sua participação (PAIS, 1990, p.642)”. O mesmo autor concluiu que, em qualquer uma das comunidades por ele estudadas, as sociabilidades juvenis apresentam sinais de exclusividade. Com isso, a participação dos jovens nessas redes não é aberta, possuindo fronteiras sociais. Especificamente, Pais (1990) aponta as fronteiras de classe entre um grupo e outro, entre os por ele estudados. Fronteiras estas que os próprios jovens procuravam manter. É assim que, também,

Nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser, que os diferenciam [...]. [Os] jovens elaboram subjetividades coletivas em torno das culturas juvenis (DAYRELL et. al. 2008, p.30).

Ainda na pesquisa de Pais (1990), o pesquisador, ao se debruçar sobre algumas práticas culturais dos jovens no momento de lazer, descobre que os jovens não participam do mesmo tipo de práticas sociais e culturais. Eles as vivem de

formas diferentes, e “que diferentes práticas de lazer estão na base de diferentes culturas juvenis e vice-versa; que os fundamentos de constituição, instituição e legitimação sociais dessas práticas variam de contexto para contexto (PAIS, 1990, p.640)”.

As práticas socioculturais acabam por legitimar distinções *intrageneracionais*, ou seja, as distinções sociais passam a ser conferidas por elementos outros, além da geração dos jovens, como, por exemplo, trabalho, classe social, formação escolar (ou a falta dela), gênero, etnia, capitais (social, simbólico, cultura e econômico). Dessa maneira, a socialização dos jovens no âmbito do lazer origina diferentes culturas juvenis. Dayrell et. al. (2008), em sua pesquisa, considera:

Se refere ao lazer juvenil como experiência cultural coletiva, deve-se reportar a centralidade do grupo de pares no processo de formação humana. A convivência em grupos possibilita a criação de relações de confiança; [...] [e] aprendizagem das relações sociais (p.30).

“Embora o lazer como fruição do tempo livre não seja uma prática cultural exclusiva dos jovens, esta parece ter se tornado um elemento importante da representação construída a respeito do jovem na sociedade atual (PEREIRA, 2007, p.14)”.

Finalizando esse tópico no que diz respeito à pesquisa sobre o lazer dos jovens, Pais (1990) pondera que o pesquisador que quiser falar de juventude e não tratar do lazer deve calar-se sobre o tema. Sendo assim, tendo referências nessa temática e preocupação na área de Educação Física, entendo que a prática de esportes no lazer dos jovens é uma dimensão integrante da vivência do lazer na juventude.

1.4 O SKATE COMO PRÁTICA NO LAZER DA JUVENTUDE

No âmbito dos achados acadêmicos que tive até o momento acerca do *skate*, minha proposta é pesquisar, no contexto dos *skatistas*, o esporte referido enquanto prática no lazer dos praticantes. A partir de meu contexto de pesquisa, viso

compreender como o *skate* passa a fazer parte da vida dos jovens, explorando a prática no lazer dos *skatistas* e as implicações que ela tem em relação aos outros aspectos do cotidiano dos jovens.

O *skate* é uma prática de esporte e lazer no contexto urbano. O uso do *skate* e sua prática se dão em rampas (*half*), em ruas (*street*), em pistas livres do atrito, próprias para a prática do esporte; ou em toda a superfície que permita o deslize: escada, corrimão, passeios, praças e adaptações de obstáculos construídos em pistas específicas para a prática do *skate*.

Os *skaters* fogem do atrito, mas a ocupação que fazem da rua afronta o convencional. De fato, o *skateboard*, libertando-se das convenções urbanas estabelecidas, afronta simbolicamente a “gestão urbana”, viola a imposição que sustenta a necessidade de um recinto desportivo para a prática de um qualquer desporto clássico. Depois, há todo um conjunto de expressões linguísticas que reforçam uma pertença grupal. Muitas delas são de origem anglo-saxônica e vulgarizadas em revistas da especialidade [...]. Ao vê-los no *bowl* (abóboda que é estuário do *half*, corredor de transição que leva ao *bowl*), o que ressalta é um deslize em voo, numa espécie de “não-lugar”, que eles tragam na velocidade do deslocamento. Os *skaters* procuram retirar o máximo de possibilidades de deslize de um conjunto de superfícies. As dificuldades do percurso são transformadas em oportunidades de manobra. O móbil é contornar os obstáculos do percurso, como se estivessem a exercitar capacidades para contornar atritos da vida real (PAIS, 2008, p. 243-244).

Em vista da intenção de estudar o contexto da juventude, o contexto do *skate* aparece como um interessante campo de investigação. Opto por esta prática por ela estar fortemente ligada aos jovens, conforme identifiquei em alguns estudos anteriores: Bastos (2006), Figueira (2008), Uvinha (1997) e Velozo (2009) investigaram essa modalidade esportiva, a partir de diferentes perspectivas e interesses de investigação. Entretanto, todos os citados autores relacionam a prática do *skate* com um público usuário, produtor e/ou consumidor de um *estilo de vida* de ser *skatista* (BASTOS, 2006), associado e direcionado aos jovens. Pais (2008), ao estudar culturas juvenis, encontrou no *skate* uma de suas expressões. Assim, com a compreensão ampliada e subsidiada por diversos autores, busco nos jovens que praticam o *skate* o lugar concreto de minha investigação.

1.4.1 SKATISTAS: *VIVER DO SKATE*

Nos trabalhos sobre a prática do *skate*, basicamente, o foco dos pesquisadores o abordava como prática esportiva, como os sujeitos “vivem do *skate*”, como o vivenciam e como consomem os produtos oriundos do mercado do *skate*. Além disso, também se investigava o significado do *skate* na vida dos *skatistas*; o tempo como referência à noção de *skate* enquanto esporte de competição e, por vezes, trata-se o *skate* como uma prática no lazer. Contudo, os pesquisadores não consideravam o *skate* uma prática única traduzida pelo esporte de competição - *concepção oficial* (STIGGER, 2002). Eles entendiam a prática como diversificada em seus estudos. Mesmo que o enfoque de seus trabalhos tenha sido o *skate profissional*, não deixaram de tratar (ainda que superficialmente) o *skate* como uma prática de lazer, associada a um *estilo de vida*.

Era no lazer que seus sujeitos de pesquisa tinham o primeiro contato com o *skate*, e a partir disso surgia o interesse dos sujeitos pela prática. Por meio deste interesse, conforme observou Bastos (2006), os sujeitos saíram de seus bairros para passar a *viver do skate*. Competindo em um circuito profissional, iniciaram suas práticas como atividades de lazer:

Os informantes relatavam que conheceram o *skate* por intermédio de familiares e/ou vizinhos; que nesses primeiros momentos a sua relação com a técnica de *skate* era que (senão totalmente) uma brincadeira, embalar a andar sentado, descer lombas; que as informações eram precárias e que os companheiros das primeiras jornadas, em sua grande maioria abandonaram o *skate* (BASTOS, 2006, p.52).

O estudo de Figueira (2008), cujo foco é os materiais midiáticos voltados para mulheres interessadas pelo *skate* e produzidos por mulheres profissionais do *skate*, buscou saber como os sujeitos de pesquisa construíam seu espaço dentro de um campo preponderantemente masculino. Figueira (2008), assim como Bastos (2006), orientou seu trabalho sob a noção de *estilo de vida* de ser *skatista* associado à juventude. Já na pesquisa de Oliveira (2009), o foco de estudo são os sujeitos que vivem do *skate*, mas não como praticantes da modalidade, mas sim como participantes do *Projeto Cadeia Produtiva do Skate*. No projeto, os participantes

recebem formação profissional para confecção e produção de materiais para a prática do esporte (camisetas, tênis, o próprio skate - *shape*⁴, rodinhas, lixas etc.-, rampas e, até mesmo, pistas). O enfoque do referido projeto era a formação de mão de obra qualificada e autônoma para este nicho do mercado de trabalho.

Nos trabalhos de Uvinha (1997)⁵ e Velozo (2009)⁶, é possível encontrar sincretismo entre os sujeitos que usufruem do *skate* como prática no lazer e os sujeitos que se envolvem em competições, sejam amadoras ou profissionais. Pelo consumo do *skate*, pela intensidade de práticas, os praticantes da modalidade procuram se espelhar e se aproximar dos modelos de *skatistas* de alto nível, que recorrentemente estão na mídia. Fala-se em sincretismo porque ambos os autores, por vezes, ao longo de seus textos, usam a expressão “praticantes de *skate*” e, em outros momentos, “*skatistas*”, sendo as duas expressões usadas para caracterizar seus sujeitos de pesquisa, sem fazer distinção entre uma e outra.

Neste trabalho, procuro aproximar-me das proposições de Bastos (2006), que em sua dissertação não faz distinção de quem é ou não é *skatista* (ou de quem é mais *skatista* do que outro). O autor procurou não generalizar um público que anda de *skate* no lazer e aqueles que *vivem do skate*, sendo os últimos seus sujeitos de pesquisa, os quais passam a *viver do skate* quando saem do bairro e integram um meio profissional do *skate*.

1.5 PROBLEMA DE PESQUISA E QUESTÕES OPERACIONAIS

Neste momento, exponho as questões que procurei responder ao longo da pesquisa etnográfica, elas foram concebidas e formuladas a partir de três momentos: 1°. fundamentação teórica exposta na introdução; 2°. qualificação da pesquisa enquanto projeto, em agosto de 2011; 3°. pesquisa de campo, a partir das observações e convivência com os jovens praticantes de *skate*.

Como problema de pesquisa, apresento as seguintes questões:

⁴ Tábua do skate, superfície onde os praticantes apóiam seus pés.

⁵ Pesquisa realizada com praticantes de *skate* do ABC paulista, cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

⁶ Sobre estudantes de uma escola da cidade de Lisboa/Portugal, que praticavam o *skate*.

Quais significados estão em disputa entre aqueles que praticam o skate no lazer, em um espaço público comum a diversos praticantes de skate (a pista)?

Como esses significados fazem parte do cotidiano dos jovens, na relação como outras dimensões de suas vidas?

A partir dessas questões, elaborou-se outras, a fim de operacionalizar a pesquisa:

- *Quem são os jovens que praticam skate no lazer?*
- *Como se organizam, distribuem-se pela pista?*
- *Como se hierarquizam no grupo?*
- *Como disputam as práticas do skate, e como é a convivência com outros jovens em um espaço público comum a eles (a pista)?*
- *Como os significados do skate se relacionam a outros aspectos do cotidiano dos jovens (educação, trabalho, família)?*

No próximo Capítulo, desenvolvo a metodologia desta pesquisa, indicando o que fiz (e o que não fiz), visando responder às questões supracitadas a partir da pesquisa etnográfica.

2 METODOLOGIA

Neste Capítulo exponho a pesquisa etnográfica, opção metodológica sob a qual realizei a pesquisa de campo. Procurei seguir alguns pressupostos teórico-metodológicos relacionados às questões desta pesquisa, que se reformularam ao longo do processo de investigação.

O momento de pesquisa em campo só se tornou possível a partir de uma sustentação teórica desenvolvida junto aos meus colegas do GESEF⁷, em debates que se iniciaram a partir de minha entrada no mestrado, no segundo semestre de 2010, no foi realizado o “Seminário Avançado: etnografia em Educação Física, Esporte e Lazer”, e por todo o ano seguinte, com o “Seminário Avançado: Antropologia urbana e estudos sobre Esporte e Lazer na cidade”. Em ambos os momentos de formação, se abordou e se discutiu textos que contribuem à pesquisa etnográfica em contexto urbano. Contexto no qual, posteriormente, desenvolveu-se minha pesquisa.

Brevemente, exponho alguns temas discutidos por autores que remetem ao fazer etnográfico e às suas implicações, repercussões que poderiam ocorrer durante a convivência com os “nativos de carne e osso (FONSECA, 1999, p.58)”. Em suma, os textos remetem aos conflitos e aos desafios decorrentes deste tipo de pesquisa (etnográfica), e também a elementos outros, como: campo, prática, experiência, estranhamento, observação direta, contexto social, diário de campo, totalidade, reflexividade, cotidiano, outro dos outros, interações nos tempos e espaços de lazer, e práticas esportivas em contextos urbanos. A partir desses elementos é que foi possível, para mim, realizar uma pesquisa etnográfica, “usufruindo de suas técnicas de pesquisa que são singulares ao método da pesquisa qualitativa (ROCHA & ECKERT, 2008, p.9)”, que, segundo as autoras, consiste de técnicas de observação direta, participante e produção de dados.

Um trabalho prático em campo, no qual convivi/interagi com os sujeitos de minha pesquisa (jovens praticantes de *skate*) na pista de *skate* do bairro IAPI, localizado na zona norte de Porto Alegre, no período de julho de 2011 a março de

⁷ Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física, da Escola Superior de Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Grupo coordenado pelo professor Dr. Marco Paulo Stigger.

2012, em que recorri à observação direta⁸ dos sujeitos em ação no contexto investigado.

Valendo-me da observação direta, a cada encontro produzi um diário de campo. Ao todo, escrevi 70 diários de campo, entre julho/2011 e março/2012, somando mais de 200 horas de observação direta. Nos diários, procurei seguir o que Rocha e Eckert (2008) e Winkin (1998) propuseram: o diário para além de um espaço de relato e de escrita. Como pesquisador, procurei avaliar minha conduta em campo, os acertos e os equívocos que tive ao longo da convivência com os jovens praticantes de *skate*. O diário foi o espaço em que relatei e refleti sobre essa experiência singular de minha formação:

Um diário é escrito em duas colunas: a da direita é para vocês, a coluna da esquerda é pra as sucessivas releituras e pra os comentários [...] É preciso que o diário seja privado que só vocês tenham o direito de lê-lo e relê-lo. [...] A segunda função do diário é empírica, Nele vocês anotarão tudo o que chamar sua atenção durante as sessões de observação. [...] A terceira função é reflexiva e analítica. Vocês vão rere-se regularmente e fazer anotações (à esquerda) [...] impressões e regularidades (WINKIN, 1998, p. 138-139).

Os momentos de releitura, análise e reflexão sobre os jovens daquele contexto (empírica da pesquisa), somados às discussões teóricas ao longo dos Seminários dos quais referi e aos textos abordados em algumas disciplinas (parte epistemológica da pesquisa), permitiram-me perceber as regularidades, e sistematizar a pesquisa em campo. Por meio desse processo, constatei minhas falhas e meus acertos e, a partir disso, pude focar minha perspectiva de investigação no objeto, ou melhor, nos sujeitos (jovens praticantes de *skate*) a quem me propus a estudar.

Em minhas primeiras observações, consegui contato com sujeitos presentes na pista: deram-me informações interessantes, conforme exposto no relato de meu primeiro dia de observação. Neste, encontrei dois primos andando de *skate* na pista, apesar de ser um dia de uma chuva intensa na cidade de Porto Alegre:

⁸ [...] “observação direta é, sem dúvida, a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social e para reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. Trata-se de se engajar em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos (ROCHA & ECKERT, 2008, p.10)”.

Marcelo: Vocês andam sempre aqui?
 Sérgio⁹: Olha, eu ando de *skate* desde os 10 anos, tô com 32 agora, ele é meu primo, tô trazendo ele aqui pra conhecer a pista!
 Marcelo: Tu mora aqui por perto?
 Sérgio: Eu moro no centro, mas tô quase sempre por aí, no fim de semana! (DC.¹⁰ 02/07/2011).

Marcelo: Eu vou começar a vir aqui aos sábados. Quando tu está por aí?
 Francisco: Bah, eu venho sempre no sábado. Na correria da semana fica ruim de vim pra cá. Eu sou professor do Estado, moro longe daqui, e faço 40h na escola, aí não tem como estar muito seguido, mas nos sábados eu tô sempre aí! (DC. 09/07/2011).

Essas informações, apesar de tê-las recebido de sujeitos adultos, deram-me perspectiva de continuidade, empenhando a observação nos finais de semana. Foi perceptível, ao longo do tempo, pela sistematização das observações, que os finais de semana e feriados evidenciavam-se como dias propícios para a observação, já que o público que procurava a pista se concentrava em maior número nesses dias. Observa-se que os sujeitos inicialmente encontrados na pista, embora tenham afirmado serem exímios frequentadores, não foram lá localizados com a frequência que anunciaram ter.

Somente com a continuidade e a assiduidade em campo pude perceber que “o trabalho em campo é dramático porque as predisposições subjetivas e o aparato reunido nos bastidores são postos em questão. O solo do campo não foi configurado para amparar sua consistência, para acolher seus princípios (SILVA, 2009, p.177)”. Entretanto, apesar do deslize inicial, que poderia ter causado mais problemas do que informações pertinentes à pesquisa, adentrei em campo seguindo as propostas de Winkin (1998).

Ao pesquisar na pista de *skate* do bairro IAPI, percebi que era um lugar onde poderia ir e vir à vontade, mesmo que algumas vezes não me sentisse à vontade na interação com os jovens praticantes de *skate*. Contudo, ainda assim a pista era um lugar acessível, e compreendi como é possível sistematizar a observação.

Elaborei, primeiramente, “mapas” espaciais e temporais, como Winkin (1998) sugere. O mesmo autor ainda é enfático ao expor a necessidade do pesquisador

⁹ O nome de todos os colaboradores desta pesquisa são fictícios, a fim de preservar suas identidades. Apesar de reiteradamente os jovens querem se expor, dizer quem são, tomo esta opção para evitar possíveis constrangimentos, em alguns momentos deste escrito.

¹⁰ Diário de Campo.

estar em campo: “a partir do momento que estão fazendo o trabalho de campo, é obrigarem-se constantemente a fazer ida-e-volta entre a prática que estão vivendo e a teoria que lerão paralelamente (WINKIN, 1998, p.134-135)”.

Com obrigatoriedade de estar em campo e fazer a ida-e-volta, procurei disciplinar minhas idas a campo e os horários das observações, e até mesmo meu “itinerário” em campo - nas primeiras observações, observei de perto cada um dos espaços que consegui identificar na pista: a “entrada” (parte mais ampla da pista, cercada por um muro de cerca de 50 centímetros de altura e sob a sombra de algumas árvores, já dentro da pista é composta por caixotes, barras horizontais, obstáculos de solo), a escadaria (que dá acesso à pista, próximo a ela há uma escadaria menor, que é um dos obstáculos da pista) e as rampas (um pequeno complexo composto por rampas, minirampas e *half*; obstáculos que permitem manobras aéreas). Inicialmente, permaneci, aproximadamente, meia hora em cada um desses espaços, observando as pessoas e as suas práticas, que também trato mais adiante quando descreverei a pista e seus frequentadores.

Devido às dificuldades que tive ao iniciar a investigação, o que me foi possível e viável, em um primeiro momento, foi observar a pista em geral, ou seja, não me atendo a sujeitos específicos ou ações pontuais. Pautei minha observação na busca por regularidades, a partir das ações coletivas. Com o engajamento na pesquisa de campo, a observação direta (ROCHA & ECKERT, 2008) dos jovens praticantes *skate* e dos demais sujeitos que frequentavam a pista tornou-se uma forma privilegiada, através da qual, aos poucos, descobri e reconheci as ações e representações coletivas, bem como os contrastes culturais e as contradições sociais que permeavam o contexto investigado.

Hoje é um dia atípico de inverno, pois o sol predominou desde as primeiras horas do dia, e talvez isso tenha favorecido a busca da pista por tantas pessoas. Esse grande movimento, em parte, me deixou assustado, pois na semana anterior eu não havia encontrado ninguém, devido à chuva, com isso a pista estava vazia (livre só para mim), me senti à vontade naquela oportunidade, mas hoje me senti incomodado, e até certo ponto acuado. Com isso, procurei ficar posicionado logo na “entrada” da pista, comecei a observar primeiro aqueles que estavam mais distantes de mim, pois não queria causar uma má impressão aos que estavam mais perto, já que eu era o único sujeito que estava “dentro” da pista sem um *skate*. Havia muitas pessoas sem *skate*, observando, mas todas estavam fora da pista, sentadas nos muros, em cadeiras, em bancos ou na escadaria que dá acesso à pista (DC. 02/07/2011).

No citado excerto, exponho alguns de meus limites iniciais na observação direta. Procurei transformar esses limites em dados para a pesquisa, por isso algumas das descrições que apresentarei adiante são construídas a partir do momento em que traço as linhas gerais desse contexto sociocultural. As limitações iniciais exigiram de mim um trabalho de paciência: encontrava-me dentro da pista, mas não próximo o suficiente para um contato que pudesse inspirar a confiança dos sujeitos. Então, procurei seguir o aprendizado que Foote-Whyte (1980) teve em sua pesquisa: “você faz essas perguntas e as pessoas irão se calar diante de você. Se as pessoas o aceitam, você pode perambular por todo canto e a longo prazo vai ter as respostas que precisa sem fazer perguntas (p.82)”. Valendo-me desse conhecimento, e dentro de meus limites de interação (eu não era e não me tornei um praticante de *skate*), procurei observar diretamente, e posteriormente descrever aquele contexto em meus Diários de Campo.

Pela observação direta e pela descrição, apreendi o contexto, somando a pesquisas já desenvolvidas no local ou pelo tema, além dos discursos dos nativos, abarcando, assim, uma gama de “dados empíricos e conceituais, coletados e interpretados (ROCHA & ECKERT, 2008, p.13)”. Isso me possibilitou dar inteligibilidade ao contexto, voltando meu olhar aos sujeitos investigados e dando voz a eles. Por certo, algumas vezes minha capacidade de observação e de inserção no contexto ficou limitada, mas, a partir do que já havia construído em observação, compreendi determinadas situações, não a partir do que eu esperava que acontecesse, mas do que efetivamente aconteceu na pista.

Abaixo, descrevo um trecho de um diário de campo, produzido a partir da observação de um evento ocorrido na pista.

Eu vou embora relativamente cedo, tendo em vista minhas últimas observações, que iam até a noite. Mas, no caminho que faço da escadaria até a parada de ônibus, penso que há muita gente na pista. Um grande movimento de pessoas produz um grande número de informações para o pesquisador, mas isso não significa necessariamente que este montante de informações possa ser apreendido. Eu vou embora tendo consciência que as informações produzidas hoje saturaram minha capacidade de apreendê-

las e de ordená-las de forma que façam sentido para os sujeitos que estou acompanhando. Pelo que percebi, no caso do grupo dos “calças coladas”¹¹, o evento significou que o espaço deles estava ocupado por *outros*, impedindo que eles o ocupassem, se não impedindo completamente sua prática de *skate* (DC. 10/12/2011).

Essas observação e descrição são partes necessárias, pois pude apreender o significado do contexto para os sujeitos investigados, e também são as formas pelas quais procurei descrever e interpretar os fatos.

O pesquisador não apenas se depara com o significado do arranjo nativo, mas, ao perceber esse significado e se conseguir descrevê-lo nos seus próprios termos, é capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção. (MAGNANI, 2009, p.134).

Mas acredito que meu estranhamento de alguma forma me “cegou”, pois só via pessoas andando de *skate*. De certo modo, não consegui captar as peculiaridades daqueles que estavam distantes de mim, por isso os relatos deste diário não estão em uma ordem factual: relato o que consegui, minimamente, observar e traduzir (DC. 09/02/2011).

Apenas pela observação direta e continuada em campo, por um período de nove meses, foi possível superar minhas limitações iniciais, que necessitei reconhecer ao longo do processo de investigação, e descrever neste momento, a fim de apreender a totalidade da pista e dos sujeitos daquele contexto.

Uma característica da totalidade como pressuposto da etnografia diz respeito à dupla face que a apresenta: de um lado, a forma como é vivida pelos atores sociais e, de outro, como é percebida e descrita pelo investigador (MAGNANI, 2009, p.137).

Ao ousar investigar um contexto e uma prática nos quais não tinha qualquer familiaridade, busquei observar, descrever e interpretar a partir dos meus limites e de minhas possibilidades, a fim de tornar inteligível o *skate* (em sentido amplo):

¹¹ Grupo de jovens que acompanhei, e que abordo em profundidade no Capítulo 4.

Assim uma *totalidade* consiste em termo de etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é reconhecida pelo investigador, podendo ser descrita em termos de *categorias* (MAGNANI, 2009, p.138 [grifos meus]).

As categorias de análise que consegui interrogar (PERALVA, 1997), e posteriormente construir, foram elaboradas sob a perspectiva de um pesquisador que nunca foi adepto do *skate*, mas que engajado em uma experiência em campo, procurando dar voz aos sujeitos investigados, ampliou sua perspectiva de compreensão da *totalidade* daquele contexto. “A **totalidade** não constitui um recorte empírico, é mais um pressuposto, uma condição da pesquisa, mas pode se apresentar e desdobrar na forma de arranjos identificáveis que permitem descrever alianças, *links*, redes (MAGNANI, 2009, p.152)”.

Nas categorias de análise que construí, que se tornaram os Capítulos e subcapítulos desta dissertação, procuro fazer a *descrição densa*¹² dos espaços, dos sujeitos e das práticas. Frente a isso, segui a proposta de Geertz (1999), que, em linhas gerais, explica que não são as técnicas e os processos de coleta e de produção de dados que determinam ou caracterizam uma etnografia, mas sim “o esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’ (p.15)”.

Todas as categorias de análise que se transformaram na *descrição densa* serão dadas *a posteriori*, por vezes concomitantes ao trabalho de campo, no qual “determinado tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual, e em algum momento [...], os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado (MAGNANI, 2009, p.135)”.

As categorias que elaborei foram inesperadas, quando iniciei a pesquisa. Até certo ponto, não dão tanta ênfase aos aspectos inicialmente pensados (educação, trabalho e família), mas eles permeiam, aos poucos, os fragmentos ao longo da *descrição densa*. Esta, elaborei em forma de Capítulos e de subcapítulos, apenas como forma de ordenamento do contexto em um texto literal. No entanto, dificilmente poderia dissociá-los, ou dar um arranjo em que um Capítulo ou um subcapítulo fosse

¹² Geertz (1989), em “*A interpretação das Culturas*”, no primeiro Capítulo, propõe uma teoria interpretativa da cultura, tomando de empréstimo a noção de *descrição densa* de Gilbert Ryle, na qual expõe o exemplo clássico das piscadelas de olhos. Assim, a *descrição densa* seria entender o significado de uma piscada de olhos, para uma determinada cultura, em um determinado contexto.

entendido isoladamente, sem a compreensão da *totalidade* exposta pelo conjunto dos demais.

As categorias de análise expostas adiante só se tornaram possíveis de descrição, de materialidade em palavras, a partir do momento em que fui imbuído dos pressupostos teórico-metodológicos que a pesquisa etnográfica evoca. A *observação direta*, a *sistematização*, a *descrição*, a *reflexão* e a *totalidade* só foram possíveis a partir de minha experiência central e singular em campo, onde pude avaliar e refletir sobre minha experiência no contexto investigado. Partido disso, adiciono, à metodologia desta pesquisa, um subcapítulo, contemplado no próximo item.

2.1 ESTAR EM CAMPO: FAZENDO UMA PESQUISA ETNOGRÁFICA, SENDO O PESQUISADOR

Acredito que neste momento de escrita se faz necessário o relato de minha experiência em campo. Recordo-me que, na qualificação desta pesquisa, em agosto de 2011, o professor Dr. Vicente Molina Neto (membro avaliador, na ocasião) questionou-me: *qual é o teu envolvimento com o skate? Tu fazes, ou já fez parte de algum grupo urbano? Já praticou esse esporte?* A resposta para todas as questões é única e simples: “não”. Nunca participei de nenhum grupo urbano, tão pouco fui adepto da prática do *skate*. Contudo, por que me interesse por pesquisar os jovens que praticam o *skate*? Para responder a essa questão, recapitulo:

Eu necessitava encontrar um espaço público próprio para o encontro de jovens. Fiz algumas buscas em minha cidade (Canoas), e em outra da região metropolitana de Porto Alegre (Sapucaia do Sul e São Leopoldo), sem muito sucesso. A partir da indicação de meu orientador acerca da pista de *skate* do bairro IAPI, efetivamente encontrei um espaço público onde os jovens se socializavam. O próximo passo foi fazer a rotina de entrada em campo. Porém, *como seria possível investigar um campo estranho para mim? Como adentrar neste campo de pesquisa?*

Desde o princípio da pesquisa, apesar das recorrentes investidas de meu orientador para que me torna-se um praticante de *skate*, para possivelmente ter mais facilidade em adentrar em tal campo, fui resistente à ideia. E também, desde o

princípio da investigação, coloquei-me na situação de pesquisador. Com isso, não assumi nenhum outro papel ou função social naquele contexto (seja como praticante de *skate*, espectador ou alguém que *vive do skate* – como fotógrafo, *videomaker*¹³, agente, vendedor ou algo semelhante), já que “não há necessidade de desempenhar um papel profissional (WINKIN, 1998, p.140)”. Valendo-me desse pressuposto, até o momento final do trabalho de campo procurei me identificar e ser reconhecido pelos jovens praticantes de *skate* (colaboradores da pesquisa em campo).

Ser pesquisador, na pista, gerou diversas situações (recíprocas) de estranhamento. De minha parte, o estranhamento passava pela maneira através da qual conseguia apreender e sistematizar os significados daquele contexto, a partir da perspectiva dos jovens praticantes de *skate*, deixando de lado meus “prés”, mas sem deixar de reconhecê-los, não como algo positivo ou negativo, mas como algo que me limitou na inserção ao contexto. Por parte dos colaboradores, o estranhamento se deu a partir do momento em que um sujeito estranho, e “de fora” do contexto, aproximou-se deles e os tentava compreender, algo que, segundo relatos, não é comum, nem recorrente.

Assumi o papel de pesquisador tanto pela não vivência anterior na prática do *skate* quanto pelas primeiras observações, pois, conforme Rocha e Eckert (2008), o pesquisador ao não se identificar como tal para os sujeitos do contexto investigado acaba por comprometer ou colocar em risco os dados produzidos na convivência com os nativos. Além do risco, no que se refere aos dados obtidos, outro risco apresentava-se na forma de perda da confiança dos colaboradores da pesquisa.

No longo prazo da pesquisa, percebi que um praticante de *skate*, para ser reconhecido como tal, necessitava de um repertório de aprendizados (adquiridos na relação com praticantes mais velhos e experientes) e ensinamentos (repassados aos menos experientes, em geral sujeitos mais novos, sejam eles crianças ou outros jovens iniciantes). Esse posicionamento gerou-me possibilidades e limites na inserção nos grupos. Tive, por exemplo, resistência no contato com os “calças largas” - alguns deles foram colaboradores na pesquisa de Bastos (2006 - caso de Carlinhos, o “calça larga” que mais tive contato na pista). Bastos (2006) não relata, em sua pesquisa, qualquer dificuldade de inserção e de acompanhamento deste

¹³ Sujeito que filma, tira fotos e produz vídeos dos *skatistas*, que, em grande parte, podem ser vistos pelo *site* youtube.com.br

grupo. Muito pelo contrário, ao se identificar como um *ex-skatista*, conhecido e reconhecido pelo meio, seu interesse em pesquisá-los foi muito bem aceito.

A fim de superar minhas limitações, no que se refere a determinados acessos, e cobrir as possíveis lacunas que a observação direta não tenha sido capaz de atender, realizei duas entrevistas semiestruturadas, “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem perder a indagação formulada (MINAYO, 2008, p.64)”, na própria pista.

A primeira entrevista foi realizada com Rogério, um “skatista das antigas”, que voltou ao *skate* e hoje é um dos comerciantes de produtos de *skate* na pista, além de patrocinador de alguns jovens praticantes “calças coladas”. A ele, as questões que produzi voltavam-se ao comércio de *skate*, bem como ao seu envolvimento e ao envolvimento de sua família com o *skate*. A segunda entrevista foi coletiva, com a participação de quatro jovens praticantes “calças coladas”. A eles, formulei questões que se referiam à convivência com outros grupos na pista, à família, à educação e ao trabalho. Por vezes, um procurava complementar a resposta do outro. As questões foram todas respondidas, ora com maior, ora com menor densidade, mas atenderam à expectativa de produzir informações para além da observação direta.

Angrosino (2009) contribui à compreensão da resistência a um pesquisador e aceitabilidade de outro: “diferentes etnógrafos, que trazem por assim dizer suas próprias bagagens, produzirão imagens diferentes daquilo que observam, [...] não favorecem a homogeneidade cultural ou social (p.27)”. Assim, enquanto Bastos (2006) acompanhou tais sujeitos e os descreveu como *skatistas* que *vivem do skate*, eu descrevia como “praticantes mais velhos” ou como “praticantes que andavam na entrada da pista”. Apenas no decorrer da pesquisa, na aproximação com os “calças coladas”, pude os denominar de “calças largas”, como o *outro* em relação aos primeiros, que foram os que acompanhei.

A aproximação com o grupo dos “calças coladas” possibilitou-me conhecer seus *códigos sociais*, expressões nativas etc. Ao aproximar-me desse grupo peculiar de jovens praticantes de *skate*, os tive como colaboradores em minha pesquisa. Procurei, assim, assumir nesta pesquisa um caráter:

[...] dialógico, dialético, e colaborativo. Uma etnografia **dialógica** é aquela que **não** baseada nas relações de poder tradicionais de entrevistador e “informante”. Em vez disso, o pesquisador estabelece **conversações recíprocas** com as pessoas da comunidade. O sentido de uma pesquisa “**dialética**” é que a verdade emerge da **confluência** de opiniões, valores, crenças e comportamentos **divergentes**, e não de alguma falsa homogeneização imposta de fora. Além disso, as pessoas da comunidade absolutamente não são “objetos de conhecimento”; **são colaboradores ativos no esforço de pesquisa** (ANGROSINO, 2009, p.27-28 [grifos meus]).

Ao assumir explicitamente o caráter de pesquisador, não o fiz com o intuito de adquirir uma relação vertical (pesquisador – informante), tive a humildade, mesmo sendo professor (de Educação Física), de colocar-me na situação de aprendiz daquele contexto. Com a ação colaborativa dos jovens, pude acompanhá-los na pista, tornando nossa relação horizontal (pesquisador + colaboradores). A horizontalidade implicava, por vezes, em ser estranhado e, em outras, aceito, situações que presenciei e relatei em alguns momentos, que exponho a seguir:

Mas quando o movimento de clientes diminui, ele se volta para o grupo e começa com algumas piadinhas (jocosidades) com os que ali estão. Até o momento que um de seus “ataques” se volta para mim. Rogério fala: “Eu acho, não vamos fazer vaquinha coisa nenhuma pra comprar o refrigerante, eu acho que quem tem que paga o refrigerante tem que ser quem esta aqui no meio da galera e que não anda de *skate* (Marcelo)”. Ele fala tudo isso sem olhar para mim, parecia falar uma linguagem impessoal, mas ao finalizar sua fala, explícita quem tem que pagar a conta. Sendo explícito, mas sem o ser. Nisso todos começam a rir, e concordam com a proposição de Rogério e o mesmo continua: “Ou, então, melhor ainda, acho que quem tá aqui e não anda de *skate* deveria paga uma taxa de 10 *pila*, quem sabe ele não deixa ai os 10 *pila*, e sai de fininho”. Eu entro na brincadeira e falo: Marcelo: “Bah, mas ai só se o cara tive troco, *né!*”? Eu, ao falar isso, causo um grande estardalhaço no grupo. Alguns falam: “*Tá* cheio da grana”; “Não sabia que estudar dava tanto dinheiro”; “Acho que vou fazer faculdade agora”, entre outras piadas (DC. 12/11/2011).

Aproximar-me do grupo e passar a ser aceito, ou, pelo menos, ter minha presença tolerada junto ao grupo, não me deixou imune às piadas, aos gracejos ou ao apelido “da praia”. Houve, ainda, momentos em que me chamaram de “padre”, “*playboy*” e “universitário”, embora “da praia” lhes fosse o mais significante. Entretanto, em nenhum momento ficou em segundo plano a minha função/papel de pesquisador e o reconhecimento disso por parte dos sujeitos de pesquisa.

André fica curioso quando eu falo que faço descrições da pista e pergunta:
André: Como é essa tua pesquisa, tu anotas tudo que acontece?
Eu respondo: Sim, anoto tudo que consigo em um diário. As pessoas com quem eu converso, o que eu vejo, o que as pessoas estão fazendo, onde elas fazem, com quem fazem, os lugares da pista: os obstáculos; e o pessoal que fica aqui no muro.
André se mostra interessado [...] (DC. 10/01/2012).

Após uns 15 minutos, subo para a escadaria. Lá cumprimento Rogério e Luciano, e ouço a frase que vem me marcando a algumas observações: “e aí da praia? Como é que tá magnata? Muita onda na praia”?
Eu não precisava nem olhar, pois já imaginava quem era, mas, mesmo assim, olhei: era Everton quem estava me cumprimentando. Eu vou até ele e o cumprimento, e a também Lúcio (DC. 17/12/2011).

Essa foi à forma pela qual os sujeitos procuram dar certa familiaridade a alguém estranho ao contexto, mas sem deixarem de colocar uma distinção entre *nós/ele* (no caso eu), entre cidade/litoral e entre o magnata/trabalhador. A explicação que os sujeitos de pesquisa deram para terem me apelidado de “da praia” foi porque eu ia para a pista usando bermudas, enquanto os praticantes de *skate*, predominantemente, usam calças (“coladas” ou “largas”, dependendo do grupo ao qual pertencem, distinção está que exponho mais adiante, quando descrevo as diferenças e disputas entre os grupos).

Magnani (2003), em pesquisa, debruçou-se ao lazer que um circo proporcionava em cidades da periferia de São Paulo. Para se situar mais “de perto e de dentro” (em oposição aos estudos em que classifica como “de fora e de longe” os estudos com pouca relevância social), procurou assumir a função de fotógrafo, sendo reconhecido por isso e, por vezes, como repórter, participando de casamentos e de comemorações. Magnani (2002; 2003), ao se situar, e posteriormente descrever o contexto investigado “de perto e de dentro”, consegue apreender as dinâmicas sociais que são de relevância para os atores sociais por ele investigados. Isso suscitou, a mim, uma questão importante no que tange ao processo de investigação: *o quão “perto” e/ou “dentro” é necessário para o pesquisador se situar no trabalho de campo no contexto urbano?* Para essa questão, Magnani (2002) apresenta uma resposta plausível:

[...] em vez de olhar *de passagem*, cujo fio condutor são as escolhas e os trajetos do próprio pesquisador, o que se propõe é um olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos *arranjos* dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas[...] (MAGNANI, 2002, p.18).

Minha função de pesquisador, até certo ponto, fazia sentido para os sujeitos que investiguei, já que, por vezes, relatavam que queriam ser ouvidos e ganhar visibilidade. Mesmo não sendo o sentido de proximidade, mas de estranhamento, ser o pesquisador possibilitou-me acompanhar o grupo, tendo minha presença mais tolerada do que efetivamente aceita “dentro” do grupo.

Mesmo dentro de certas limitações de acesso “fora da pista”, consegui, “dentro da pista”, ter uma gama ampla, diversificada e, algumas vezes, conflituosa dos *códigos sociais* daquele grupo como, por exemplo, quando tentaram me ensinar suas formas de cumprimentar. Eu sempre os cumprimentava com um aperto de mãos “tradicional”, e houve uma das ocasiões em que os *skatistas* tentaram me ensinar suas convenções de cumprimentos e de saudações. Aprendi em parte, e continuei com minhas saudações “tradicionais”. “Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas [...] Em consequência parei de esforçar-me por uma investigação completa. Ainda assim meu comportamento foi afetado pela vida na rua (FOOTE-WHYTE, 1980, p. 82)”. Com isso, minha presença sempre foi tolerada pelo grupo, sempre estive mais “perto” do que propriamente “dentro” do grupo. Acredito que eu tenha estado mais à “margem” do grupo.

Quando percebi essa condição, via pressuposto *reflexivo*, aboli as noções estereotipadas, que classificam os jovens como marginais ou como desviantes. Especialmente no contexto exposto, no que se refere às saudações e cumprimentos, cabe questionar: *quem era o transgressor das regras sociais daquele contexto? A final quem era o marginal?* A resposta é simples: eu, o pesquisador; pois, apesar de, aos poucos, conhecer e reconhecer os *códigos sociais*, ao mesmo tempo os transgredia, ou pelo menos não os assimilava mecanicamente. Não ser igual possibilitou-me, posteriormente, compreender o *outro* dos outros (“calças largas”). O consentimento que tive em acompanhar os sujeitos implicou em eu saber aonde ir, com quem falar e como agir diante de determinadas situações (ROCHA & ECKERT, 2008). Isso ocorreu em algumas situações, em uma delas, que considero emblemática, um dos sujeitos veementemente distinguia seu grupo (“calças

coladas”) do outro (“calças largas”) pelo não consumo de drogas: “eles fumam maconha, nós não”.

Um dos jovens, ao se perceber em uma situação de contradição, dialoga comigo, no sentido de direcionar minha observação, e minha posterior descrição, solicitou-me que não expusesse esta situação em meu diário, por isso omito sua identidade, já que o que interessa é compreender os acessos e os limites que tive, e não um julgamento da ação dos colaboradores:

O sujeito parece se lembrar que estou fazendo a pesquisa e fala: “Marcelo, só não vai coloca isso (se referindo ao consumo da maconha) na tua pesquisa”. Eu fico constrangido e sem reação, não lhe dou nenhuma resposta [...] Em seguida ele começa a contar seus causos com a brigada militar, as revistas e outras situações, eu pergunto ao sujeito. Marcelo: A brigada já deu alguma batida aqui? O mesmo responde: Eu só vi uma vez. Mas tinha um cara que traficava muito escancarado, ele até vinha de *skate*, mas não andava, era só pra ‘disfarça’ mesmo (DC. Não exponho a dada neste momento, a fim de resguardar a possível identificação do jovem).

Assim como no relato anterior o praticante havia reconhecido um traficante, a seguir, outro praticante reconhece facilmente quem é “de fora” ou quem não é da pista. Agora, narro uma situação em que a Brigada (Polícia) Militar passou por nós:

Marcelo: Já vi, algumas vezes, as viaturas passarem por aqui, mas nunca vi eles abordarem ninguém.
 Luciano fala: Eu já vi eles pegarem um cara que tava traficando aqui. Eles (policiais) foram direto no cara. [...] Eu (Luciano) tava por aqui (na escadaria), e a brigada chego e falo para o cara: “Eu sei teu nome, sei de onde tu és, e sei o que tu esta fazendo aqui”. Aí, o cara começou a chorar, o cara devia ter um 24, 25 e choro muito.
 Eu, intrigado com o relato, pergunto a Luciano:
 Marcelo: Mas e o cara era *skatista* ou só traficava?
 Luciano responde: o cara tinha um *skate*, mas era só pra disfarçar. Ele dava umas embaladas, umas manobras, mas o *skate* era só uma desculpa pra ele estar aqui traficando (DC. 29/12/2011).

Com a não adesão à prática do *skate*, assumindo minha função de pesquisador, não corri o risco de me passar por quem era. Os *skatistas* sabem reconhecer quem é praticante ou não, sabem também reconhecer quem é imitador, copiado ou simulador, assim como Geertz (1989) expõe pelo exemplo das piscadas

de olhos. Optei por não ser um imitador, copiador ou simulador, pois acredito que qualquer papel ou função social que eu assumisse, que não a de pesquisador, poderia comprometer o acompanhamento aos sujeitos e o processo de investigação. Pela observação continuada e pela conseqüentemente conquista da confiança dos colaboradores da pesquisa, percebi que a “prática etnográfica permite interpretar o mundo social aproximando-se o pesquisador do outro ‘estranho’, tornando-o familiar (ROCHA & ECKERT, 2008, p.12)”. Com isso, aos pouco aprendi a identificar os sujeitos que frequentavam a pista, como no caso dos “maconheiros”.

Alguns desses sujeitos realmente eram *skatistas* que recorrentemente se encontravam na pista, mas havia o caso, por exemplo, dos *motoboys*, que apenas acessavam a pista para fumar maconha; assim com outros jovens e adultos, que faziam o uso da pista apenas para o consumo de maconha, sem sequer portar *skate*. Houve momentos em que alguns sujeitos perguntavam-me se eu tinha isqueiro ou *seda* (papel que serve para enrolar o cigarro de maconha). O consumo da maconha, e a fácil adesão àqueles grupos, desde que se tivessem os materiais necessários ao consumo da droga, foi uma das primeiras coisas que percebi e consegui sistematizar pela observação.

Se quisesse, eu poderia, simplesmente, levar um isqueiro, ou fósforos, para atender às solicitações dos sujeitos, e com isso ter um acesso facilitado. Eu nunca fui fumante (seja de cigarros ou de outras drogas), mas poderia ter acesso a esses sujeitos se atendesse às suas necessidades, mas não o fiz. Não fiz isso com o intuito de tomar minha cultura como um parâmetro de julgamento àqueles sujeitos. Meus “prés”, apesar de terem limitado minhas inserções em campo, não foram tomados como parâmetro para compreender os jovens daquele contexto. Reconheço esses “prés”, já que por eles pude perceber que consumo de maconha era um demarcador na formação dos grupos, além de ser um entre os diversos fatores de distinção dos sujeitos que frequentavam a pista.

Fiz todas as exposições de possibilidades e de limitações de minha experiência singular em campo não para justificar ou ratificar aquilo que fiz, ou não fiz, mas para expor que é possível, no campo da Educação Física, dentro das práticas de esporte no lazer, realizar uma pesquisa etnográfica sem ter de aderir à prática pesquisada, ou assumir outro papel/função além de pesquisador. É claro que isso depende da pergunta de pesquisa e dos meios pelos quais o pesquisador se

dispõe/pretende para respondê-la. Procurei usufruir da etnografia assim, como Winkin expõe:

[...] etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em *saber ver*. É em seguida uma disciplina que exige *saber estar com*, com outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação a aquele que você estudou) e, portanto que se *saiba escrever*. Arte de ver, arte de ser, arte de escrever. São estas três competências que a etnografia convoca (WINKIN, 1998, p. 132).

Procurei não aplicar mecanicamente os pressupostos que a etnografia evoca, e sim embasar-me deles para atender às questões desta pesquisa, a fim de *descrever densamente* os achados provenientes da experiência em campo (Capítulos 3, 4, 5 e subjacentes). Valendo-me desses pressupostos, acredito ter superado um dos problemas que o professor Dr. Vicente Molina Neto expôs em uma das mesas, durante o CONBRACE¹⁴. Segundo a exposição do professor, em linhas gerais, os pesquisadores na/da Educação Física “tocavam de ouvido”, quando se tratava das pesquisas de nossa área. Compreendendo todos os pressupostos que expus ao longo da metodologia, procurei “seguir a partitura” (em oposição a “tocar de ouvido”), mantendo, assim, a tradição em pesquisas qualitativas do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física, do qual faço parte, e que tem fortes influências sobre os aspectos metodológicos que adotei na realização desta pesquisa.

¹⁴ Mesa-Temática do Grupo de Trabalhos Temáticos – Epistemologia: A Produção do conhecimento em Educação Física e Ciências do Esporte – Qualidade X Quantidade: Para onde vamos? Realizada no XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Porto Alegre, 15/09/2011.

3 A PISTA

Como expus na metodologia desta pesquisa (Capítulo 2), mesmo frente aos limites e às possibilidades de acessos à investigação junto aos jovens praticantes de *skate*, procurei concentrar minhas observações e investimentos na pesquisa de campo, na pista de *skate*¹⁵ do Bairro IAPI. Adiante, primeiramente, descrevo em “linhas gerais” o que consegui observar na pista, e que serve de sustentação para a compreensão do contexto investigado. Posteriormente, exponho as peculiaridades deste contexto. Em um segundo momento, abordo especificamente o que categorizei como “espaços, obstáculos, e práticas sociais na pista”, “a pista e seus frequentadores, e “aspectos simbólicos da Pista: e alguns códigos sociais”.

E ao longo deste conjunto de Capítulo e subcapítulos, procuro desenvolver descrição e categorizações, a fim de atender as questões que elaborei anteriormente: *quem são os sujeitos que frequentam a pista? Como eles se organizam/distribuem pela pista, e em quais espaços?* A pista foi o lugar onde se desenvolveu pesquisa com os jovens praticantes de *skate*. Este espaço público está localizado na esquina da Rua Eduardo Chartier com a Avenida Cristóvão Colombo. A fim de dar sustentabilidade documental a este momento, encontrei apenas um trabalho que faz alguma menção específica à pista. Trata-se de um Trabalho de Conclusão, disciplina de *Pesquisa em Marketing*, finalizado por todos os graduandos que realizaram a referida disciplina, sob a orientação do professor Walter Meucci Nique, do curso de Administração da UFRGS:

O local, na esquina das avenidas Cristóvão Colombo e Eduardo Chartier, presta homenagem ao radialista e desportista [Frederico Arnaldo Ballvé] que se destacou como dirigente do Sport Clube Internacional. Resultado de Demanda do OP [Orçamento Participativo] a área de 7.131m² possui pista para a prática de *Street Skate* (maior pista pública do Brasil nesta modalidade) e equipamentos como rampas, passeios internos e externos, escadas, corrimãos, calçadas, bancos, bebedouro e vegetação. Medida compensatória de impacto ambiental causado pelas obras da 3ª Perimetral, a obras foram financiadas pelo BID [Banco Interamericano de Desenvolvimento] (CASANOVA, et. al., 2007, p.26).

¹⁵ Também conhecida como Praça Frederico Arnaldo Ballvé.

Durante as observações, sempre procurei descer uma parada de ônibus antes da pista, para chegar à pé. Pelo curto trajeto da parada à pista, alguns metros antes de efetivamente chegar a ela, já ouvia o som dos *skates* batendo no piso. Ao me aproximar, encontrava um passeio, no qual percorria até o que denominei como “entrada da pista” (uma extensão do passeio, que fica sob a copa de algumas árvores). Próxima à “entrada da pista”, aos finais de semana encontrava-se a *Van* e a família, que nela vendia cachorro-quente e outros produtos, como refrigerantes e salgadinhos.

O piso da pista é de azulejos escuros, alguns quebrados, e, vez ou outra, trocados, geralmente antes de algum evento. As manutenções são quase sempre bancadas por empresas, lojas ou marcas vinculadas ao *skate*. A pista passou por uma grande reforma no ano de 2010, sendo esta reforma patrocinada pela empresa C¹⁶, marca voltada para o mercado do *skate*, com tênis, roupas e também equipamentos, tais como os *shapes*. A referida empresa também patrocina alguns skatistas profissionais que frequentam a pista, o que justifica o fato de algumas das lajotas lá afixadas conterem o logotipo da C seguido dos dizeres: “ação de reforma da pista do IAPI, maior reduto de skatistas do Brasil” - “nascimento: 02/05/2001; renascimento: 06/11/2010”.

A pista tem um formato trapezoidal (quase triangular), sendo circunscrita dentro de um pequeno muro, de cerca de 50 centímetros de altura, que possibilita com que os sujeitos sentem-se ao longo dele, aproveitando a sombra das árvores para descansar ou para observar os praticantes. O pequeno muro também serve como divisor entre quem está praticando e quem está apenas observando. O muro, simbolicamente, também divide quem pode estar dentro da pista (*praticantes*) de quem deve ficar fora dela (*espectadores*). Contudo, isso muda em dias de eventos. Por exemplo, quando os espectadores têm a possibilidade de adentrar na pista e comungar da sociabilidade dos eventos ocorridos.

Encontram-se, ainda dentro da pista, obstáculos móveis, como uma pequena rampa e cinco ou seis tonéis de metal, que por vezes são usados como lixeiras. Todos esses espaços trago ilustrados por figuras mais adiante, no subitem “espaços, obstáculos, e práticas sociais na pista”.

¹⁶ Uso apenas a letra inicial da empresa, ou loja, afim de ilustração, procuro não fazer um propaganda positiva ou negativa, mas sim compreender as marcas como pertencentes ao contexto investigado.

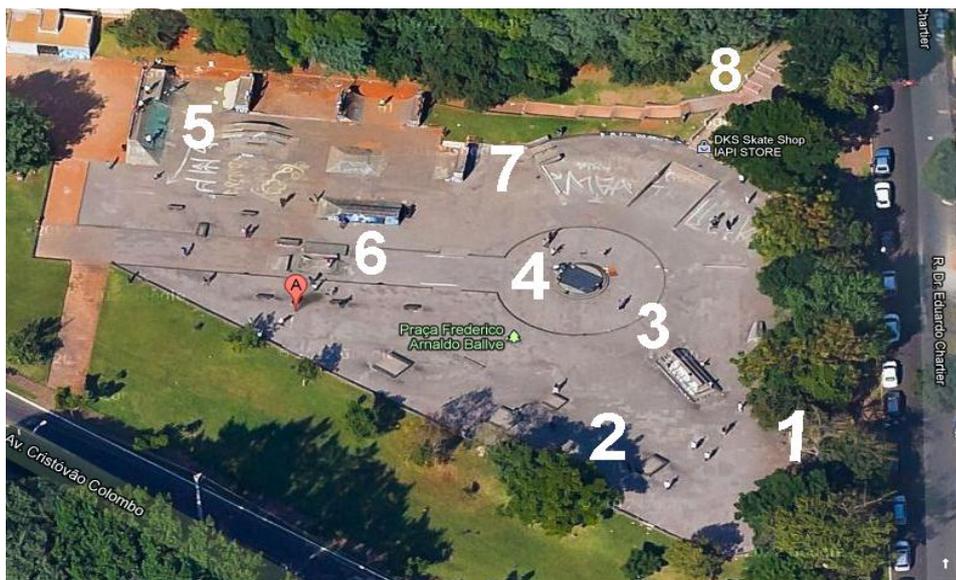


FIGURA 1 - A PISTA vista do Google Maps: disponível em <<http://maps.google.com.br/maps>> (1) “Entrada da pista”; (2) Caixaotes; (3) Anhangabaú; (4) Bolo; (5) complexo de rampas e *half*; (6) *Holla*; (7) escada e corrimão; (8) Escadaria.

3.1 ESPAÇOS, OBSTÁCULOS, E PRÁTICAS SOCIAIS NA PISTA

A partir da identificação dos espaços e dos sujeitos, pode tornar inteligível a pista, bem como os **sujeitos e suas práticas**, tal como propõe Winkin (1998):

[...] vocês vão tentar transcrever o que observaram em mapas ao mesmo tempo espaciais e temporais. [...] E a questão dos contornos vai se revelar a vocês como uma questão que merece ser colocada. Vocês irão também tentar, sistematizando seu procedimento fazer mapas temporais. [...] Há a [pista] da manhã, a de meio-dia, a da tarde; há a [pista] do domingo, de segunda-feira, de quarta-feira, e assim por diante. Vocês devem visualizar o mapa das flutuações em termos de uso em tipos de público, [...]. É trabalhando a dimensão temporal dos seus lugares que vocês conseguirão dar-se conta de um lugar espacialmente definido, é sempre um lugar temporalmente definido e que as duas dimensões [espaço e tempo] estão inextricavelmente misturadas (p.133-134).

Em cada espaço, e em diferentes momentos da pista, havia pessoas com suas práticas. A soma de diferentes espaços, diferentes momentos e diferentes públicos acabava por configurar a pista de forma diversificada. Primeiro, pelas condições materiais (obstáculos, espaços para sentar ou para esconder-se e fumar um cigarro de maconha) e, posteriormente, pelas disputas simbólicas entre os

diferentes espaços, em diferentes momentos (utilização dos obstáculos; ponto de venda; o consumo, ou não consumo de maconha; a realização de eventos etc.). Diante disso, procuro ilustrar os espaços, os subespaços e algumas das práticas sociais de cada local, indicando as modificações de cada um deles, como, por exemplo, quando ocorrem os eventos.

O primeiro local que descrevo é a “entrada da pista”. Como já referi em outros momentos, chamei este ponto de “entrada da pista”, por ser o local através do qual eu procurava acessá-la (não que seja necessariamente a “entrada” que todos usam).



FIGURA 2 - A “ENTRADA DA PISTA”
Acervo do próprio pesquisador.

A “entrada da pista” fica sob a sombra de algumas árvores, e é a continuidade do passeio que circunda a pista. À esquerda, encontra-se o bebedouro, que não funciona há alguns meses. O muro entre o bebedouro e a “entrada da pista” é o local onde alguns praticantes, e outros frequentadores, sentam-se para observar as atividades que acontecem por lá. É em alguns trechos do muro que um comerciante de produtos de *skate* utiliza como “ponto de venda”, expondo seus materiais. A direita, há um local mais amplo, no qual alguns praticantes realizam manobras, ou se preparam tomar distância para realizar as manobras nos *Caixotes*, que encontram-se próximos à “entrada da pista”, ao longo da parte mais ampla, fazendo parte do *street skate*. Simulam obstáculos de rua, eles são construídos com concreto e barras metálicas nas bordas, para possibilitar o deslize do *skate* no obstáculo. Os *Caixotes* têm, aproximadamente, 25 centímetros de altura, 2 metros de largura e 2 metros de comprimento. “E observo também que, justamente nesta parte da pista, há muito

encontros, seja de amigos, mas também *encontros* físicos, com esbarrões, colisões e quedas ocasionadas por terceiros (DC. 27/08/2011)”.



FIGURA 3 – CAIXOTES
Acervo do próprio pesquisador.

A proximidade dos *Caixotes* também servia como um “ponto de venda”, por parte de outro comerciante do *skate*, para um público específico: “Em outro ponto da pista próximo aos caixotes, vejo Paulista com seus *shapes* e com um grupo de praticantes mais velhos. Pelo que percebo aquele é o ‘ponto de vendas’ de Paulista (DC. 11/10/2011)”.

Os *Caixotes*, por estarem logo na “entrada da pista”, servem como ponto de encontro, e corriqueiramente são os primeiros obstáculos que os praticantes utilizam quando chegam a ela.

Outro obstáculo que os praticantes encontram logo na “entrada da pista” é o *Anhangabaú*, que, por sua proximidade com a “entrada da pista”, também é um ponto de encontro e de concentração de praticantes, que se sentam ou colocam suas mochilas em cima do obstáculo, a fim de serem observadas à distância. O *Anhangabaú* é uma espécie plataforma de saltos. Os praticantes iniciavam do degrau mais baixo e, conforme ganhassem confiança e experiência nas quedas e nas manobras, subiam para os degraus ao alto, considerados mais perigosos e difíceis.



FIGURA 4 – ANHANGABAÚ
Acervo do próprio pesquisador.

Após uma conversa que tive com um dos jovens praticantes, descobri o verdadeiro significado do nome da “escada gigante”:

Everton, sua namorada e o outro jovem sentam-se na “escada gigante”.
 Eu pergunto a André: qual o nome da “escada gigante”?
 André: é Anhangabaú.
 Eu fico curioso e pergunto: por que esse nome?
 André explica: é que uma vez vieram uns paulistas aqui e olharam para o obstáculo e falaram: “olha aí o Anhangabaú”. Aí ficou Anhangabaú mesmo (DC. 10/01/2012).

A explicação de André nos dá uma noção de como os obstáculos recebem seus nomes. Assim, não só o pesquisador descreve o que observa de acordo com seus próprios termos, como Magnani (2002) expôs, mas os praticantes de *skate* também nomeiam e descrevem os obstáculos de forma que faça sentido para eles, com aquilo que lhes é mais familiar. Outro exemplo disso é o *Bolo*.

O *Bolo* é o que descrevi em meus Diários de Campo como “círculo central”, pois o obstáculo tem a forma de um círculo (semelhante a um bolo), e fica no centro da *pista*. Mas ele tem algo peculiar, que os jovens praticantes percebem, mas eu não dei muita atenção. O obstáculo, além de circular, tem degraus que parecem ser as camadas de um bolo. Possivelmente, daí venha seu nome. O Bolo acabava sendo mais um ponto de encontro e de concentração do que propriamente um obstáculo usado na realização de manobras:

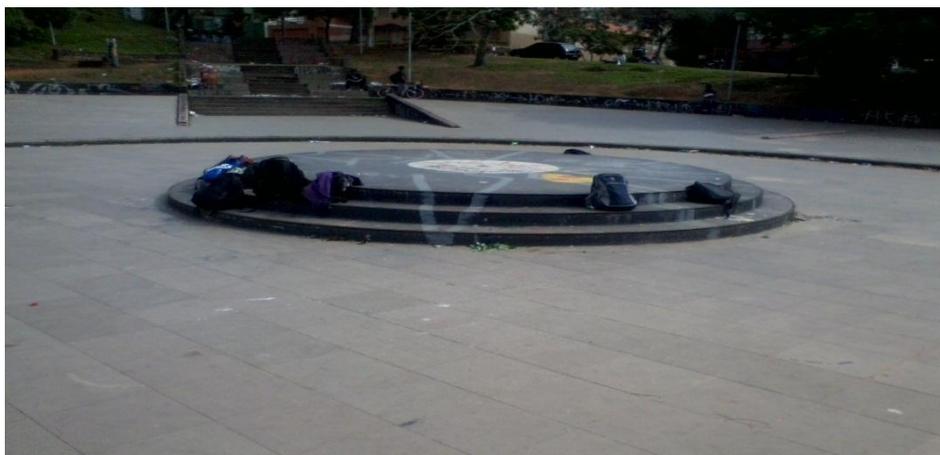


FIGURA 5 – “CIRCULO CENTRAL” OU BOLO
Acervo do próprio pesquisador.

Chego a pista por volta de 17: 30h, os praticantes se encontram em um número muito reduzido, em comparação com aquele que frequenta a pista nos finais de semana. Há um grupo concentrado no “circulo central” da pista, acredito que, por serem poucos os sujeitos. Agruparam-se praticantes mais velhos com mais novos, sem fazer muita distinção (DC. 27/09/2011).

Chego à pista por volta de 14: 00h. Como na semana passada, observo que o número de praticantes que lá se encontram é muito menor neste horário. Alguns se concentram no “circulo central” da pista, onde deixam lá suas mochilas e pertences. Fico a observar alguns sujeitos que andam e realizam algumas manobras no obstáculo que parece uma “escada gigante” (DC. 30/09/2011).

O “circulo central” é outro ponto de encontro dos praticantes, que lá deixam seus objetos pessoais: mochilas e casacos, soltos ao longo do obstáculo. Por ser um obstáculo central na pista, tudo e todos que estão ali podem ver qualquer ponto da pista, bem como serem vistos de qualquer ponto da pista, tornado, de certa forma, o *Bolo* uma área livre de roubos, furtos ou algo parecido. O *Bolo* também é um ponto de vendas e trocas, no qual os próprios praticantes são os responsáveis pela comercialização dos materiais de *skate*. Estes, quando compravam peças novas, procuravam se concentrar no *Bolo*, para expor suas peças antigas, a fim de que algum interessado as comprasse.

Próximos ao *Bolo* encontram-se a *Escada* (interna da pista, um obstáculo), o *Corrimão* (que fica no centro da escada) e o declive da pista. Além da *Holla*, um obstáculo que simula ondas do mar, muito utilizado pelas crianças. Obstáculos que,

apesar de sua proximidade, sugere uma distinção entre praticantes de *skate* avançados e iniciantes.



FIGURA 6 – ESCADA E CORRIMÃO.
Acervo do próprio pesquisador.

A *Escada* e o *Corrimão*, pelo que pude perceber, são obstáculos em que apenas praticantes com certa experiência ousam saltar.

Fico ali mais um pouco, e também vou ver mais de perto a disputa. Observo os competidores, mas o que me chama a atenção são as conversas do pessoal que estava andando de *skate*. Fico sentado no muro. Eles falavam que descer o *Corrimão* e a *Escada* era para quem queria “se matar”. Diziam que era muito perigoso e não tentaram esse feito, pois muitos já tinham “se quebrado” ali.

Logo em seguida, ouço um barulho forte, era um competidor que acabara de cair. Os animadores falaram para parar a volta por 2 minutos, para atender o acidentado. Retiram-no daquele local, carregado nos braços de um amigo.

E os animadores falaram: “isso é acidente de trabalho, vamos voltar pessoal”.

Assim, o sujeito sai amparado por um amigo, mas isso é tudo que ele recebe (DC. 23/07/2011).

Por ser a dupla de obstáculos mais perigosa da pista, a *Escadaria* e o *Corrimão* tinham eventos, ou competições, exclusivos. Já os iniciantes, mais especificamente as crianças, concentravam-se na *Holla*. Obstáculo que fica próximo a um trecho do muro, onde os pais sentavam-se e observavam os filhos.

Observo também um número significativo de crianças, que estão em dois grupos de cerca de 10 praticantes cada grupo. Reparo que elas não estão acompanhadas de seus pais, coisa que acontece geralmente nos dias em que a pista está mais “cheia”. Observo melhor e vejo poucos pais nos muros, ou ao redor da pista, como costuma ser. Mas as crianças ocupavam praticamente os mesmos “lugares de sempre”, ou seja, a parte declinada da pista e a *Holla* (DC. 03/12/2011).

O declive da pista é a parte na qual alguns iniciantes (geralmente crianças ou pais com seus filhos) aproveitavam para pegar embalo e aprender a deslizar com o *skate*. Contudo, o declive também é usado por praticantes que gostam de velocidade, já que proporciona a maximização do embalo dos *skates*, permitindo-lhes circular por toda a pista, sem muito esforço. Por vezes, a velocidade maximizada pelo declive ocasiona alguns “encontros”, elevando a possibilidade de acidentes com os praticantes das rampas e do *Half*.

As rampas, minirampas e o *Half*¹⁷ fazem parte de um pequeno complexo, no qual são realizadas manobras em alta velocidade, mais vistosas pela altura que os praticantes ganham com seus *skates*.

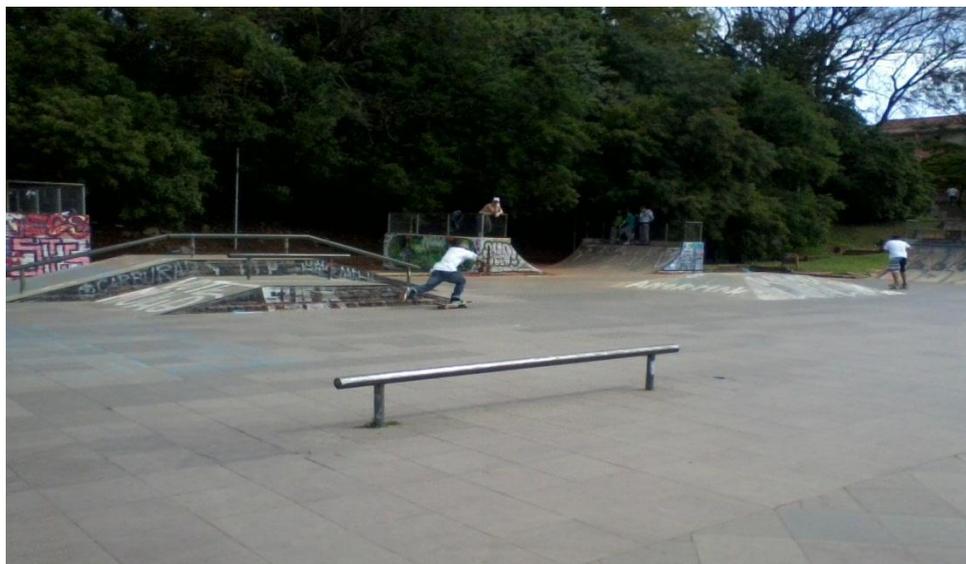


FIGURA 7 - RAMPAS, MINIRAMPAS E HALF
Acervo do próprio pesquisador.

¹⁷ *Half* é o obstáculo que simula uma piscina vazia, utilizada nos primórdios do *skate*. É um semicírculo, no qual os praticantes usam seu embalo para irem de uma borda a outra do obstáculo.

Por ser um complexo de obstáculos verticais, as paredes que dão sustentação a cada obstáculo também servem, em parte, para camuflar os usuários e o consumo de maconha, na pista. Nas poucas vezes em que presenciei alguma atividade policial na pista, os usuários dirigiam-se diretamente para trás das rampas, e logo seguiam embora.

Também reparo em um grupo grande, de aproximadamente 10 sujeitos (entre moças e rapazes), atrás do *Half*. Parecia que estavam fumando maconha, ou algo assim. Com o passar do tempo, chegavam mais pessoas até lá. Algumas gurias apenas iam até lá para conversar com outras que estavam lá, e logo em seguida iam embora (DC. 21/10/2011).

A estrutura apresentada revela, em parte, a distinção entre os diversos praticantes de *skate*, já que, por predileções pessoais, ou do grupo, escolhem os locais para prática, como pude relatar em um dos meus Diários de Campo:

Um praticante mais novo pergunta para Luciano: “Qual a diferença entre os largados (calças largas) e os *dag* [outra nomenclatura para “calças coladas”]”?
 Luciano: A diferença é que os largados só andam nos caixotes, corrimão, só fazem *street*. E nós andamos em tudo fazemos o *parking*¹⁸, *Half* e as rampas.
 Nisso, Paulo, que estava próximo, ouvindo as colocações de Luciano, complementa:
 Paulo: Principalmente a gente faz o *Half* e rampas, e eles não (DC. 15/02/2012).

A escadaria, um dos pontos de encontro da pista, juntamente com o barranco, forma uma espécie de arquibancada, na qual os espectadores sentam-se e têm uma visão privilegiada da pista.

¹⁸ *Parking* é a pista toda, ou melhor, todos os obstáculos que podem constituir uma pista.

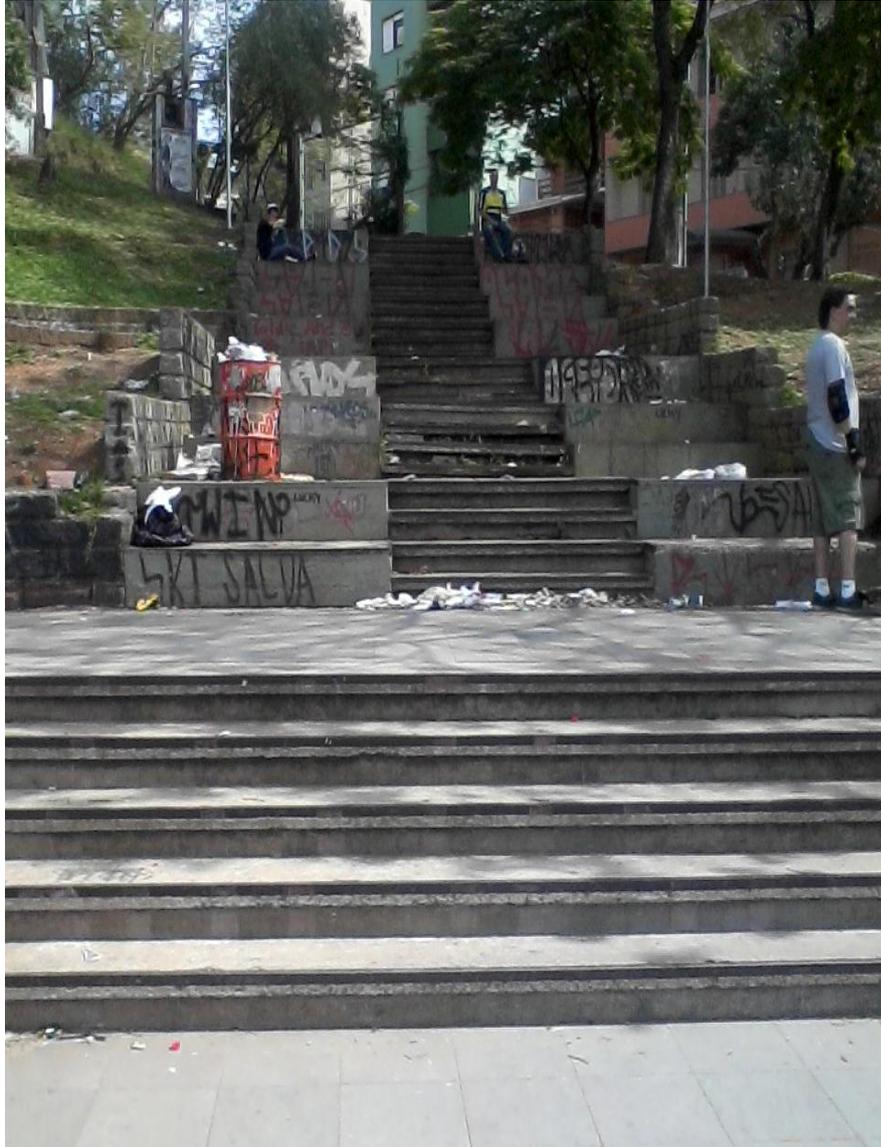


FIGURA 8 ESCADARIA.
Acervo do próprio pesquisador.

Em dias de evento, por exemplo, esses são os locais mais acessados pelos *espectadores*. A escadaria também é o ponto de venda do comerciante que pude acompanhar de perto, e que foi ao longo da pesquisa o colaborador que mais me ajudou a me sentir à vontade. Assim, com esse comerciante e outros praticantes, a pista acaba sendo um ponto de encontro físico (alguns desencontros simbólicos) entre os diversos sujeitos que a frequentam.



FIGURA 9 - VISTA PANORÂMICA DA PISTA A PARTIR DA ESCADARIA
Acervo do próprio pesquisador.

3.2 A PISTA E SEUS FREQUENTADORES

A partir da descrição física/material da pista, bem como de suas configurações espaciais, neste momento se faz necessário um esforço na tentativa de classificar os sujeitos que se encontram neste lugar. São esses sujeitos que dão sentido e significado à pista. Sujeitos singulares, a quem Toledo¹⁹ (2000) contribui para que eu possa compreender e fazer essa distinção: “quando se está utilizando das categorias *profissionais*, *torcedores* ou *especialistas* como nativas, isto não sugere que sejam consensuais entre os próprios ‘nativos’, ao menos tomando todos os níveis do campo esportivo (p.18)”. Frente a essa perspectiva, defino cada uma das categorias de sujeitos que frequentam a pista, e a elas confiro sentido. Procuro deixar claro que são denominações por vezes nativas, mas todas subsidiadas a partir de uma perspectiva acadêmica. Produzi três classificações dos sujeitos: (1) *Espectadores*; (2) *peças que vivem do skate (comerciantes)*; (3) *praticantes de skate*.

¹⁹ Pesquisa sobre futebol, mas que contribui para que eu compreenda a distinção entre os sujeitos que frequentam a pista de *skate*.

A partir da referência espacial da pista, da presença dos diversos frequentadores da pista e de seus *códigos sociais*, classifiquei: *espectadores*: formados geralmente por pais, mães e/ou avós (adultos) que traziam seus filhos à pista, ficam a cuidá-los, observá-los. Sentavam-se nos muros ou traziam cadeiras dobráveis. Recorrentemente, observava os *espectadores* portando cuias e erva-mate para chimarrão (ação mais recorrente no inverno).

Não menos recorrente, nesse grupo incluem-se também os consumidores de maconha, utilizada entre amigos, casais e *motoboys*, além de alguns praticantes de *skate* e outros transeuntes. Incluídos neste grupo também há funcionários de um supermercado, próximo à pista, identificados pelos uniformes de trabalho, acredito que aproveitem o tempo de intervalo para desfrutar da vista da pista.

Próximo das 16:30, observo a chegada de um grande grupo de funcionários do supermercado chegarem à pista, parece que estavam no intervalo. Estavam interessados no que ocorre na pista, mas ficam apenas na parte superior da escadaria, nenhum deles desce a tenta qualquer tipo de aproximação, para ver o que acontece mais de perto (DC. 27/12/2011).

Como *espectadores* também se encontram algumas *gurias/meninas/moças*, conhecidas como “Maria Rodinha”, pelos *skatistas*. Estas, segundo alguns dos jovens “calças coladas”, estavam na pista na “caça”/procura de algum *skatista* (re)conhecido, e pouco davam atenção aos *skatistas* desconhecidos, no caso os próprios “calças coladas”.

Vejo novamente as “Marias-Rodinhas” circulando por vários locais da pista, outras nos barrancos e outras (as mesmas que observei na final do campeonato) sentadas no muro próximo à escadaria onde eu estava. Observo também um grupo sentado dentro da pista, eles estão compartilhando um cigarro de maconha. Fazem isso no meio de todo o público que estava ali, sem parecer que causam algum constrangimento ou incomodo a alguém. Também observo que no barranco há um grupo com quatro sujeitos, estes também compartilham um cigarro de maconha. O que me chama a atenção é que um dos sujeitos é um senhor, com barba e cabelos brancos, apresentando ter mais de 60 anos de idade, e os outros sujeitos que compartilham o cigarro com ele, não estão com *skate* (DC. 10/12/2011).

Por fim, os *espectadores* ficam apenas nesta condição. Poucos adentram a *pista*, ou se envolvem nas disputas ocorridas na pista, e também poucos reconhecem os êxitos dos praticantes de *skate*. Porém, isso se altera em dias de competição, eventos nos quais parece haver maior aceitabilidade para que os *espectadores* adentrem na pista, a fim de apreciar mais de perto as competições e os consumos (música, bebidas, sorteios etc.) que ocorrem nesses dias específicos.

Um indício do por que os *espectadores* procuram a *pista* se dá a partir da entrevista que realizei com Rogério (um dos comerciantes de *skate*). Sua família se engaja em acompanhá-lo no comércio e, por consequência, passou a frequentar a *pista*, principalmente aos finais de semana, tornando-se *espectadora da pista*.

Rogério: [...] Então, para a gente não perder aquilo [Rogério se refere ao ponto de venda da pista] e de “ah eu não tô em Porto Alegre, então para de vender”! Então comecei a envolver minha esposa, às vezes minha mãe. Às vezes, ela vem também, porque ela gosta. Às vezes, ela vem só para olhar. Ela acha o pessoal engraçado, adora ver os guris brincando, se divertindo, e ela se diverte também. E, assim, acabei envolvendo todo mundo. Meu filho andando, eu vendendo, minha esposa me ajudando e minha mãe que vem para olhar. Às vezes, também tá ajudando na venda, ajudando na organização (Entrevista, 31/03/2012).

Com isso, chego às *peleas que vivem do skate*, mas que não necessariamente andam ou praticam *skate*. Tomo essa expressão de empréstimo de Bastos (2006), que realiza uma pesquisa etnográfica com skatistas que *vivem do skate*, competindo em um circuito profissional de *skate*, delineando assim um *estilo de vida* daqueles que “estão no *corre*”. Assim, aqueles que *vivem do skate*, no meu contexto de pesquisa, são os comerciantes, que por vezes estavam durante a semana na *pista*, mas apareciam intensamente aos finais de semana.

Como exemplos, há os comerciantes do *skate*, a família que tem uma *Van*, vendedora de cachorros-quentes, refrigerantes e outros produtos comestíveis, e outro sujeito, o “Tio dos bolinhos²⁰”, concorrente daquela família, cujo comércio é legalizado, constantemente burlava a fiscalização, voltava à *pista* e vendia seus produtos durante os dias de semana, já que a família da *Van* comercializava seus produtos apenas aos finais de semana.

²⁰ O senhor que vendia bolinhos e suco feitos por sua esposa. Após uma denúncia aos fiscais da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC/Porto Alegre), por parte da senhora que trabalha na *Van*, teve suas mercadorias apreendidas.

E também encontrei aqueles que *viviam do skate*, mas que tinham um comércio voltado para o *skate*, com venda de peças (*shapes*²¹, rodinhas, rolamentos, *trucks*²² etc.) e acessórios (bonés, camisetas, tênis etc). Estes deixavam seus produtos expostos nos muros, na escadaria e no “circulo central” da *pista*. Especificamente, cada um destes comerciantes de produtos voltados para o *skate* é de uma loja específica e distinta em relação às outras. Cada local de exposição de produtos era um “ponto de venda”. Isso fazia com que o público consumidor fosse distinto, e procurasse se filiar à imagem de uma ou de outra loja. Esta, por conseguinte, procurava filiar os praticantes por patrocínios a alguns skatistas, formando o que eles chamavam de “times” ou “equipes”.

A relação entre mercado e praticantes ajudou-me, posteriormente, a compreender como os grupos se formam. Ao longo do período de pesquisa, pude acompanhar *de perto* o Rogério, que é o representante comercial de uma marca nova no mercado do *skate*, e patrocinador de alguns jovens praticantes “calças coladas”:

Também encontro Rogério, que está com seu comércio e na companhia de sua mãe, além sua esposa e do filho do casal. Todos sentados em cadeiras de praia nos lances da escadaria. Atrás deles, sentados nos degraus da escadaria, estão Everton, Luciano e Paulo, na companhia de algumas gurias, que recorrentemente fazem companhia a eles. Eu cumprimento os que ali estão (DC. 18/03/2012).

Por fim, abordo os *praticantes de skate*: Dentro da *pista*, os diferentes praticantes se encontram em grupos, mas ainda há, por exemplo, casos de praticantes que chegavam à *pista*, praticavam o *skate* e iam embora, sem qualquer tipo de contato mais próximo com qualquer outro praticante ou grupo. Com isso, atribui-se à *pista* também uma função utilitarista, por parte de alguns dos sujeitos que a frequentam. Entretanto, meu foco era os sujeitos que praticavam o *skate* na *pista*, e que conferiam sentido a ela além das disputas.

Compreendo, assim, como Bastos (2006 p.68): “Nenhum skatista pode ser mais skatista que outro, mas podem ser diferentes”. No âmbito dessas diferenças,

²¹ Tábua do *skate*, onde é colocada a lixa em sua parte superior, para o praticante apoiar os pés.

²² Eixo do *skate* fixado na parte inferior da tábua, e onde são colocados os rolamentos e as rodinhas.

pude fazer uma subclassificação dos sujeitos que frequentam a *pista*: pertencentes e esporádicos à *pista*. Os pertencentes eram os *praticantes* que, de alguma forma, remetem ou significam o “pertencimento e estabelecimento de fronteiras” (MAGNANI, 2002, p.25). Entre os pertencentes, encontrei alguns skatistas profissionais (*viviam do skate*, BASTOS, 2006), que ganhavam notoriedade principalmente em dias de eventos, através dos quais se autopromoviam, divulgavam seus patrocinadores e equipamentos de seu skate (*shape*, rodinhas, lixas, tênis etc.). Contudo, esses sujeitos pouco se faziam presentes aos finais de semana, encontravam-se na *pista* principalmente nas manhãs de segundas e terças-feiras.

Os skatistas mais recorrentes na *pista*, por assim dizer, eram os que aspiram à profissionalização (amadores - BASTOS, 2006), como alguns dos jovens que acompanhei, que se faziam presentes quase diariamente. A distinção entre os praticantes (profissionais e amadores) dava-se em dias de evento, já que no dia a dia na *pista* não havia qualquer rotulação ou identificação que estabelecesse diferença entre um e outro. Já os esporádicos, pouco se envolviam nas disputas, alguns podiam conhecer os *praticantes* na *pista*, mas eram vindos de outros espaços sociais, como: colegas de escola ou trabalho, vizinhos de bairro ou, ainda, *skatistas* vindos de outras pistas, que passavam algum tempo com seus “chegados”. Entre os esporádicos, encontrei algumas crianças que vinham acompanhadas de seus pais ou de seus amigos, mas que só frequentavam a *pista* nos finais de semana ou feriados. Havia também algumas gurias/meninas/moças que praticavam o *skate* na pista, mas sempre em menor número, e nem sempre se faziam presentes. Quando estavam presentes, algumas acompanhavam os distintos grupos dos jovens “calças coladas” e outras o dos “calças largas”.

Os praticantes que davam sentido às disputas que ocorriam na *pista* foi o grupo de jovens que acompanhei, que se autodenominaram de “calças coladas”. Um grupo heterogêneo de *praticantes de skate*, que abordo em maiores detalhes mais adiante (4.2 *Os “calças coladas”: um grupo heterogêneo*). No esforço de tentar classificar os diversos frequentadores da *pista*, remeto a definição de *praticantes de skate*, com o intuito de designar aqueles que têm em comum a prática do *skate*. É pela prática do *skate*, que eles se distinguem dos demais frequentadores da *pista*: *espectadores e pessoas que vivem do skate*.

3.3 ASPECTOS SIMBÓLICOS DA *PISTA*: *CÓDIGOS SOCIAIS*

Os skatistas têm *códigos sociais* (BOURDIEU, 1983) e/ou *regras sociais* (MAGNANI, 2002; 2003) através das quais procuram se distinguir, se hierarquizar e se unir em diferentes grupos, em “uma determinada rede de relações sociais (MAGNANI, 2003, p.115)”, de acordo com seus interesses específicos.

No momento posterior à descrição dos espaços físicos/materiais da pista e dos sujeitos que a frequentam, entendo ser necessário descrever os aspectos simbólicos que identifiquei, tornando-os inteligíveis. Como aspectos simbólicos, refiro-me às formas pelas quais os diversos sujeitos que frequentam a *pista* se entendem, seus os *códigos sociais*. Posteriormente, abordarei as *totalidades* que consegui categorizar e descrever no contexto da *pista*: o *jogo* e o *movimento na pista*. A partir disso, compreendo como *pista* um espaço público que *de fora e de longe* é frequentado por um bando de skatistas, e que, ao investigar *de perto e de dentro*, é simbólico e heterogêneo.

[...] por um lado propriedades matéricas que, [...], se deixam enumerar e medir como qualquer coisa do mundo físico, e, de outro, propriedades simbólicas que não são mais do que propriedades materiais quando são percebidas e apreciadas em suas relações mútuas (BOURDIEU, 2009, p.226).

Dos *códigos sociais*, o que consigo expor, talvez por ser um dos mais explícitos, se refere à legitimidade, ou a autoridade que os praticantes mais velhos/mais experientes têm sobre os mais novos, menos experientes. Isso se dá na simples forma de indicar a execução de uma manobra, por uma dica ou na reivindicação de um espaço que o praticante mais experiente queira utilizar, mas que é ocupado por outros que “apenas” brincam no espaço. Isso ocorre nos obstáculos mais difíceis da *pista*, como a Escada, o Corrimão ou o Anhangabaú:

Na pista, observo que um grupo de praticantes pega uma rampa de madeira (que foi deixada após um dos eventos e que continua na pista) e a coloca no Anhangabaú. Assim, fazem uma rampa que facilita “entrada” e o salto no obstáculo. Aquele grupo fica a se divertir por alguns minutos, até que ouço

um praticante mais velho dizendo (gritando): “Ei, moleque, sai daí! Ei, molecada, sai daí!”

O praticante está na parte mais alta do declive da pista. Ele aproveita a inclinação da mesma para pegar embalo e saltar a rampa. Ele aterrissa no obstáculo apenas com o eixo de trás de seu *skate*, percorre todo o obstáculo e tenta uma manobra na “saída” do mesmo, mas falha. Em seguida, ele conversa com dois sujeitos, que estão cada um com uma câmera. Eles o seguem até seu ponto de partida, e novamente ele pede para que as crianças que estavam utilizando a rampa saiam, para que ele possa saltar o obstáculo. Com isso, após três ou quatro pedidos do praticante mais velho, os praticantes mais novos (crianças) deixam de usar a rampa, deixando à disposição do praticante mais velho (DC. 27/12/2011).

Este é apenas um, entre tantos outros acontecimentos que observei na *pista*. Aos poucos fui percebendo tais *códigos sociais*, que não estão “escritos em nenhum livro”, mas que parecem ser conhecidos e reconhecidos. Quando eles não são reconhecidos prontamente, algum praticante (recorrentemente os mais velhos, sobre os mais novos, os mais experientes sobre os menos experientes, os jovens sobre as crianças) evoca sua autoridade, que parece ser legítima no contexto da *pista*, e reivindica o uso de um espaço, um obstáculo.

Por certo, pensar que todos os praticantes de skate assimilam homogeneamente ou se submetam a tais *códigos sociais* sem questioná-los/subvertê-los, seria desconsiderar a diversidade que se faz presente na *pista*. Levando em conta os aspectos que observei na *pista* (*códigos sociais*, legitimidade, autoridade, [re]conhecimento e subversão), compreendo que a noção de *jogo* - Bourdieu (1983) -, em parte, contribui para a compreensão e a descrição da complexa relação na *pista*. Compreendo como um dos aspectos simbólicos o *jogo na pista*. Este é jogado por pessoas e grupos, que comungam minimamente de alguns *códigos sociais do skate na pista*. Sujeitos e grupos que se engajam em uma disputa pelos significados do *skate* que é praticado na *pista*.

Há um grupo hegemônico (“calças largas”), que procura manter seu *status* no *jogo da pista*, através de patrocínios e realização de eventos. Enquanto o outro grupo (“calças coladas”) procura subverter algumas lógicas dessa disputa, como: participação (ou não participação) em eventos ou “fazer o corre” (BASTOS, 2006). Os “calças coladas” fazem isso com o intuito de se manterem no *jogo*, a fim de continuar no skate e na disputa dentro da *pista*. Isso acaba se tornando um dos aspectos de configuração do *jogo da pista*, onde o material e o simbólico são comungados e disputados.

O exemplo que consigo tornar mais visível, ou melhor, que consigo melhor descrever se refere precisamente ao aspecto do *jogo*, é o que observei na *pista* e acabei denominando de *movimento na pista*. O que estou denominando de *movimento na pista* é o montante de pessoas que procuram a *pista*, e o deslocamento, ou aglomeração de praticantes, por vezes de espectadores dentro da *pista*. A expressão *movimento*, cotidianamente, remete à *pista* estar “cheia” ou “vazia” de pessoas, segundo os próprios praticantes. Com isso, tomo de empréstimo essa expressão nativa, a fim de descrever como se davam as dinâmicas no interior da *pista*, que se alteravam, seja pela ocupação ou pela limitação dos espaços. A partir do condicionamento dos espaços da *pista*, procurei compreender como tal alteração era significada pelos jovens que acompanhei (“calças coladas”).

O exemplo que me chamou a atenção, o mais “visível”, que em parte produz *movimento na pista*, são os eventos. A partir daqui os abordo a fim de tornar inteligível o *movimento na pista*. Durante a semana, o *movimento na pista* era modesto, apenas alguns poucos praticantes e espectadores a procuram. Aos finais de semana, no período da tarde, principalmente, isso muda consideravelmente, havendo quase uma “superlotação” da *pista*, que se estende até o cair da noite, ficando apenas alguns poucos espaços disponíveis para a prática do *skate*. Quando ocorriam os eventos de *skate*, percebi que eles “chamavam” para a *pista* um público que, no dia a dia, não a costuma frequentar, e que em eventos torna-se espectador.

No dia a dia da *pista*, os espectadores sempre estão em menor número em relação aos praticantes, mas nos dias de evento a situação se inverte, e eles passam comungar parte de uma sociabilidade que se dá pelo lazer:

[...] logo que me aproximo da pista vejo acontecendo o evento anunciado há algumas semanas, o aniversário da loja M. A estrutura é quase a mesma, se não for a mesma utilizada na final do circuito gaúcho de *skate*, ocorrido há duas semanas. Assim, fica uma parte separada por grades do restante da pista, na qual o público adentra a pista até os limites da grade, vejo uma arquibancada montada de frente para onde está ocorrendo a competição, e os obstáculos imitam alguns equipamentos urbanos, como mesas, hidrantes e carros. Também há uma ambulância posta para atender os competidores, caso alguém tenha algum acidente [...]

Eu adentro a pista e reparo que há um pequeno espaço disponível, já que além do cercado que separa a área de competição, há tendas montadas, vendendo ou distribuindo prêmios para quem realizar alguma atividade. Em uma delas, é oferecido um prêmio para quem fizer uma cesta num aro de basquete - o prêmio pode ser escolhido e são oferecidos por uma loja que patrocina o evento. Os prêmios vão desde *skates* inteiros, ou partes deles

(como *shape*, *trucks* ou rodinhas), camisetas e pares de tênis (DC. 10/12/2011).

Os eventos “chamavam” o público “de fora” para “dentro da *pista*”. Em determinadas ocasiões, causam transtorno para os praticantes, já que os organizadores dos eventos reservam e delimitam (com barreiras físicas ou com a colaboração dos espectadores) os espaços para a competição.

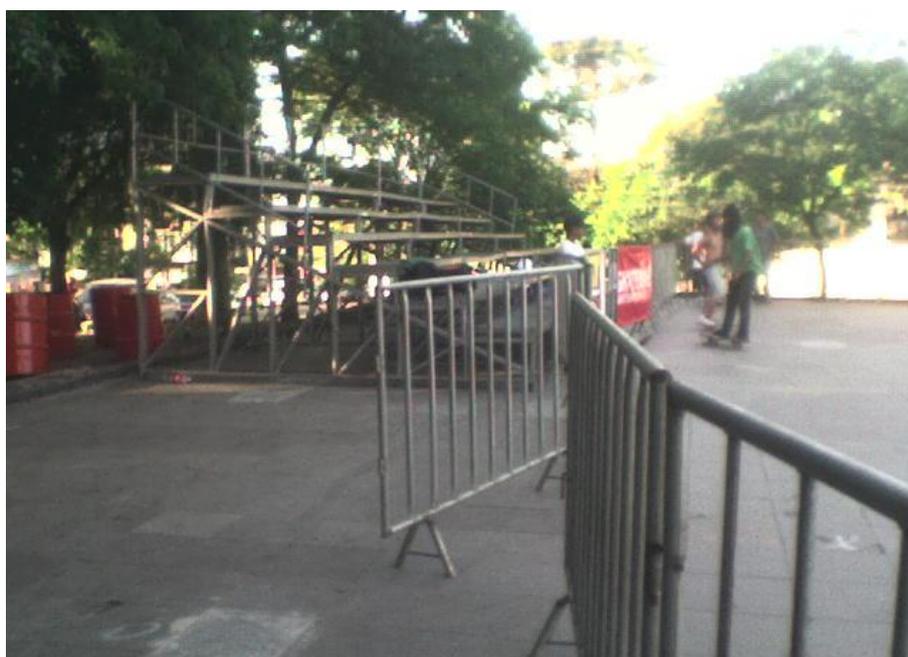


FIGURA 10 – MONTAGEM DA ARQUIBANCADA NA “ENTRADA DA PISTA”
(isolamento da área de competição, que ocorreu no dia seguinte).
Acervo do próprio pesquisador.

Essa delimitação deixava um menor espaço livre para os demais praticantes que não iriam competir, causando aglomeração de praticantes em um pequeno espaço da *pista*, pois os espaços amplos ficam reservados aos poucos que irão competir. Os eventos alteram/mudam as configurações da *pista*, e com isso seu *movimento*.

Mesmo havendo maior procura pela *pista* nesses dias, atenção voltada para os eventos e concentração de público para prestigiar a competição, há praticantes que ficam alheios aos eventos. Em análise preliminar, poderia não significar nada para alguns praticantes, já que muitos que continuam suas práticas sem levar em consideração a disputa que ocorre nos eventos. Naquele dia, alguns realizavam

suas práticas nos poucos espaços livres, outros simplesmente saiam da *pista*, buscavam outros espaços que lhes possibilitassem a prática do *skate*.

Em análise complexa, na busca pelo significado, entende-se que os eventos acabam sendo um lugar de disputas dentro da *pista*, por sujeitos engajados no *jogo*. Os eventos são um momento para interpor relações de força e de estratégias de subversão entre os que organizam os eventos, geralmente, marcas, lojas ou patrocinadores que buscam a divulgação de seus produtos. Do outro lado do *jogo* estão os praticantes, que veem seus espaços para prática limitados, seja pela reserva prévia de determinados obstáculos, seja pela aglomeração ou pela invasão de pedestres dentro dos limites da *pista*, algo que dificilmente ocorre no dia a dia. Com isso, o grupo hegemônico na *pista* (os “calças largas”) mantinha-se nessa condição, pela organização dos eventos, enquanto os “recém-chegados” (“calças coladas”) buscavam estratégias de subversão ou não compactuavam com um *jogo* que consideram desigual, especialmente nas competição/disputa ocorridas nos eventos.

É nesse contexto diversificado de relações sociais, de disputa e de comunhão dos espaços físicos da *pista*, dos significados do *skate* por *códigos sociais*, que os sujeitos que frequentam a *pista* se encontram e se desencontram, atribuindo à *pista* uma configuração diversificada em seus sentidos, seja no cotidiano ou em momentos peculiares, como nos eventos, que alteram o *movimento da pista*.

Por fim, vale considerar que esses subcapítulos foram estruturados a partir do momento em que passei a acompanhar os “calças coladas” - jovens *praticantes de skate*. A partir de suas colaborações, dessa proximidade, é que procuro descrevê-los, relacionando este momento de lazer pela prática do *skate* com alguns dos aspectos que abordei na introdução desta pesquisa (família, educação e trabalho).

4 OS “CALÇAS COLADAS”

Neste Capítulo descrevo o grupo que acompanhei. Procuo compreender as distinções e as disputas ocorridas na *pista* com seu *outro*: os “calças largas”. Considero, ainda, o grupo de “calças coladas” como heterogêneo, já que é composto por diversos sujeitos, além dos jovens. Com isso, descrevo os “níveis”, ou “graus”, de proximidade e de distanciamento entre os diversos sujeitos da *rede de relações* dos “calças coladas”. A rede é base do *capital social* do grupo, e lhes proporcionou o “apoio” e a troca de capitais, tudo isso feito com o intuito dos jovens manterem seus *projetos* de permanecer no *skate*.

A primeira colaboração, que me possibilitou a aproximação com o grupo, partiu de meu orientador, que em um dia de observação, juntamente com um de meus colegas de mestrado, acompanhou-me na *pista*. A proposta, naquele momento, era a aplicação de questionários aos jovens que frequentavam a *pista*, e o objetivo principal era criar uma aproximação como os frequentadores. Posteriormente, essa ferramenta de produção de dados foi abandonada, mas, naquele momento, auxiliou para que eu me aproximasse dos jovens, antes despercebidos em meus Diários de Campo.

Meu orientador dá uma olhada nos questionários, pede-me uma caneta, e vai até um grupo de praticantes que também estava na escadaria. Eu ainda não havia visto aqueles praticantes, ao menos não no número que estavam naquele momento. Apenas havia visto um ou outro, em observações diferentes, e por vezes nem os relatei em meus diários. Eles estavam ali guardando um material de gravação, quando o professor Stigger os interrompe, indagando: “*tudo bem pessoal? Nós estamos fazendo uma pesquisa com os skatistas aqui da pista, vocês poderiam nos responder umas perguntas?*”

Um jovem praticante, prontamente, responde: “Nós, não somos um bando de vagabundo, apesar de todo mundo fala isso”. Com essa resposta, os risos são inevitáveis. O sujeito que fala isso é Everton. Ele segue falando:

Everton: ia ser bom fazer um trabalho sobre a gente, porque todo mundo nos vê como vagabundo. Eu, por exemplo, não faço nada. Mas eu ganho dinheiro para andar de *skate*.

E os jovens praticantes do grupo que está a sua volta falam algumas frases: “ele ganha para andar de *skate*”, “ele tem patrocínio”, “tem uma marca que banca ele” (essas foram algumas das falas que pude captar).

Em seguida, o professor insiste novamente no questionário, falando:

Stigger: eu sou professor da Educação Física da UFRGS, e esse aqui é o Marcelo, ele é meu orientando e nós estamos fazendo uma pesquisa com os praticantes de *skate* aqui da pista. Nossa intenção é mostrar como é esse “mundo do *skate*”, e quem são as pessoas que estão nesse mundo, o que elas fazem.

No momento em que o professor fala em “mundo do *skate*”, Anderson (um dos jovens que ali estava) fala:

Anderson: *bah* o *skate* é um mundo à parte, ele é separado de tudo.

Paulo (outro jovem) fala na intenção de complementar a ideia de seu amigo:

Paulo: é, o *skate* é um mundo “deslocado” de todo o resto.

André (mais um integrante daquele grupo de jovens praticantes) que estava mais próximo a mim, diz:

André: é por isso que as pessoas não nos entendem. Por que é um mundo muito distante do que eles vivem no dia a dia. O *skate* é uma coisa nossa, *tá ligado!*? [...]

Stigger: ninguém precisa se identificar, e nós podemos ir conversando, e vocês contando tudo isso que falaram.

Paulo diz: não, mas nós gostaríamos de nos identificar. A gente quer que os outros saibam quem nós somos, para saberem que nós não somos um bando de vagabundo, que a gente faz muita coisa legal também (DC. 15/10/2011).

O *estranhamento* inicial e a tentativa de desvencilhar o skatista de uma imagem de preconceito ou de estereótipos que poderíamos ter ocorrem durante o tempo em que estávamos aplicando os questionários e observando. As primeiras informações que tivemos daqueles jovens referiam-se às idades, que variavam dos 15 aos 20 anos, mas havia praticantes mais novos e mais velhos do que esses.

Além da tentativa de se desvencilhar dos estereótipos, os jovens a todo o momento procuravam dizer quem eram. Não faziam questão de se omitir, muito pelo contrário, identificavam-se em suas falas, e reivindicavam serem ouvidos. Conforme iam surgindo às perguntas do questionário, também iam surgindo explicações às suas respostas, brincadeiras e algumas respostas tinham a ajuda do grupo. Havia uma clara tentativa dos jovens de se distinguirem dentro dos grupos sociais do *skate*.

Quanto ao questionário, acredito ser interessante ressaltar que o intuito não era trazer dados numéricos para a pesquisa, mas sim acessar algumas informações pertinentes a ela. Entretanto, informações que me pareciam interessantes, posteriormente pude perceber que só faziam sentido para mim, pois só atendiam as

minhas necessidades e os interesses de pesquisador, e pouco faziam sentido aos jovens. Esse acabou sendo um dos motivos que me fez não dar continuidade, ou “não forçar a barra” com os jovens, que pouco se sentiam à vontade para responder algumas perguntas.

Em nossos diálogos, naquele dia, em meio às brincadeiras que uns faziam sobre as respostas dos outros, foi quando os jovens se autodefiniram como “calças coladas”. Fizeram isso a partir de um contraste com outro grupo: “calças largas”.

Paulo fala: é, mas só que tem os “calças larga”, eles sim torcem só para um. Para um deles, quando tem competição [evento], mas nós aqui não. A gente torce para todo mundo.

Eu fico intrigado com a expressão que o jovem usa, “calça larga”, e o questiono:

Marcelo: Por que “calça larga”?

Paulo responde: é eles são os “calças larga” e nos os “calças colada”. Tipo *emo*²³.

Jandeson, em tom de brincadeira, complementa: é, a gente é tipo *emo*, mas só que não chora, não anda todo colorido feito o *Restart*²⁴ e gosta de *Rock*.

Anderson continua a explicação de seu amigo: é por isso, os “calças larga” não gostam de nós, porque nós gostamos de *Rock* e eles de *Rap*. A gente aqui torce para todo mundo, e eles torcem só para um. Eles têm um cara que tem que ser o melhor sempre. E, com isso, eles sempre tão nessa disputa para ver quem é melhor. Para eles, eles são os melhores, “melhores do mundo”, e nós não. Nós viemos mais para cá por causa da curtição, dos amigos, de estar aqui junto com a galera. E eles vêm sempre para andar, e para mostrar para os outros que eles são os melhores, mas a gente não tá muito preocupado com isso.

Jandeson complementa as colocações de Anderson: é, a gente não se preocupa porque a gente anda bem. Às vezes, até melhor que eles. Mas a gente não vem aqui para mostra que é melhor. A gente vem porque gosta. Olha só, a melhor coisa que tem é no final do dia, depois que já ficamos a tarde toda aqui, é a gente decidir para onde a gente vai. Aí sempre tem alguém que fala: “Bah, vamos no bar toma uma cerveja”. *Bah*, não tem outra, aí a gente vai. Mas também tem uns lugares que a gente é “marcado”, tipo no “Z”²⁵. *Bah*, não tem! É só a gente chegar lá e já tem um segurança marcando em cima para ver se a gente vai aprontar alguma coisa. Pior que é só com nós mesmo. É só o cara chegar num lugar com um *skate* embaixo do braço e já vem a marcação em cima (DC. 15/10/2011).

Os jovens “calças coladas”, além de tentarem se desvencilhar dos estereótipos, procuravam esclarecer seus sinais de distinção em relação ao outro grupo (“calças largas”), a partir da definição de si mesmos como os “calças coladas”.

²³ Grupo urbano de jovens.

²⁴ Banda jovem que ganhou notoriedade por volta do ano de 2010.

²⁵ O nome desta empresa e das demais empresas ou marcas que os jovens referem ao longo da pesquisa são retratados apenas pela letra inicial, pois não obtive autorização das mesmas para tal utilização. O intuito, neste momento, é compreender como os jovens significam estas marcas.

Interpreto isso no primeiro momento, a partir da simples distinção que os mesmos fazem da relação entre suas roupas e os estilos musicais de cada grupo: *Rock* para os “calças coladas”, e *Rap* para os “calças largas”. Contudo, o sinal primário, e talvez mais evidente, eram as vestimentas, roupas largas ou coladas ao corpo, principalmente as calças.

A participação na vida urbana, os deslocamentos impostos pelas atividades de trabalho e instrução, a busca de diversão para além dos limites do bairro, levam a um aumento de circulação dos jovens pelos variados espaços da cidade, intensificando bastante a sua exposição pública. A importância da roupa está intimamente vinculada a essa exposição, na medida em que dá visibilidade às identidades sociais (ABRAMO, 1994, p.69).

Outro ponto interessante é que os “calças coladas”, até certo ponto, se aproximam de outro estilo vigente no *skate*, além do “calças largas”, apontados na dissertação de Bastos (2006), mas não sob esta definição. No entanto, na descrição que o autor faz entre um e outro praticante é possível de se caracterizar ambos os estilos:

O skatista identificado com este estilo usa roupas pretas, calças justas, cintos de couro, camisetas com mangas cortadas. Se parece com um *punk*, ou um cantor de *rock*. O *street* skate se caracteriza por estar como que fundido no estilo das competições (da maioria delas) [...]. O skatista do *street* está “em casa”. As músicas que mais tocam são o *rap’s*, a música do *street* por excelência [...]. Calças largas, com fundilhos quase até os joelhos, camisetas larguíssimas, bonés grandes e coloridos, correntes, penteados afro, essas são as vestes dos skatistas do *street* (BASTOS, 2006, p.69-70).

Paulo continua conversando com Everton. Falam sobre *skate*, e sobre outros praticantes da pista. Em certo ponto daquele diálogo, Paulo fala em “rixa” com os “calças largas”, e começa a falar para Everton quem são os outros praticantes que falam com ele. E aqueles que deixaram de falar com ele. Tudo por ele ter assumido o estilo dos “calças coladas”. Nisso, intrometo-me na conversa, e pergunto:

Marcelo: até que ponto essa “rixa” entre vocês e eles atrapalha, e até que ponto motiva vocês?

Paulo pensa e responde: bom, a gente perde vários amigos que deixam de falar com a gente só porque a gente assume ser “calça colada”. Tipo, os caras acham que por a gente usar essas roupas a gente é “putão”, mas têm outros que não se importam com nosso estilo, nossas roupas.

Everton complementa: é, a disputa também motiva a gente para estar andando melhor, e para deixar de lado algumas coisas. Eu, por exemplo,

têm muitos aqui na pista que começaram junto comigo, de vim junto para pista, pegar ônibus, essas coisas, mas aí, quando assumi esse estilo, os caras me ignoraram, nem falam mais comigo (DC. 27/02/2012).

As calças acabam por conferir um lugar simbólico dentro da *pista*, e na formação dos diferentes grupos. Essas disputas, distinção que se inicia pelas vestimentas, são um ponto de rupturas entre os jovens, e se acentuam a partir do momento em que entra em discussão o *skate* praticado na *pista*, e outras práticas sociais.

Os citados grupos foram os mais preponderantes nos diálogos e nas observações, porém não rejeito a hipótese de ainda haver inúmeros outros grupos, que tenham passado despercebidos. Contudo, eram esses os grupos que davam sentido à disputa, então passei a acompanhar os “calças coladas”, jovens de um dos grupos que se contrapunham na *pista*.

4.1 DIFERENÇAS ENTRE “CALÇAS COLADAS” E “CALÇAS LARGAS”

Os “calças coladas”, em diversos momentos, relatavam suas insatisfações com os “calças largas”. Insatisfações que começavam pelo estilo “calça colada” não ser aceito na *pista*, por parte daqueles que aderem às “calças largas”, preponderantes na *pista*, seguido por skatistas profissionais. Até certo ponto, significa o estilo a ser seguido, e com isso passa a ser reproduzido por um número significativo de praticantes.

Criam-se, assim, *fronteiras* simbólicas em um mesmo espaço (a *pista*), e entre um grupo de praticantes e outro: “a distância objetiva mínima no espaço social pode coincidir com a distância subjetiva máxima: isso, entre outras razões, porque o mais ‘vizinho’ é o que mais ameaça a identidade social, isto é, a diferença (BOURDIEU, 2009, p.230)”. A partir da diferença, consigo compreender e descrever uma das questões desta pesquisa: *como disputam as práticas do skate, e como é a convivência com outros jovens em um espaço público comum a eles (a pista)?*

Oliven (1992, p.127) expôs “que identidades são representações formuladas em oposição ou contraste a outras identidades, o que busca são justamente as

diferenças”, os “calças coladas” só podem se definir como tais a partir do momento em que existem diferenças entre os significados do *skate* que estão em *jogo* com os “calças largas”. A pesar de haver diversos outros grupos na *pista*, para os “calças coladas”, a noção de oposição só faz sentido em relação aos “calças largas”.

O funcionamento do espaço social baseia-se na vontade de distinção dos indivíduos e dos grupos, isto é, na vontade de possuir uma identidade social própria, que permita existir socialmente. Trata-se antes de tudo, de ser reconhecido pelos outros, de adquirir importância, visibilidade, e finalmente trata-se de um sentido. Essa identidade social repousa sobre o nome de família, sobre a filiação a uma família (como filiação a uma linhagem), sobre nacionalidade, a profissão, a religião, a classe social, filiações que fornecem rótulos, etiquetas para os indivíduos [no contexto investigado os jovens se autodenominam de “calças coladas”]. Existir socialmente é, essencialmente, ser percebido, isto é, fazer com que sejam reconhecidas tão positivamente quanto possível as suas propriedades distintivas. Daí a necessidade de transformar uma propriedade objetiva em capital simbólico (BONNEWITZ, 2003, p.103).

A coexistência social dos grupos, no contexto da *pista*, só é possível a partir das diferentes maneiras pelas quais cada grupo significa determinadas condições materiais, e significam-nas de formas distintas. Com isso, outro ponto de discórdia se refere ao que compreendo como significado primaz do *skate* para um e outro grupo. Para os “calças coladas”, a prática do *skate* significa, primeiramente, um momento para estar com os amigos. Eles aderem à prática pelo gosto pessoal, ou seja, coisas outras para além da prática em si. Esses jovens se encontram na *pista* principalmente aos finais de semana.

Everton sugere irmos para o supermercado, nós vamos, ficamos aguardando a chegada de Laura e de Liédson, mas apenas Liédson aparece. Ele chega de guarda-chuva, e nos cumprimenta. Ao ver Luciano sem *skate*, fala: *ué, cadê teu carrinho [skate]?*
 Luciano responde: não trouxe, *tá chovendo, né!*
 Liédson ri e fala: porque tu veio então, se não ia andar?
 Luciano: eu vim para ficar com a galera, não para andar. Trouxe teu *skate*, que *tá* quebrado, e também não vai andar, porque *tá* chovendo. Trouxe só para fazer peso (DC. 25/02/2012).

Enquanto para um “calça colada” estar na *pista* é um momento de estar com os amigos, para um “calça larga” estar na *pista* primeiramente significa a prática do

skate como competição, mais especificamente um *estilo de vida de quem vive do skate*²⁶. Com isso, esse *estilo de vida de quem vive do skate* acaba se tornando uma forma de *capital simbólico*²⁷ reconhecido na *pista*, e manifestado pelo uso das “calças largas”. Estilo esse é copiado e reproduzido por sujeitos outros, que podem **não viver do skate**, mas assimilam a vestimenta daqueles que *vivem do skate*. Esse acaba sendo o primeiro elemento de distinção entre um grupo e outro.

Tanto aqueles que têm o *skate* como uma prática no lazer quanto àqueles que *vivem do skate* se conhecem e reconhecem na *pista*. É a partir desse conhecimento mútuo, e dos interesses diversos e divergentes de um grupo em relação ao outro é que os “calças coladas” e “calças largas” opõem-se no *jogo da pista*. Para os “calças largas”, o significado primaz do *skate* na *pista*, se refere *viver do skate*. Esses praticantes também acabam indo para a *pista* para encontrar seus amigos, e sua presença na *pista* acaba sendo mais preponderante nas manhãs ou tardes de segunda-feira e terça-feira²⁸, ou seja, dias e horários em que o *movimento na pista* é significativamente reduzido, se comparado aos dias de final de semana, ou dias de eventos.

Os eventos também são significados de formas diferentes por cada um dos grupos. É pelos eventos que os “calças largas” procuram divulgar as marcas e/ou lojas que os patrocinam, e é por esses eventos que os “calças largas” começam a *viver do skate*, passam a ganhar visibilidade, serem conhecidos e reconhecidos na *pista* (BASTOS, 2006). Por exemplo: em um dos eventos da loja “M” os valores totais das premiações superavam os 10 mil reais, sendo: 4 mil reais para o primeiro colocado, além de uma viagem, ida e volta, para uma competição na cidade de Barcelona/Espanha; 3 mil reais para o segundo colocado; 2 mil reais para o terceiro;

²⁶ Em linhas gerais, Bastos (2006) trata aqueles que *vivem do skate* como os skatistas que saíram de seus bairros e passaram a competir em um circuito profissional de *skate*. Claro que isso gerou outras implicações, apontadas pelo autor em sua obra, como, por exemplo, “fazer o corre”: “Significa ser responsável e capaz de dar conta de seus próprios movimentos por dentro do campo (BASTOS, 2006, p.92)”. E principalmente a conversão de capitais válidos no *skate* em capital econômico. Seja pela rede de relações sociais que eram construídas pelos skatistas (capital social), seja pelo bom desempenho, conquista de títulos em campeonatos (capital simbólico). Com isso, os skatistas necessitavam ser conhecidos, e posteriormente reconhecidos pelos seus feitos. Com isso, passavam a receber apoio (materiais para a prática do *skate*), e posteriormente patrocínios em dinheiro. Passavam a *viver do skate*.

²⁷ “Corresponde ao conjunto de rituais [...] ligados à honra e ao reconhecimento. Afinal, apenas o crédito e a autoridade conferem a um agente o reconhecimento e a posse das três outras formas de capital [econômico, cultural e social] (BONNEWITZ, 2003, p.54)”.

²⁸ Samuel: [...] segunda ou terça, de manhã, ou no começo da tarde. Porque o pessoal que anda mesmo gosta de andar quando não tem ninguém na pista (DC. 12/11/2011).

e uma premiação no valor de 500 reais do quarto ao décimo colocados na competição.

Como referi no Capítulo anterior (3. A *pista*), os eventos “chamavam” para a *pista* um público terceiro, e mudavam o *movimento na pista*. Os espaços para a competição eram limitados por barreiras físicas (grades, alambrados, arquibancadas), além da presença maciça de *espectadores*, ocupando os poucos espaços disponíveis para a prática do *skate*. Por certo, os *espectadores* ocupavam o ponto de encontro dos “calças coladas”: a escadaria. Para os “calças coladas”, os eventos significavam a limitação de seus espaços de convivência e da prática do *skate*, seja pela limitação dos espaços de competição, seja pela presença demasiada de *espectadores*.

O ponto que compreendo como mais significativo na disputa entre “calças coladas” e “calças largas”, nos eventos, se refere ao sentimento de injustiça, ou pelo menos um sentimento de não igualdade de condições na competição.

Marcelo: como que é essa disputa dentro dos eventos?

Everton: acho que ela é não por tu andar bem ou andar mal, é muito roubado. Todo mundo sabe, tipo: que nem eu já vi no último campeonato que aconteceu: o Anderson foi dar uma manobra ali na caixa e os caras falaram: “vaza o calça apertada”. Eu acho que isso daí já falaram pra ele: “não adianta tu tentar porque tu não vai ganhar”. Aí, do outro lado um que não tinha nada a ver, não anda “porra nenhuma”, deu uma manobra e “UOU, UOU...” e tal o cara ganhou ali. E o Anderson, que deu uma manobra melhor, os caras mandaram vazar.

Luciano: tem haver com a organização, quem organiza são eles próprios. Como os próprios atletas, eles mesmos se ajudam! Eles mesmos se divulgam! É isso, aí não tem como tu disputar. Não tem como (Entrevista 12/05/2012).

Os dois grupos, apesar comungar do espaço, da *pista*, pouco comungavam de um significado em relação aos eventos e à competição neles ocorrida. Assim, a princípio pensava que a união do grupo (“calças coladas”) se dava por uma familiaridade ou proximidade entre os estilos de suas vestes, e também acreditava que suas vestimentas até certo ponto fossem o ponto de distanciamento, disputa, e distinção em relação aos “calças largas”, ficou em segundo plano. No entanto, se a vestimenta ficava em segundo plano, no que se referia a disputa e distinção entre

esses grupos? Então, questionei durante a entrevista com os jovens “calças coladas”: *por que a disputa com os “calças largas”?*

Everton: eu acho assim ó: tem um conflito muito grande aqui na pista. Falando bem a real, bem o português: é os “largado” contra os “Dagger²⁹”, é assim: Tu tá andando num lugar, tem “largado” que sempre passa falando “merdinha”. Daí, como nós não queremos se estressar na pista, porque é um lugar pra vim para andar, para curtir a vida. Eu me dou com um monte de cara que usa “calça larga”. Eu não tenho problema com ninguém. Só que tem uns “largado” que não veem dessa maneira. Tem uns assim, que “ai eles usam ‘calça colada’ são um bando de pau no...” Eles não gostam de nós. Ou assim, se estamos andando em algum lugar, eles chegam para andar e é entre o patrocínio. E o patrocínio, aqui no IAPI, é assim: se tu andar com os caras e fizer o que eles querem tu tens patrocínio. Mas agora se tu não andar com os caras, e for do outro lado, se for que nem nós, andar de calça apertada, tu não tem, nem precisa. Tu podes correr o campeonato com eles que tu vai só dá o teu dinheiro para eles, porque eles não vão te dar nota (Entrevista, 12/05/2012).

Para compreender o *jogo*, nesse momento, é necessário levar em consideração que os “calças largas” são praticantes mais antigos no *skate*, se comparados aos “calças coladas”. Posso levar em conta, ainda, que os “calças largas”, por serem mais antigos no *skate*, recebem “apoio” ou patrocínios há mais tempo, pelo menos desde 2005 quando Bastos (2006) os acompanhou pelo circuito gaúcho de *skate*. Enquanto isso, os “calças coladas” há pouco mais de um ano, quando conheceram Rogério e passaram a receber algum “apoio”. Ou seja, a prática do *skate* e sua condição de *viver do skate*, há alguns anos, possibilita aos “calças largas” um acúmulo maior de *capitais*. Nesse caso, *capitais simbólicos*, dentro do *skate*, por exemplo: a conquista de títulos dentro das competições, convertidos em *capital econômico*, pelo patrocínio em dinheiro; e nas premiações em eventos, formas pelas quais eles passavam a *viver do skate*. Já os jovens “calças coladas” não vivem apenas do *skate*. Alguns deles trabalham, ou estudam, e com isso acabam tendo minimizado seu tempo de prática de *skate* no lazer. Mesmo tendo no *skate* uma prática no seu tempo livre, os jovens *projetam* suas aspirações de continuar no *skate*, a partir do *estilo de vida* daqueles que *vivem do skate*: os “calças largas”.

²⁹ Outra nomenclatura autoreferida pelos “calças coladas”.

Assim, outro elemento de distinção entre os grupos se refere àqueles que conseguiram *ascender socialmente* (BOURDIEU, 1983; VELHO, 1999) por *viverem do skate* (os “calças largas”), e àqueles que praticam o *skate* como forma de lazer. Os “calças coladas” não comungam plenamente dos mesmos *códigos sociais* de seus *outros*, no que concerne a forma pela qual os “calças largas” conseguem patrocínio ou “*fazer o corre*”:

A disposição para o encaminhamento das atribuições individuais também é uma característica diferencial e diferenciadora. Os nativos chamam a essa característica ‘fazer o corre’. Significar ser responsável e capaz de dar conta de seus próprios movimentos dentro do campo (BASTOS, 2006, p.92).

As complexas relações entre os diferentes grupos, na *pista de skate*, podem ser entendidas a partir das

[...] noções de *prestígio* e *ascensão social* parecem-me vinculadas, exatamente, a diferentes formas de viver e lidar com a questão da individualidade na sociedade contemporânea. Fazem parte, por sua vez, de um processo mais amplo de construção *social da identidade* (VELHO, 1999, p.44).

Com esse entendimento, os jovens “calças coladas”, apesar *projetar* suas aspirações no *outro* (“calças largas”), procuravam subverter tal lógica individualizante dentro da *pista*. A partir disso, encontravam no “apoio” um dos outros a forma pela qual se mantiveram no *skate* e no *jogo da pista*. Reiteradamente, os jovens afirmavam que “são os amigos que seguram o cara no *skate* (Entrevista, 12/05/2012)”. Assim, enquanto os “calças largas” primavam pelos aspectos mais individuais do que a prática do *skate* proporcionava, os “calças coladas” significavam sua continuidade no *skate* justamente pelas condições coletivas que o grupo proporcionava.

Neste sentido, no uso que cada grupo atribui a um esporte, propõe objetivamente a *sua interpretação* deste esporte, que pode ser diferente do sentido dominante, ou seja, aquele que é estabelecido pelos seus usuários dominantes (numérica ou socialmente) (STIGGER, 2002, p. 32-33).

Também vale considerar o que os jovens “calças coladas” apontavam como elemento de identificação e de “fronteira” entre um grupo e outro o consumo, ou não consumo, de drogas (principalmente a maconha na *pista*). Apesar de os jovens “calças coladas” afirmarem que não consomem drogas, em determinada ocasião um desses jovens caiu em contradição, quando o vi consumindo o entorpecente.

Com o tempo, pude perceber e compreender que o consumo de maconha, na *pista*, acabava sendo um “facilitador” na sociabilidade entre os diferentes sujeitos que a frequentam. Os *espectadores*, até certo ponto, eram rechaçados, ou excluídos da sociabilidade que se constituía pela prática do *skate*, mas alguns conseguiam acesso pelo compartilhamento de cigarros de maconha, ou pelo empréstimo de isqueiros. Isso, recorrentemente, ocorria atrás do complexo de rampas, ou nas proximidades da escadaria, ponto de encontro dos “calças coladas”. Estes, que apontavam as drogas como elemento significativo de sua distinção frente aos “calças largas”, ainda que em contradição, não se sentiam ameaçados pelo consumo de drogas próximo a eles. No entanto, esse se tornou mais um elemento intensificador da disputa, corroborando para a noção de pertença ao grupo.

Levando em conta todas as considerações de distinção entre um grupo e outro, a seguir, volto minha atenção ao grupo que acompanhei.

4.2 OS “CALÇAS COLADAS”: UM GRUPO HETEROGÊNEO

A fim de compreender o grupo que acompanhei, necessito retomar uma das questões desta pesquisa: *quem são os jovens que praticam skate no lazer?* Os jovens “calças coladas” constituem um grupo heterogêneo por vários aspectos: o primeiro, mais evidente, são as vestimentas, que se distinguiram e se destacavam na *pista*. Apesar da não homogeneização entre sujeitos e grupos diversos, em momento algum os jovens deixavam de se afirmar com skatistas. Ou seja, antes de serem “calças coladas”, eram praticantes, definindo-se, acima de tudo, como skatistas.

Não se pode pensar simplesmente que todos os skatistas são amigos um dos outros. Há certa convivência, tolerância entre os diversos grupos, mas isso só se dá a partir do momento em que os mesmos estabelecem suas *fronteiras*, que

determinam a pertença, o acesso e/ou restrição a cada grupo, estabelecendo *fronteiras*, encontradas dentro do próprio grupo. Algo próximo ao que Pais (1990), ao pesquisar o lazer de jovens em uma cidade de Portugal, descreveu, indicando que havia *regras explícitas* e *regras implícitas* que, de certa forma, estabeleciam *fronteiras* que possibilitavam a *inclusão* ou a *exclusão* de alguns jovens, em determinadas sociabilidades que ocorriam no lazer. Pais (1990) ainda constatou que as *regras* que *excluía*m os jovens de certas sociabilidades eram até mais significantes para eles no estabelecimento de *fronteiras*, do que aquelas *regras* que possibilitavam a *inclusão* dos jovens.

Dentro do grupo “calças coladas” há jovens praticantes que não aderem plenamente ao estilo, alguns o assumem parcialmente (usam um, ou outro elemento da veste, como por exemplo: os cadarços de tênis que são usados como cintos para segurar as calças), ou até mesmo não assumem as “calças coladas”, e tão pouco as largas. Alguns destes sujeitos usam bermudas, ou camisas estilo regata, ou camisas sociais.

Luciano: Sinceramente, eu já andei de *patinete* e fazia umas manobras ... pulava cordão, dava *manual*. Aí, depois andei de *roller*, tipo na *caixa*, fazia vários negócios. Mas aí, quando eu joguei bola ... , só que fui muito discriminado, porque eu tinha o chute muito fraco. Essa história assim, de grupo ..., eu que não sou muito ligado em grupo ..., é, eu nunca me encaixei até pelo estilo. Futebol e pagode. São sempre outras coisas. E, logo quando eu conheci o *skate*, foi quando, mais ou menos no mesmo momento que eu comecei a gostar de *Rap* e *Hip-hop*. Daí, o estilo da música também me envolveu mesmo, como eu também conheci o *Rock*. Eu sou também da parte “loucurada”, que adquiriu toda essa liberdade.

Anderson: O Luciano é o único aqui da galera *Dagger* que curte *Rap*, usa “calça larga” e anda com nós. É o único (Entrevista, 12/05/2012).

Claro que não posso ser ingênuo, ou tratar simploriamente, como se o grupo fosse um lugar de acolhimento dos “excluídos”. Assim como Pais (1990) expôs, os jovens criam suas próprias *regras* e *códigos sociais*, que permitem a *inclusão*, ou a *exclusão* de outros jovens a determinados grupos, e determinadas sociabilidades. A partir da noção de *inclusão* e de *exclusão*, e das implicações desses limites é que direciono minha compreensão dos “calças coladas”.

Outro ponto a ser compreendido é o de que os “calças coladas”, para manterem-se no *skate*, necessitam de meios de fora do *skate*, necessitam trabalhar.

A partir do momento em que um jovem necessitava trabalhar para se manter no *skate*, significava certa limitação da presença deste jovem no grupo, e na *pista*. Há praticantes que estão quase que diariamente na *pista*, e aqueles que por trabalharem, intensificavam sua presença na *pista* aos finais de semanas, feriados e/ou épocas de férias (do trabalho ou escolares).

Outra característica é: o grupo é formado predominantemente por guris/rapazes, mas havia a presença de algumas gurias/moças, geralmente namoradas de algum dos jovens, ou, ainda, *chegadas* de outros espaços sociais, como colegas de escola, vizinhas do bairro, colegas de trabalho, ou, até mesmo, que praticam o *skate* em outras pistas, mas que, quando recebiam o convite dos “calças coladas”, *colavam*³⁰ com eles na *pista*.

Outro aspecto referente à heterogeneidade do grupo refere-se, à idade e à geração dos praticantes. As idades daqueles jovens variavam em sua maioria dos 15 aos 20 anos, mas havia praticantes mais novos, crianças. Estes são uma espécie de “aprendizes” dentro do grupo. Os aprendizados e os ensinamentos que aconteciam na *pista*, geralmente, davam-se em uma relação vertical, na qual os praticantes mais experientes (jovens ou adultos) passavam seus conhecimentos aos mais novos (geralmente crianças ou outros jovens iniciantes na prática do *skate*), seja na explícita execução das manobras, demonstração, ou através de pequenas dicas, como a posição dos pés no *shape*.

Estou junto com Lúcio, Everton e sua namorada, e outros jovens praticantes. Luciano e André, por vezes, emprestam seus *skates* para Everton, e pedem para que ele execute alguma manobra que eles queiram aprender. Assim, Everton executa as manobras, duas ou três vezes cada, e explica cada uma delas. Em seguida, devolve o *skate* para Luciano ou para André (dependendo de quem pediu a manobra), e eles, após a explicação de Everton, tentam realizar a manobra por ele executada. Quando conseguem, pedem para que ele demonstre outra manobra. Acabam fazendo isso com quatro manobras diferentes (DC. 10/01/2012).

[...] ficamos a observar um jovem praticante (Fábio), que às vezes está com os “calças coladas”. Ele fica tentado uma manobra, após algumas tentativas, Luciano fala: coloca o pé mais para dentro!

³⁰ A expressão *colar*, no contexto, se referia a acompanhar o grupo. Isso ocorria quando alguém era convidado, ou quando alguém novo na pista parece distante dos demais, e acaba sendo convidado a *colar* com o grupo. Também ocorre em situações em que alguém “recém chegado” comprava algum produto do comércio de Rogério, e passavam a *colar* com os “calças coladas”, com isso aprendiam suas manobras, e por vezes passavam a reproduzir este estilo de vestimentas.

Assim, Fábio segue a indicação de Luciano, e consegue acertar a manobra. Quando Lúcio vem até nós, o jovem praticante pede para que ele olhe sua manobra. Quando ele a realiza com sucesso, Lúcio o cumprimenta pelo êxito, e Luciano fala: quem foi que te deu a base?

Assim, o jovem praticante reconhece a ajuda, e diz: Valeu, Luciano! (DC. 29/12/2011).

Também havia adultos, Rogério e Thomas. Rogério vez ou outra levava seu filho (7 anos de idade), que ficava na companhia dos jovens “calças coladas” enquanto ele gerenciava seu comércio. Rogério, uma das pessoas que *vive do skate na pista*, é representante comercial e patrocinador de alguns jovens “calças coladas”. Ele e Thomas têm um estilo próprio, e distinto dos “calças coladas” (essa distinção possivelmente se dê por serem praticantes de épocas diferentes).

Rogério: *bah*, sabe como eu comecei? Eu ganhei um *skate* de natal. Eu devia ter uns 14, 15 anos. Aí, comecei a andar no Marinha, já que, naquela época, nem existia essa pista aqui. Andei direto, até os 18 anos, que foi quando eu entrei no quartel. Aí, fiquei muitos anos longe do *skate*, e voltei no ano passado (DC. 21/01/2012).

Rogério se considera um “skatista das antigas”. Iniciou no *skate* no final dos anos 80, começo dos 90, na pista do Parque Marinha do Brasil, já que na época ainda não existia a *pista* do IAPI. Praticou o *skate*, até ingressar no serviço militar, se “distanciando” do *skate* por alguns anos. Somente após ele se casar, e ter filho, decidiu “volta” para o *skate*. Rogério, no aniversário de seu filho, o presenteou com um *skate*, e ambos começaram a frequentar a *pista*. Ele, imbuído de experiências anteriores no *skate*, ao perceber que não havia um comércio especializado para o *skate na pista*, mesmo como representante comercial de peças automotivas (e pelo seu conhecimento prévio do *skate*), entrou em contato com alguns fornecedores de *skate*. Algumas semanas depois, já estava na *pista* com o comércio de peças para *skate*: *shape*, *trucks*, rodinhas, lixas e rolamentos. Por sempre carregar suas ferramentas específicas para o *skate*, é constantemente procurado para o empréstimo das mesmas.

Rogério: nisso, me deu na cabeça de vim vender na pista. Aí, eu vim, a primeira vez, em fevereiro do ano passado. No primeiro final de semana, não vendi nada. Fiquei lá do outro lado, embaixo daquelas árvores [a “entrada da pista”]. Mas continuei, não vendi nada no segundo e nem no terceiro final de semana. Aí, no quarto final de semana fiquei aqui perto. Fiquei alí (ele aponto o local próximo a escadaria), aí vendi tudo, cara. É que alí ficava um cara que vendia também, só que ele não veio naquele dia. Aí, pensei em ficar ali, e, *bah*, na tarde vendi tudo, não tinha mais nada. Nem *shape*, nem lixa, nem nada do que eu tinha, foi tudo numa tarde só. E foi nesse dia que eu conheci o Everton, o Paulo e a gurizada toda, porque eles ficavam em volta, e a gente conversava, e tudo (DC. 21/01/2012).

No dia em que Rogério “volta” para o *skate*, foi o dia em que reencontrou Thomas. Ambos iniciaram no *skate* no Parque Marinha do Brasil, no final dos anos 80. Somente após 20 anos de distanciamento é que se encontraram em um espaço novo, a *pista* do IAPI. Ainda naquele dia, se iniciou uma proximidade, uma amizade com os jovens “calças coladas”, que recorrentemente estavam na *pista*, e que se aprofundou a partir do momento em que Rogério constituiu sua marca, nascida e própria da *pista de skate* do IAPI. Através dela, ele procura “apoiar” e patrocinar os jovens “calças coladas”, e passou a ganhar centralidade no que se refere a “apoiar” as aspirações e os *projetos* desses jovens: manterem-se no *skate* (abordo essa temática no próximo subcapítulo).

A diversidade e a heterogeneidade do grupo fizeram com que o mesmo, de certa forma, tivesse uma organização, no que se refere à relação entre os sujeitos do grupo, e a relação dos sujeitos do grupo com sujeitos de outros grupos. Todos esses elementos (*fronteira, inclusão/exclusão proximidade/distanciamento, idade/geração, pertença, presença na pista, viver do skate ou aspirar viver do skate*), em alguma medida, ajudam a delinear algumas das *fronteiras* de pertença do grupo dos “calças coladas”, na *pista*.

Como Magnani (2003) descreveu, “**não basta**, contudo morar perto ou **frequentar com certa assiduidade** esses lugares: para ser do ‘pedaço’ é preciso estar situado numa particular *rede de relações* [...] (p.115, [grifos meus])”. A noção que Magnani elabora para compreender quem é ou não é do *pedaço* ajuda-me a descrever e a compreender os “graus”/“níveis” de proximidade e de distanciamento, na *rede de relações* dos “calças coladas”, a partir de suas sociabilidades, principalmente as ocorridas no lazer, dentro ou fora da *pista*.

A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos [...] e aqueles mais distantes [...]. A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as 'obrigações', o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer (DAYRELL, 2007, 1111).

O quarto grau de proximidade, o mais distante nesta *rede de relações*, refere-se aos *conhecidos* e *reconhecidos* na *pista*. Esses sujeitos ganham notoriedade a partir de sua participação em eventos, conquistas e premiações nos eventos, e execução, ou invenção de manobras (BASTOS, 2006). A relação desses sujeitos com os “calças coladas” era superficial, apenas os cumprimentavam, quando chegavam ou saíam da *pista*. Os *conhecidos* e os *reconhecidos*, na *pista*, eram os mais distantes na *rede de relações* dos “calças coladas”.

O terceiro grau de proximidade se refere aos *chegados*. Esses eram sujeitos que pouco frequentavam a *pista*, e, conseqüentemente, pouco participavam das disputas no *jogo da pista*. Eram praticantes que conheciam os “calças coladas” de outros espaços sociais, como, por exemplo, do bairro, de outras pistas ou, até mesmo, de outras épocas do *skate*. Apesar de um aparente distanciamento, quando apareciam na *pista* sua presença era festejada euforicamente, com abraços e com expressões: “olha só quem chegou!”; “Cola aí com a gente, hoje”!

O segundo grau de proximidade se refere aos *amigos*. São eles que “seguram o cara no *skate*”. Os amigos conferiam o “apoio” material (peças, vale transporte, carona e estadia na residência) e simbólico (reconhecimento, elogios e sugestões para melhorar as manobras no *skate*). Eram alguns desses *amigos* que formavam a base do primeiro grau de proximidade na *rede de relações* dos “calças coladas”.

O primeiro grau de proximidade refere-se aos *irmãos*. Poderia se pensar na expressão inglesa *brother*, que Magnani (2003) expôs em sua pesquisa, mas esta, pelas observações, pareceu-me ter caído no desuso, pelo menos não era recorrentemente utilizada no contexto da *pista*. Compreendo a noção de *irmão* usada pelos “calças coladas”, para designar o grau mais próximo na *rede de relações* entre alguns sujeitos do grupo, pois, nem todos eram considerados como *irmãos*. Apenas os *irmãos* participavam de determinadas sociabilidades. Pelo que estes jovens relataram, as sociabilidades se davam principalmente na participação em festas, ou encontros, na casa de um ou de outro jovem. “Everton: minha família

são os amigos que eu tenho aqui andando de *skate* comigo (Entrevista, 12/05/2012)”.

Lúcio volta e mexe na mochila da Everton.
 A senhora (mãe de Rogério) fala: o Everton disse para ninguém mexer na mochila!
 Lúcio: *bah*, mas eu sou irmão dele, eu posso, *né*!?
 A senhora, espantada, fala: eu não sabia que tu eras o irmão do Everton.
 Lúcio: a gente não é irmão de criação, mas moramos juntos e tudo mais (DC. 03/12/2011).

Considero que a tentativa de descrever e de interpretar os “graus” ou “níveis” confere inteligibilidade às proximidades e os distanciamentos entre os grupos que frequentam a *pista* e, mais especificamente, à *rede de relações* do grupo dos “calças coladas”. Os graus de proximidade e de distanciamento permitem compreender, por exemplo, uma das estratégias que os jovens usam para frequentar com mais assiduidade à *pista*. No caso da relação entre os *irmãos*, a eles é permitida a estadia na casa de outro *irmão*, que mora mais próximo à *pista*. Ou seja, um jovem que mora em Porto Alegre disponibilizava sua moradia para seu *irmão*, que mora em Alvorada, Canoas ou Esteio. Assim, os *irmãos* formam uma espécie de “núcleo duro”³¹, constituindo um subgrupo dentro do grupo, que se caracteriza por nunca (ou quase) nunca faltar (STIGGER, 2002, p.59 [grifo meu]). Os *irmãos* se caracterizam, principalmente, por reforçar a noção de pertença ao grupo, e constituem a base da *rede de relações* dos jovens “calças coladas”.

Interpreto os “níveis”/“graus” de proximidade e de distanciamento como facilitadores e/ou limitadores da participação dos jovens em determinadas sociabilidades no contexto, dentro e/ou fora da *pista*. Por fim, vale considerar que a *rede de relações* dos “calças coladas” é, de certa forma, a base que estabeleceu os contornos do *capital social*³² do grupo, sendo o *capital social* uma das formas pelas quais os jovens permaneciam no *skate*.

³¹ Stigger (2002) quando descreve um dos grupos por ele pesquisados, encontra e caracteriza alguns daqueles sujeitos como o “núcleo duro do grupo”. Uma expressão nativa daquele contexto, mas explicitada nas palavras do autor.

³² “O *capital social*, que se define essencialmente como conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção deste capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer em comum etc. (BONNEWITZ, 2003, p.54)”.

4.3 RELAÇÕES DE TROCA E O PROJETO DE SE MANTER NO SKATE

A fim de compreender algumas das maneiras pelas quais os “calças coladas” se mantiveram no *skate*, é necessário levar em conta as relações que descrevi anteriormente nos subcapítulos: *Diferenças entre “calças coladas” e “calças largas”*; e *Os “calças coladas” um grupo heterogêneo*. Neste momento, levo em consideração a forma de permanecer no *skate*, pelo *capital social* dos jovens no *skate*, ou seja, permanecer no *skate* pela *rede de relações* que os “calças coladas” dispunham na *pista*.

Em um primeiro momento, retomo a figura de Rogério, que ao “voltar” para o *skate* o faz sob a condição de *viver do skate*: montou uma marca/loja. Ele parece que realizou o que Bastos (2006, p.126) apontou como “plano (sonho) de ter uma marca própria”. A partir do momento em que Rogério se aproximou dos “calças coladas”, sua marca passou a ganhar notoriedade na *pista*, foi conhecida pelo grupo. Posteriormente, a partir do “apoio” de materiais (*shape*, lixa, rodinhas etc.) que conferiu a alguns dos jovens “calças coladas”, passou a divulgar a marca.

Geralmente, funciona assim: não chega a ser considerado um patrocínio, o que eu ajudo é meio limitado. A gente fez uma combinação de “X” material por mês. Mensal é uma tabua, um *shape*, por mês, e a cada seis meses uma peça mais cara. Não tem cobrança, assim. A única coisa que, às vezes, eu peço é quando um material, às vezes, está sem muita “foto” [pouco conhecido ou divulgado], eu do para os guris que andam aqui com a gente. A gente ajuda com o material para o pessoal na pista olhar, e para dar divulgação daquele material, entendeu (Entrevista, 31/03/2012).

Rogério, de certa forma, é o detentor de um *capital econômico*³³ que os “calças coladas” não tinham, e que, pelo “apoio” de matérias, puderam permanecer no *jogo da pista*. Através do “apoio”, o comerciante passou a fazer parte da *rede de*

³³ “O *capital econômico*, que é constituído pelos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e pelo conjunto de bens econômicos: renda, patrimônio, bens materiais (BONNEWITZ, 2003, p.52)”.

relações do grupo. Os jovens “calças coladas”, nessa relação, são os detentores de um *capital social*, que Rogério não possuía quando iniciou a empreitada de comercializar produtos na *pista*.

A relação de troca entre *capitais* distintos passou a ser uma das maneiras pelas quais os “calças coladas” permanecem no *skate*. Levando em consideração os interesses coletivos dessa *rede de relações*, os “calças coladas” têm no *skate* uma prática de esporte no seu lazer, mas projetam aspirações nos sujeitos que *vivem do skate*. Apesar desta projeção do *skate* praticado no lazer, no *skate profissional* os jovens “calças coladas”, de certa forma, subvertem a lógica individualizante do *fazer o corre*, e com isso buscam no seu *capital social*, e na troca que ele proporciona, o “apoio”. Pelo “apoio” é os jovens conseguiram sustentar seu *projeto*³⁴ de manterem-se no *skate*, pelo *skate*.

Coloca-se como problema a relação entre projetos individuais e os círculos sociais em que o agente se inclui ou participa. A idéia central é que, primeiramente, reconhece-se não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código de vivências e interações interpretadas. Mas como se identifica com projeto? É claro que se podem deduzir as razões da conduta dos indivíduos, interpretar suas ações e especular sobre suas motivações. O problema é saber se o resultado obtido corresponde ao que os indivíduos, em pauta, realmente *projetam* (VELHO, 1999, p.26-27, destaque do próprio autor).

Quando os jovens “calças coladas” afirmam que “os amigos seguram o cara no *skate*”, apropriam-se de um *projeto*, idealizado coletivamente. Quando Rogério estabeleceu sua marca, acabou não só por realizar um *projeto* individual de *viver do skate*, mas, pelo “apoio” que confere a alguns “calças coladas”, passou a contribuir no *projeto* desses jovens de permanecer no *skate*. Os *projetos* parecem realizados a partir da dupla troca, ou seja: *projetos* individuais que atravessavam *projetos* coletivos e *projetos* coletivos que atravessavam *projetos* individuais.

Interpreto que não poderia descrever esse *projeto* como sendo “o *projeto* puro de Rogério”, ou um “*projeto* puro dos “calças coladas””, mas compreendo esses

³⁴ “O que a noção de projeto procura é dar conta da *margem relativa de escolha* que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. [...] Entendo projeto como Schutz definiu - *conduta organizada para atingir fins específicos* [...] está-se lidando com um tipo de *ato consciente*, por mais que saibamos que este não surgiu do éter mas de possibilidades sócio-culturais determinadas. Estou longe de estar proclamando o primado do livre-arbítrio mas focalizando com insistência a *dimensão consciente* da vida social (VELHO, 1999, p.107)”.

projetos sendo projetados no *skate*, e atravessados pelas *redes de relações*, desde seus relacionamentos mais superficiais (*conhecidos, reconhecidos*), até as relações mais profundas, dos “*amigos que seguram o ‘cara’ no skate*”, chegando aos *irmãos*.

Compreendo que *projeto* se distingue da lógica manifestada, e por vezes reproduzida do *fazer o corre*, com isso, pelo *projeto* os jovens “calças coladas” procuravam subverter tal lógica individual e individualizante do *fazer o corre*. Pela subversão do *fazer corre* é que estes jovens sustentavam seu *projeto* de se manter no *skate*:

A eficácia específica da ação subversiva consiste no poder de modificar pela tomada de consciência as categorias de pensamento que contribuem para orientar as práticas individuais e coletivas e em particular as categorias de percepção e de apreciação das distribuições (BOURDIEU, 2009, p.236).

A subversão da lógica do *fazer corre* não significa, necessariamente, o abandono das aspirações, e tão pouco essas aspirações deixavam de ser *projetadas* no *skate* do *outro* (“calças largas”). A lógica do *fazer o corre*, até certo ponto, acabava também por atravessar a *rede de relações* dos jovens “calças coladas”, pois, a partir do momento que os *conhecidos e reconhecidos* passavam a fazer parte daquela *rede de relações*, suas aspirações passavam a ser conhecidas, por vezes reproduzidas, além de serem contestadas. Aos poucos, os jovens “calças coladas” tomavam consciência das distribuições *jogo da pista*, e procuravam continuar no *skate*, mas se sustentavam a partir da contestação de determinados *códigos sociais* (como *fazer o corre*), e convergiam essas contestações em uma subversão, a fim de atender seus interesses, seus *projetos*.

Um ou outro jovem praticante recebia alguma forma de “apoio”, ou patrocínio em dinheiro para inscrição em eventos, viagens, um montante de dinheiro que era o suficiente para seu sustento no *skate*, mas os jovens não o consideravam suficiente para o auxílio no sustento de suas famílias. Já os que recebiam equipamentos (*shape, truck, rodinhas etc.*), dependiam tão somente de seus próprios meios para se sustentarem. Alguns jovens praticantes contavam o “apoio” dos *amigos* para continuarem no *skate*. O “apoio” pode tanto se referir aos aspectos materiais (equipamentos, *shapes, rodinhas, lixas etc.*) quanto aos aspectos simbólicos (aplausos, comemorações, reconhecimento, confiança etc.).

O “apoio” que, de certa forma, contribuiu para que os jovens praticantes subvertessem, em parte, a lógica de consumo do *skate*, suscitada pelos eventos na *pista*. Mas sem desconsiderar que os eventos acabavam também, por ser uma das formas pelas quais os jovens angariavam recursos materiais como: *shape*, *truck*, tênis, lixas, bonés, camisetas, rodinhas etc. Recorrentemente, os materiais oriundos dos eventos eram trocados, vendidos ou “apoiados” a alguém que fazia parte da *rede de relações*. Algo que relato no trecho a seguir:

Quando inicia a competição, encontro apenas Paulo, do grupo dos “calças coladas”. Paulo participa da competição, juntamente com outros praticantes mais novos do que ele. Observo que Paulo ganha uma camiseta e uma lixa importada. Melão, um jovem praticante de cerca de 12 anos de idade, que sempre anda junto com os “calças largas”, ganha um par de tênis tamanho 42 e uma camiseta, um terceiro competidor (não sei o nome, mas aparenta ter cerca de 12 anos) ganha um *truck*.

Quando termina a competição, Paulo vem até o muro onde estou sentado, me cumprimenta e mostra seus prêmios. Ele parece ter gostado de ter ganho a lixa, mas não parece ter ficado muito contente com a camiseta. Era uma camiseta vermelha, com o desenho de um cachorro e o nome da marca “M”. Paulo não gostou, por ser uma camisa larga, do estilo dos “calças largas” ou “largados”, que usam todas suas roupas largas, não só as calças.

A pedido de Melão, Paulo experimenta a camiseta, colocando-a por cima da sua, que era uma camisa social xadrez. Ele não parece ter ficado nenhum pouco à vontade vestindo a camiseta que tinha o dobro de seu tamanho. Assim, ele faz uma proposta a Melão: vender a camiseta por 20 reais. Melão não tem o dinheiro necessário, mas se propõe a ajudar Paulo a vender a camiseta.

Melão oferece a camiseta ao sujeito que estava vendendo os *shapes* (um comerciante novo na pista, que expõem seus produtos no muro próximo a “entrada da pista”). Ele paga os 20 reais a Melão, que repassa o dinheiro para Paulo, que acaba se interessando por uma lixa de outro sujeito, que acaba vendendo a Paulo pelos seus 20 reais. Ainda na negociação, Paulo percebe que a lixa é importada e mostra para Melão que se interessa. O mesmo pede que Paulo o “apóie” na lixa, trocando por outra lixa importada que ele tinha. Paulo aceita.

Acredito que isso se deu pelo “apoio” que Melão lhe ofereceu ao vender a camisa. Paulo guarda suas duas lixas na mochila. Ouço o comerciante que estava vendendo os *shape* falar para Melão: Novo comerciante: Vamos fazer aquele negócio: o *shape* “ML” pelo tênis. Nisso, Melão entrega ao sujeito o par de tênis que havia ganho a pouco, na competição, e recebe um *shape* novo da marca “ML”. O sujeito também se oferece para colocar a lixa no *skate* de Melão. Ele entrega a lixa que havia trocado com Paulo, para que o sujeito a coloque em seu *skate*.

Observando todas aquelas negociações e trocas, falo para Paulo: *bah*, vocês conseguiram tudo isso, tudo na troca, sem gastar nada.

Paulo: é aqui todo mundo é da mesma *trick*, na mesma *vibe*, um “apoiando” o outro.

Marcelo: Assim, cada um conseguiu o que queria. Tudo na base da troca (25/02/2012).

No que se refere aos aspectos materiais, o “apoio” é a maneira pela qual os jovens praticantes conseguem se manter no *skate*. Quando um jovem praticante adquiria uma nova peça, comprando ou recebendo um “apoio” de Rogério para divulgar (seja um *shape*, rodinha etc.) ou, ainda, conquistando ao participar de uma disputa de algum evento, o jovem tinha como compromisso repassar o material usado para algum integrante do grupo. Correntemente, o jovem praticante que recebia a peça (repassada) estava com suas próprias desgastadas. Nem sempre o “apoio” é para aquele que tem os materiais (peças, *shape*) em piores condições, pois dava-se, prioritariamente, pela proximidade entre os diversos sujeitos da *rede de relações* do grupo, uma espécie de hierarquia de quem seria “apoiado”.

[...] Quando Lúcio fica do meu lado trocando o *shape*, aparece outro jovem, e fala para Lúcio: já que tu vai troca de *shape*, tu não quer me “apoiar” ele?
 Lúcio: Claro, eu te apoio ele! Já que outra vez tu me “apoiou” num outro negócio (não sei que outro negócio é, e eles também não falaram o que era).
 Assim, Lúcio troca seu *shape* e passa o velho (de uma semana de uso) para o jovem praticante. O jovem fica com as duas tábuas nas mãos, e pede para que eu sinta o peso e a diferença entre sua tabua velha e a nova, que acabara de ganhar de Lúcio. Eu as pego, e sinto uma diferença significativa no peso de uma tábua para a outra (DC. 03/12/2011).

Além de levar em conta a hierarquia, no caso Lúcio que havia recebido um *shape* novo de Rogério, e repassou seu antigo *shape* a outro jovem, há a possibilidade do jovem que estava sendo “apoiado” ter, em outra ocasião, oferecido “apoio” a Lúcio. Com isso, surge uma espécie de “dívida” simbólica, não anotada em nenhuma caderneta.

Comumente, quando um jovem praticante adquire um material novo, é possível ouvir outro jovem reivindicando um “apoio”. Possivelmente, por uma “dívida” antiga. Com isso, o “apoio” pode ser compreendido como uma ajuda a um *irmão*, *amigo* ou *chegado*, ou como o pagamento de uma “dívida”, compreendo que tudo isso passou a fazer parte da maneira pela qual os jovens mantinham-se no *skate*, na *pista*.

[...]André: O *skate* é um esporte caro, mas se o cara comprar as coisas com os “parcerias”, o cara economiza e “apoia” o parceiro. Tipo, agora eu tô comprando duas camisas do Guilherme, mas no “credito”.

Guilherme fala: é certo isso, porque eu ganhei as camisetas aqui na pista, num evento, e quase nem usei. Aí, eu vendo por um preço camarada, e quando o cara puder me pagar, ele paga. Assim, eu “apoio” ele, fazendo um preço barato e ele me “apoia” comprando minhas coisas, com isso eu “levanto” uma grana.

André procura me explicar essa lógica: no *skate*, é isso cara, um parceria “apoia” o outro no que precisar, e sempre tu procura negociar com os parceiros, nada de ir em loja e lugares que ninguém conhece o cara. Aqui, todo mundo se conhece e se ajuda. O problema é que o *skate* é um esporte caro, e quem quer andar tem que gastar, por isso o cara tem que ter um “trampo” [trabalho] para se manter no *skate*.

Guilherme: é, mesmo que o “trampo” não tenha nada a ver com o cara. Mas o negocio é só para o cara conseguir comprar as coisas que precisa. Eu, no caso, vendo as coisas que ganho aí nos eventos (DC. 12/01/2012).

O “apoio”, basicamente, sustenta-se pela confiança estabelecida pelos diversos sujeitos da *rede de relações* dos jovens “calças coladas”, na *pista*. Como os jovens apontaram, alguns praticantes não conseguiam sustentar sua prática do *skate* pelo *skate*, necessitavam trabalhar, ou do “apoio” de suas famílias para manterem seus *projetos* no *skate*. Mas essas relações de forma alguma eram fáceis. Por vezes, eram contraditórias, e quase sempre conflituosas.

Neste tópico procurei descrever como os jovens “calças coladas”, que não *vivem apenas do skate*, faziam para se manterem no *skate* - *capital social*, “apoio” e trocas-, sustentando seus *projetos*. No próximo subcapítulo, volto minha atenção à questão principal desta pesquisa, e procuro descrever a forma pela qual consegui compreender as relações dos jovens se manterem no *skate*, e as formas diversas pelas quais os jovens “calças coladas” tinham de conciliar o *skate* para além da *pista*, e com o intuito de manterem-se no *skate*.

5 OS “CALÇAS COLADAS”: RELAÇÕES DOS SIGNIFICADOS DO SKATE COM A FAMÍLIA, COM A EDUCAÇÃO E COM O TRABALHO

A partir do momento em que os jovens “calças coladas” não vivem apenas do *skate*, necessitam de outras estratégias na *pista*, a fim de atender a seus *projetos* de permanecer no *skate* (“apoio”, troca de *capitais*). Com isso, retomo uma das questões desta pesquisa: *como os significados do skate se relacionam com outros aspectos do cotidiano dos jovens (educação, trabalho e família)*? Para compreender e descrever esta questão necessita-se assumir que, “se consideradas de formas isoladas, as práticas cotidianas dificilmente se entendem (PAIS, 1990, p.593)”. Isso significa que, ainda que os “calças coladas” conseguissem sustentar seus *projetos* de manterem-se no *skate* pelo “apoio” em sua *rede de relações*, para alguns deles o “apoio”, por si só, não era suficiente para sustentar seus *projetos*, e tão pouco as aspirações de suas famílias, iniciando, nas vidas daqueles jovens, outras implicações, para além da prática do *skate*.

5.1 AS FAMÍLIAS: ASPIRAÇÕES, DESENCONTROS, CONFLITOS E “APOIO”

Para os jovens “calças coladas”, a família (parentes, pais, mães, tios, avós, etc.) aparece de forma secundária, no contexto do *skate*. Possivelmente, por isso os jovens consideravam como família os amigos, que andavam junto a eles de *skate*. Meu esforço, neste momento, era compreender como as famílias se relacionavam com o momento de lazer dos jovens no *skate*. Isso suscitou uma questão, que indaguei aos jovens na entrevista: *como é a relação da família de vocês com o skate?*

Lúcio: acho que isso aí já é um ponto de vista mais pessoal. Acho que cada praticante de *skate* tem uma família diferente, tem o que viveu e como trata a pessoa por ela andar de *skate*. Então, eu, na minha família, há um certo preconceito por eu andar de *skate*, talvez eles preferissem que eu fosse jogar futebol, tênis, golfe ou xadrez, tudo menos o *skate*. É, às vezes, até pelo fato do meu pai, da minha mãe, de onde eles foram criados, esse negócio [*skate*] não existia, talvez seja um mundo diferente. E, aí, do nada, o filho deles virou um skatista. Aí, tipo, até pela visão da sociedade que

coloca o skatista como drogado, marginal, arruaceiro, criminoso. Aí, acaba passando esse preconceito para dentro de casa, porque a mídia que coloca essa visão do skatista. Então, a gente está tentando mudar isso, a partir de muitas coisas, como: projetos, pistas. A gente está fazendo e tá tentando fazer eventos. Tem muitos fóruns também na cidade, para colocar o skate como esporte ... é, que nem futebol.

Everton: para tirar essa visão de quem anda de skate é drogado, na minha família eles pensam assim: “se tu anda de skate é drogado”. Não faz nada, não ganha nada, e não é por aí. Muitas vezes, eu já ganhei prêmio e levei para casa. Virou em dinheiro, e virou comida (Entrevista 12/05/2012).

O desencontro entre os *projetos* dos jovens de permanecer no *skate*, e os interesses dos adultos, em parte, pode ser compreendido como “muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes (BOURDIEU, 1983, p.118)”. Subsidiado pela noção de Bourdieu, interpreto que as implicações (preconceito, cobranças e expectativas dos jovens, e sobre os jovens) se devem pelo conflito entre aquilo que os jovens “calças coladas” querem para si (*projeto* de manterem-se no *skate*) e aquilo que suas famílias queriam para eles.

Os jovens, aos poucos, vão assumindo “funções”, responsabilidades maiores dentro das famílias, principalmente no que se refere ao auxílio no sustento das mesmas. “Pode-se ser jovem e adulto ao mesmo tempo (LINS DE BARROS, 2010, p.89)”. Seus pais, mães e outros adultos, que foram criados em outras gerações, acabam por reproduz as expectativas sob as quais foram criados. Assim, quando exercem cobrança sobre os jovens, o fazem de acordo com as aspirações de suas épocas, que pouco atendem aos interesses e *projetos* dos jovens “calças coladas”:

Luciano e eu ficamos sentados na escadaria, conversando, e pergunto a ele: tu estás de férias, até quando?

Luciano responde: *bah*, já faz tempo que tô de “férias” [na verdade, Luciano está desempregado]. Às vezes, minha mãe pega no meu pé, dizendo que “tá demorando muito essas férias”; que tenho que arrumar logo “algo”, um trabalho novo (DC. 17/02/2012).

Algumas cobranças e expectativas partem da perspectiva dos adultos, e não necessariamente dos jovens, causando conflitos, e medem, até certo ponto, o desencontro entre expectativas dos adultos e expectativas dos jovens. Velho (1999),

ao pesquisar conflitos e acusações em famílias de classe média na cidade do Rio de Janeiro, contribui, em parte, para entender o conflito entre as expectativas dos adultos e as aspirações dos jovens:

Resumindo os pontos essenciais dos conflitos e acusações, fica claro que os pais tinham expectativas e um projeto que se estendiam a seus filhos. Basicamente esperavam que a família continuasse ascendendo socialmente, prosperando e aumentando seu *status*. Esse processo se deu dentro de uma conjuntura histórica que reforça o *projeto individualizante de família nuclear* com a ampla veiculação de uma propaganda que enfatizava o consumo e o sucesso material [...] (VELHO, 1999, p.70).

Diante dessas controversas relações, entre famílias e jovens, estes se sentiam em um “beco sem saída”³⁵: aderiam aos anseios de suas famílias de começar a trabalhar e de ajudar no sustento de casa com recursos econômicos, possibilitando à família *ascensão social*, ou mantinham seus *projetos* de permanecer no *skate*, com um “apoio” mínimo, ou até sem “apoio” algum, e de maneira precária. Como um dos jovens explicitou:

Everton: minha tia falou que o patrocínio já não tá mais dando para pagar as contas.

Eu falo, em tom e brincadeira: então, ela te falou: “trabalha ou estuda”?!

Everton me olha com uma cara de “como tu sabe”. E acena com a cabeça, positivamente.

[...]

Próximo de 18:30, enquanto estou observando, Everton se aproxima de mim, a princípio, penso que ele está se preparando uma tentativa de realizar uma manobra, mas ele se senta no muro, ao meu lado, e suspira profundamente. Eu pergunto a ele: o que houve? Está preocupado por não conseguir “voltar”³⁶ a manobra?

Everton: tô preocupado, mas não é por causa da manobra!

Eu tentando compreender o que havia com ele, questiono novamente: o que é, então, cara?

Everton agora parece desanimado, e responde: é que além de estudar vou ter que arrumar um emprego, porque os patrocínios já não estão “apoiando” muito. E se eu quiser manter minhas roupas e minhas coisas, vou ter que arrumar um trabalho para me bancar (DC. 27/02/2012).

³⁵ Na ausência de uma palavra que expresse tal sentimento por parte dos jovens, recorro a esta expressão, que remete a uma ausência, ou limite de possibilidades de soluções em determinada situação.

³⁶ Acertar a manobra executada.

Esse jovem, além de ver-se “obrigado” a cumprir suas “funções”, responsabilidades no sustento da casa, da família, acaba não aderindo plenamente às expectativas adultas. Ele as subverte a favor de si, a fim de conciliar as expectativas adultas com seus interesses de se manter no *skate*. As expectativas que recaem sobre Everton eram basicamente no que se refere ao sustento da família com recursos econômicos. O jovem consegue, até certo ponto, cumprir como essa responsabilidade pelo *skate*, ou seja, a partir do momento em que conseguia premiações em eventos, “apoio” de alguns patrocinadores com patrocínios em dinheiro, e, principalmente, o “apoio” de seus *amigos*, com isso, ele conseguia minimamente contribuir no sustento de sua família. No entanto, a obtenção de recursos mínimos para seu sustento no *skate* e auxílio à sua família não eram suficientes para atenderem às expectativas e as cobranças que partiam da família. Para compreender essa relação, neste momento, retomo um dos elementos da noção de *projeto*, abordada em alguns momentos do Capítulo anterior.

Da mesma forma que não se podia compreender um *projeto* como puramente individual, ou puramente coletivo, já que há constantes atravessamentos de um em outro, pretendi descrever o *projeto* do *skate* como projetado no *skate*. Entretanto, percebi que não se pode pensar em um *projeto* puramente do *skate*, já que o *projeto* também acabava sendo atravessado por outros *projetos*, ou seja: as aspirações, cobranças e anseios que partiam das famílias e recaiam sobre os jovens. Com isso, surgiu um caráter ambíguo na relação família e *skate*.

Por um lado, pelo *skate*, o jovem, até certo ponto, era capaz de atender aos anseios e às aspirações da família (sustento). No entanto, por outro, se o jovem, pelo *skate*, não conseguia atender às aspirações de seus familiares, as cobranças que recaíram sobre ele passavam a ser mais enfáticas, fazendo com que, no caso de Everton, retornasse aos estudos e futuramente acender ao trabalho, para manter-se no *skate*. Como os *projetos* e as expectativas dos jovens não eram homogêneos, também não considero homogêneas as expectativas que recaiam sobre eles.

As diversas formas pelas quais os jovens significavam as relações de suas famílias e com o *skate* davam-se, principalmente, no que se referia à permanência deles no *skate*, quando não contavam com recursos próprios ou quando o “apoio” já não era mais capaz de sustentá-los no lazer:

Vejo um casal próximo a Lúcio, conversando com ele, o casal parecia se despedir. Quando o casal sai, pergunto para Lúcio: estes são teus pais? Lúcio responde: sim, eles vieram me ver. O meu pai é brincadeira, ele chora mais que a minha mãe, quando me vê. O meu pai parece uma mãe, assim. Em seguida, Lúcio fala, e me mostra os dois pares de tênis que ganhou de seus pais (DC. 17/12/2011).

Lúcio começa a tirar os *trucks* de seu *skate*. Eu pergunto a ele: por que está tirando os *trucks*?

Lúcio responde que o “*shape tá quebrado, não dá para andar assim*”; (ele me mostra onde estava quebrado e vejo apenas o espaço de uma lasca que saiu).

Lúcio continua sua fala, em tom de reclamação: quero ver agora como vou conseguir outro *shape*, já que não tô trabalhando.

Quando escurece, Lúcio fala que vai comigo até Canoas. Nós nos despedimos do grupo. Eu falo que volto no sábado, mas Lúcio diz que não sabe quando volta, já que seu *shape* quebrou e ele não sabe quando terá outro. Assim, Lúcio e eu vamos para a parada de ônibus, e, ao entrar no ônibus, e posteriormente ao embarcamos no metrô, Lúcio relata sua preocupação em voltar a andar de *skate*. Durante nossa conversa, eu toco no assunto, e Lúcio novamente fala:

Lúcio: Eu não sei quando vou para a pista. Tenho que trocar de *shape* antes, mas agora estou sem trabalho. E eu acho que minha mãe não vai comprar um para mim. E eu não gosto de ir para a pista, para ficar só olhando os outros, é que me dá uma angústia e, eu fico louco para andar.

Quando o metrô chega à estação de desembarque de Lúcio, eu o cumprimento e despeço (DC. 06/01/2012).

Lúcio que estava sentado na escadaria atrás de Rogério fala:

Lúcio: olha quem chegou meu parceiro de viagem até Canoas!

Eu vou até ele e o cumprimento. Reparo que ele esta com um *shape* novo e pergunto para ele:

Marcelo: conseguiu arrumar um *shape* novo?

Lúcio responde: sim, minha mãe comprou para mim (DC. 15/01/2012).

Para Lúcio, a família manifesta-se por dois aspectos: (1) *um importante alicerce na manutenção do jovem na prática do skate*. Apesar de alguma insegurança explicitada em alguns momentos, é no “apoio” da família que o jovem tem a segurança para manter-se na prática do *skate* no seu momento de lazer; (2) *sentimento de preconceito que o jovem sente, quando se falava em skate e família*. O preconceito é relatado em diversos momentos (inclusive, na entrevista), por diversos sujeitos, colocando-os em direções opostas às expectativas dos pais.

As controversas relações entre os significados do *skate* para os jovens, e a relação que os jovens significavam do *skate* com suas famílias, davam-se basicamente pelo *skate* ser percebido como algo “negativo” por parte dos adultos (PAIS, 1990), se comparado ao trabalho ou a continuidade nos estudos. Para as famílias, o *skate*, enquanto uma prática no lazer dos jovens, pouco seria capaz de

ajudá-las a angariar recursos econômicos que contribuíssem no sustento, ou na *ascensão social*.

Conforme os jovens acompanhados nesta pesquisa, a imagem que suas famílias têm sobre o *skate* e, por consequência, sobre eles mesmos, está ligada ao consumo de drogas e à marginalidade. Frente ao estereótipo criado pelas famílias, às aspirações dos adultos, criados em outras épocas; e do não retorno financeiro imediato por parte do *skate* (por patrocínios, ou premiações de eventos), as cobranças e os conflitos intensificavam-se entre as famílias e os jovens “calças coladas”. No entanto, tal relação não se resumia somente ao conflito, já que vez ou outra as famílias contribuía com a permanência/sustento/“apoio” dos jovens no *skate*. Do mesmo modo, que as cobranças recaiam sobre eles, o acolhimento das famílias se fazia presente quando os jovens necessitavam:

Marcelo: O que tu vais fazer em Canoas?

Lúcio: Eu voltei a morar com meus pais. É que antes eu estava morando junto com o Everton, e com a tia dele, mas cansei. Também, já fazia tempo que eu estava com saudade dos meus pais, e, aí, resolvi voltar para casa deles (DC. 17/12/2011).

As relações não eram simples, ou fáceis. Possivelmente, eram mais ambíguas e contraditórias e mais árduas e complexas³⁷ do que consigo descrever. Os jovens quase sempre expressavam um sentimento que ia em direção oposta àquilo que suas famílias aspiravam para eles. Possivelmente, daí recaia, com maior ênfase, por parte dos adultos, as cobranças sobre os jovens, para acenderem ao trabalho e/ou voltarem aos estudos.

Margulis e Urresti (1996) indicam que apenas os jovens dos setores sociais mais altos gozam da possibilidade de estudar e de adiar suas responsabilidades da vida adulta, como: trabalhar, casar ou ter filhos; usufruindo, assim, de um período livre de cobranças. Período denominado pelo termo: “moratória social”. Tal condição de “moratória” também foi questionada por Damico (2011), em pesquisa com jovens da periferia urbana:

³⁷ Entendo que a noção de complexidade, abordada por Gilberto Velho, ajuda a compreender a heterogeneidade social e cultural: “uma coexistência harmoniosa ou não, de uma pluralidade (VELHO, 1999, p.16)”.

No entanto, como fica claro na posição dos/das interlocutores/as, essa possibilidade de adiamento em assumir de forma plena as responsabilidades econômicas e familiares era um privilégio para certos jovens, não aqueles dos extratos mais baixos da sociedade (DAMICO, 2011, p.240).

Subsidiado pelos apontamentos desses autores, interpreto que a noção de “moratória social” não se configura no contexto da relação dos jovens “calças coladas” com suas famílias, já que elas não possibilitam aos jovens um momento livre de cobranças e de ascensão de suas responsabilidades familiares. Com isso, identifico outros dois aspectos no cotidiano dos jovens: trabalho e educação; que se tornaram mais vistosos, relacionando-se com os significados do *skate*.

5.2 TRABALHO: RESPONSABILIDADE, LIMITAÇÃO E POSSIBILIDADE DE PERMANÊNCIA NO SKATE

Neste momento, o trabalho passa a se evidenciar na relação com os significados do skate. Lembro que os jovens “calças coladas” não vivem apenas do skate, e que sustentam seus *projetos* de manterem-se nele através da *rede de relações* sociais e do “apoio”. Porém, a partir das cobranças e das expectativas que recaiam por parte de suas famílias, o “apoio” deixou de ser suficiente. O trabalho, para os jovens “calças coladas”, além de significar um *rito de passagem* (MARQUES, 1997), de adesão e de acesso ao mundo adulto (BOURDIEU, 1983), é uma possibilidade de ajudar no sustento da família (BOURDIEU, 1983; MARQUES, 1997), é pelo trabalho que os jovens sustentam suas condições materiais de continuar no skate.

Pela convivência com o grupo, por nove meses, e durante a entrevista como os jovens, houve situações diversas, envolvendo sujeitos diversos dentro do grupo, em suas relações com o trabalho. Relatos pelos quais os jovens expunham que enfrentavam preconceitos.

Marcelo: André, onde tu trabalhas?

André: em uma metalurgia, em São Leopoldo.

Marcelo: e o pessoal que trabalha contigo, sabe que tu andas de *skate*?

André: sim, todo mundo sabe. Inclusive, eles ficam falando: “tu vai se machucar andado de *skate*, e vai chegar aqui, na segunda, ‘todo quebrado. Vai ‘botar’ atestado para não trabalhar, né, ô vagabundo”!

Quando ele faz esse relato, eu faço uma expressão de espanto. Nisso, André continua relatando: *bah*, pior que o pessoal lá da firma toda, sexta de noite, eles têm marcado futebol que a firma paga a quadra e tudo mais. Aí, tem uns que se quebram no jogo, na sexta, mas ainda tem o sábado e o domingo para se recuperar, mas chegam todo detonado para trabalhar segunda, e aí, “botam” atestado. Mas eu já não posso fazer isso, porque se eu fizer, aí eu sou vagabundo! Aí, às vezes, eu vou mancando para o trabalho, com as canelas todas roxas (ele imita sua chegada no trabalho machucado, simula que estar mancando), mas não dou “mole” de “botar” atestado, só para eles não terem motivos de me chamarem de vagabundo (DC. 15/10/2011).

O relato de André, e muitos outros semelhantes, evidencia que ele, assim como ocorre com outros jovens, além dos preconceitos e estereótipos provenientes da família, encontrava rotulações no local de trabalho. Possivelmente, diante dessas circunstâncias, os mesmos jovens, no primeiro contato que tive com eles, falavam que “o *skate* era um mundo deslocado de todo o resto”.

Diante desse desencontro/deslocamento de perspectivas é que tais estereótipos recaem sobre os jovens “calças coladas”. Pelo que André relatou, seu local de trabalho possibilitava um momento de lazer praticado pelo futebol, para os funcionários, ao final dos trabalhos da semana (sextas-feiras à noite). Compreendo que o contraste, ou desencontro neste contexto deu-se justamente pelas formas diversificadas que ele e seus colegas de trabalho têm sobre o lazer, mais especificamente sobre qual esporte praticado no lazer seria positivo ou negativo, por assim dizer.

Estou atento que tais denominações (positiva/negativa) são de certa forma forjadas por discursos e fazeres que procuram direcionar os jovens a certos *valores positivos* proporcionados pelo esporte (THOMASSIM, 2010). Na pesquisa realizada com crianças e jovens de um bairro de periferia de Porto Alegre, Thomassim (Idem) chama atenção ao afirmar:

[...] muitas pesquisas e reflexões têm defendido que não se pode atribuir aos esportes apenas valores positivos ou apenas valores negativos, por que, em primeiro lugar, o esporte se apresentaria de forma heterogênea, isto é, com múltiplos valores ou sentidos a ele associados pelos seus

praticantes. Em segundo, a própria noção de positivo e negativo torna-se relativa em cada lógica cultural particular (THOMASSIM, 2010, p.267).

Frente a isso, estou inclinado a interpretar que, no contexto de trabalho de André, não está em disputa qual é o esporte positivo e qual é o negativo, mas sim a concepção construída sobre o jovem skatista, classificando-o como marginal ou vagabundo; semelhante ao que apareceu quando descrevi as relações dos significados do *skate* com as famílias dos jovens “calças coladas”.

Se “o trabalho também faz a juventude (DAYRELL, 2007, p.1109)”, então, no trabalho também há disputa entre aquilo que os jovens querem para si e aquilo que os adultos (no caso, colegas de trabalho, chefes, empregadores, etc.) esperam dos jovens. Como os jovens “calças coladas” relataram, o trabalho era uma das formas pelas quais se mantinham no *skate*, “mesmo que não tivesse nada a ver com *skate*”. Pelo trabalho, passavam a colaborar no sustento de suas famílias, atendendo, em parte, as aspirações delas.

Contudo, esse espaço, por também fazer parte da juventude, parece-me não ser asséptico de rotulações e de cobranças. As cobranças que recaiam eram basicamente ligadas à presença, à assiduidade, à falta não justificada no trabalho (por uma lesão ou algo que a prática do *skate* pudesse proporcionar), mesmo que devidamente atestada. Essas cobranças eram assimiladas e reproduzidas pelo jovem, a fim de não dar margem, ou abrir a possibilidade, para ser rotulado no espaço de trabalho, por faltar em virtude de algo que tenha relação com o *skate*.

Os jovens, ao atenderem aos anseios e às expectativas que recaiam sobre eles, vindas do trabalho, acabavam por criar outro ponto de impasse: as limitações que o trabalho conferia ao *skate* e, por consequência, sobre o lazer dos jovens.

Ouçõ Anderson reclamando:

Anderson: *bah*, vou ter que trabalhar segunda, bem no feriadão! Isso não existe! Pelo menos não deveria existir! É um castigo para o cara, todo mundo indo para a praia, a galera vindo aqui para a pista, e eu tendo que ir trabalhar. Pior que não vai ser só nessa segunda, no sábado que vem eu também vou ter que trabalhar, porque é o balaço da firma, e como eu trabalho no estoque, vou ter que ajudar na contagem do balaço. Mas, ainda bem que é só uma vez por ano isso.

André, ouvindo as queixas, fala: nos últimos finais de semana não vim na pista, pois tinha que fazer algumas horas extras. Por isso, procurei ir mais na pista próxima de casa, já que eu estava trabalhando direto (DC. 12/11/2011).

Esses jovens abriram a possibilidade para se pensar o trabalho não só como uma mediação entre o lazer e o consumo (seja no sustento do *skate* ou no auxílio às famílias), na qual se faz necessário que o jovem, por seus próprios meios, angarie recursos para desfrutá-los no lazer, mas também como condicionamento, como minimização do tempo livre. Sendo assim, o trabalho que media o jovem a viver sua “Condição Juvenil” (DAYRELL, 2007) também limita seu tempo livre, bem como a convivência com seus pares. A partir dessa controversa relação, indaguei os jovens: *como o trabalho se envolve com tempo livre que vocês têm para andar de skate?*

Lúcio: tem dois lados. O trabalho, ele pode tanto ajudar como pode atrapalhar. Tem gente que não tem patrocínio, aí não consegue sustentar o *skate*, e tem gente que trabalha para poder comprar peças e poder sustentar o *skate* da gente... E, pelo outro lado, faz com que a gente que está trabalhando, o período de trabalho para o pessoal da nossa idade, é de dia e não tem à noite! Então, acabam sendo jornadas de 8 a 10 horas de trabalho, não encontrando outro tempo para andar, a não ser de madrugada. E, aí, quando sai do trabalho para andar de *skate*, acaba ficando tarde. É um horário ruim para ti andar de *skate*, porque no outro dia tu vai ter que trabalhar de novo. E, além desse horário de trabalho, quando chega o horário para andar de noite, já vai ser mais um motivo para ter preconceito, entendeu? A pessoa, por andar de *skate* de madrugada, acaba se tornando mais maloqueiro. Aí, tem que andar na rua, porque as pistas, a partir das 10 horas [da noite], já não tem mais luz. O IAPI mesmo não tem luz depois que escurece. Sete horas não é mais um local adequado pra andar de *skate* (Entrevista, 12/05/2012).

Pelas limitações impostas pelo tempo de trabalho, e minimização do tempo livre, a recorrência, na *pista*, por parte dos jovens praticantes, se intensifica aos finais de semana (finais de tarde se sexta-feira, sábados e domingos), feriados, férias e meses de verão, com o horário de verão, quando os jovens saem do trabalho e desfrutam de algumas horas de *skate na pista*.

Nos finais de semana, os jovens praticantes procuram chegar o mais cedo possível (pelos que observei, e por seus relatos, se dá em torno do meio-dia), e retiram-se apenas com o cair da noite, a fim de aproveitar o máximo de seu dia livre. O trabalho possivelmente seja a relação mais controversa nesse contexto, quando tento compreender a relação dos significados do *skate* com o trabalho.

Everton: eu acho que assim, ó: trabalho e *skate*, eu escutei isso de uma pessoa que me incentivou mesmo a andar de *skate*... Semana passada ele me falou isso: “ou tu anda de *skate*, ou tu trabalha”. Não tem como tu levar os dois... *tá* certo, tu vai levando... tu vai trabalhar, vai ter dinheiro para adquirir peças, mas não vai ter tempo para evoluir no *skate*. Tô andando de *skate* todo o dia, 24 horas. Aí, tu não trabalha, não tem dinheiro para comer. Não tem dinheiro para vim para a pista, não tem dinheiro para o transporte. Ou tu trabalha e anda um pouquinho, ou tu não trabalha e anda bastante, mas, aí, sem dinheiro, sem nada, e com um *skate* todo fu... (Entrevista, 12/05/2012).

Se, por um lado, o trabalho possibilita aos jovens meios econômicos de consumir e de se manter no *skate*, por outro limita o tempo livre e, por consequência, a prática do *skate*. Talvez, a noção de mediação entre trabalho, lazer e consumo não seja suficiente para que eu possa compreender a complexidade do contexto investigado. Isso se evidenciou pela entrevista (coletiva) com os jovens, que enfatizaram o caráter ambíguo e complexo da relação trabalho e lazer, desfrutado por eles no *skate*.

Além de o trabalho ser um espaço social que *também faz a juventude*, nele encontram-se situações que causam o desencontro de expectativas. Enquanto os adultos esperam que os jovens cumpram, primeiramente, com seus afazeres laborais, os jovens concebem o trabalho como um meio de manterem-se no *skate*. Quando se colocam em disputa interesses opostos, os jovens acabam por subverter algumas lógicas impostas pelo trabalho.

Um exemplo da subversão às imposições do trabalho é abordado por Nishimura (2008), que, ao acompanhar um grupo de jovens que praticavam vôlei, relatou que um dos jovens havia ido ao médico, a fim de arranjar um atestado, alegando que tinha contraído conjuntivite. O jovem obteve êxito, e pode participar do vôlei no final de semana: “um dos participantes entregou um atestado médico no trabalho para poder compartilhar de um momento de lazer com os amigos, e outros exemplos como este devem acontecer em diversos lugares pelo Brasil e pelo mundo (NISHIMURA, 2008, p. 40)”.

Não com o intuito de confirmar a expectativa desse pesquisador, a seguir, exponho um trecho de um diário de campo, no qual, após um dia chuvoso em que a prática do *skate* ficou em segundo plano, as vivências, frustrações e expectativas que envolvem o trabalho e *skate* ficaram em primeiro:

Lúcio fala que também voltou para casa de seus pais, por ter saído do trabalho, e relata a mim: eu saí do trabalho, porque mandei meu chefe “ir à merda”. Ele tava pegando muito no meu pé. Eu tinha machucado meu dedo do pé andando de *skate*, e botei um atestado de dois dias no trabalho. Aí, ele falou para dois caras que trabalhavam comigo, que sabiam que eu andava de *skate*, passar aqui na pista para ver se eu estava por aqui. E, num dos dias que eu tava de atestado, eu tava aqui, e eles vieram falar comigo. E, eu falei que já que eu tô de atestado, eu faço o que quiser, e eu nem tava andando, tava aqui só com a gurizada. Mas, aí, os caras foram falar para o meu chefe, que me viram aqui. Aí, quando voltei do atestado, o meu chefe sempre me colocava pra carregar as caixas mais pesadas, sozinho, e, às vezes, até carregar um carro inteiro sozinho, enquanto os outros ajudantes ficavam batendo papo com ele. Aí, um dia desses me estressei, e “mandei ele à merda” (DC. 17/12/2011).

Mesmo que os jovens busquem no trabalho uma forma de se manter no *skate* e de atender às aspirações de suas famílias, estão sujeitos à subversão de algumas lógicas do trabalho:

[...] as dificuldades provenientes das novas condições de inserção no trabalho, longe de produzirem um movimento de perda da significação do âmbito do trabalho para estes sujeitos trabalhadores, levam a produção de novos e diferenciados significados, que refletem em grande medida o contexto que trabalham (GUIMARÃES, 2005, p.170).

Os jovens que trabalham (caso de André) procuram, no local de trabalho, desvencilhar a imagem de vagabundo do skatista, refletem e reproduzem os anseios e as cobranças de seus colegas de trabalho. Lúcio não conseguiu desvencilhar-se de tal estereótipo, e passou a engrossar a lista dos desempregados: “enquanto para os adultos presentes no mercado de trabalho 8 em cada 100 se encontravam *desempregados*, no caso dos jovens, essa cifra saltava para 24,5 em cada 100, ou seja: *três vezes mais* (BRANCO, 2005, p.130)”. Por consequência, poderia se pensar que o desemprego significa para os jovens uma possibilidade de maior recorrência na *pista*, maior tempo livre para a convivência com os pares (BAJOIT & FRANSSSEN, 1997). Isso implica e acarreta em outras formas e estratégias dos jovens, para manterem-se no *skate*, para além do trabalho. Com isso, a família dos

jovens e a *rede de reações* construíram na *pista*, passavam, em parte, a suprir a lacuna deixada pelo desemprego, ou não trabalho.

Diante dos diferentes significados que estão em disputa entre *skate* e trabalho, além das aspirações das famílias sobre os jovens e dos *projetos* que eles têm de manterem-se no *skate*, a seguir, abordo o último ponto do cotidiano dos jovens, que corrobora com suas aspirações e às aspirações de suas famílias.

5.3 SKATE, JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E ESCOLA: FAZ SENTIDO ?

Neste tópico abordo os significados do *skate* e sua relação com a escola e a educação. Possivelmente, foi o mais árduo na produção dos dados pela observação direta e o mais significativo na entrevista coletiva com os “calça coladas”. Antes de iniciar tal descrição, tenho que levar em conta os apontamentos de Dayrell (2007) e de Lins de Barros (2010). Os autores tratam da relação do ensino médio e do ensino superior, respectivamente, e suas implicações na vida dos jovens que acompanharam. Em ambas as pesquisas, consideram os estudos como uma possibilidade de mobilidade social, uma *ascensão social* dos jovens e, por consequência, de suas famílias.

Se hoje há maior possibilidade de ascensão social via educação, essa possibilidade é apreendida e vivida de diferentes modos por jovens e por suas famílias. A trajetória familiar e as diferenças entre as gerações da família são absolutamente fundamentais para compreender o projeto elaborado pelos jovens, caracterizado por um duplo movimento: a transição para a vida adulta e a mobilidade de classe (LINS DE BARROS, 2010, p.73).

Tanto o ensino escolar de nível médio quanto o universitário preparam o jovem para o que ele venha a ser no futuro, ou seja, um *projeto* de adulto forjado pelo sistema educacional. Tal *projeto* atende às suas expectativas, as da instituição e as da família, principalmente no que se refere ao acesso ao mercado de trabalho - possibilidade de contribuir no sustento da família. Por vezes, as perspectivas futuras colidem com as necessidades eminentes, algo expressado por Lúcio:

Marcelo: tu estás estudando?

Lúcio: não, eu parei no último ano, no terceiro [do ensino médio], mas vou ver se esse ano volto a estudar, mas não o ano todo, quero ver se termino logo isso [os estudos].

Eu, intrigado, pergunto a ele: por que a pressa em termina os estudos?

Lúcio: Eu tenho que trabalhar, né? Aí, não posso ficar o ano todo estudando, quero terminar logo (DC. 17/12/2011).

Os jovens “calças coladas” são um grupo em que apenas alguns concluíram o Ensino Médio, os outros, aos poucos, estão voltando aos estudos. Possivelmente, esse movimento vai ao encontro do que Dayrell (2007) apontou como o recente processo de democratização e de acesso, por jovens antes excluídos, ao sistema educacional. A amplitude de acesso aos excluídos acarreta outras situações, como o sentido que os jovens atribuem ao Ensino Médio.

O próprio sentido do ensino médio veio se transformando. Antes, significava o caminho natural para quem pretendia continuar os estudos universitários. Agora, principalmente com a sua incorporação à faixa de obrigatoriedade do ensino, tornou-se também a última etapa da escolaridade obrigatória e, para a grande maioria dos jovens, o final do percurso da escolarização (DAYRELL. 2007 1116).

Diante da possibilidade de conclusão dos estudos no Ensino Médio, já que o ensino universitário, nesse momento, está longe das perspectivas dos jovens “calças coladas”, é que os jovens regressam ao sistema escolar. Isso se dá muito mais pela possibilidade de obter uma formação comprovada pelo título conferido pelo sistema escolar, atendendo às cobranças que partem da possibilidade eminente de acesso ao trabalho e, conseqüentemente, atendendo às aspirações vindas da família.

Mesmo que a escola seja uma instituição que confere aspirações, como afirmou Bourdieu (1983), ela não atente plenamente às aspirações dos jovens. Por seus relatos, a escola/educação é mais um entre outros espaços sociais no qual os mesmos sofrem preconceitos e cobranças. Os jovens não desconsideram a importância da escola, ou a da educação, no que confere às aspirações e titulações formais. “Esses jovens já vivem sua juventude marcadas pelo signo de uma inclusão social subalterna, enfrentando as dificuldades de quem está no mercado de trabalho

sem as certificações exigidas (DAYRELL, 2007, p.1124)”. Diante disso, regressam à escola a fim de obterem certas certificações.

Eu pergunto para Everton: tu estas vindo todos os dias na pista?
 Everton responde: não, é que agora eu tô fazendo um curso de *photoshop*, e mexer com fotos e filmagens essas coisas (DC. 03/12/2011).

Eu não fico ali por muito tempo, pois observo que Everton e outros jovens estão na entrada da pista, próximo aos caixotes. Eu vou até lá e cumprimento-os.
 Everton logo fala a mim: *bah*, tu não vai acreditar no que eu fiz?
 Fico intrigado, e pergunto: o que houve?
 Everton vai até sua mochila, pega um papel e entrega a mim. Eu o abro. Tratava-se de um atestado de solicitação de matrícula em seu nome, para o ingresso no primeiro ano do Ensino Médio. Eu o parablenizo, e pergunto:
 Marcelo: o que aconteceu pra ti toma a decisão de voltar e estudar?
 Everton responde: *bah*, era muita pressão e *stress* em casa [...] (DC. 27/02/2012).

Pelo curso de *photoshop*, Everton procura se qualificar para trabalhar e se manter no *skate*, como *videomaker*³⁸ de alguma marca ou loja, complementando o “apoio” que venha a receber.

Pela educação formal dada pela escola (Ensino Médio ou técnico), os jovens se respaldam em suas aspirações. Assim, como Bourdieu (1983) afirmou, a escola manipula e legitima as aspirações ao conceder títulos. Possivelmente, no intuito de legitimar suas aspirações é que os jovens procuram, aos poucos, voltar ao sistema escolar. Entretanto, o regresso ao sistema escolar não é simples, pois, quase sempre, a escola não está preparada para recebê-los. “Parece que a instituição escolar torna-se parte dos problemas que ela se propôs a resolver. [...] Será que a escola ‘faz’ a juventude? É com esse olhar que temos de analisar a relação da juventude com a escola (DAYRELL, 2007, p.1118)”. Com o propósito de compreender essa relação, e considerando esse grupo peculiar de jovens praticantes de *skate* (“calças coladas”), elaborei a seguinte questão, durante a entrevista com os jovens: *qual a influência da escola/educação no skate?*

³⁸ Profissional responsável por filmar, fotografar e fazer produções em vídeos que divulgam as marcas, lojas ou skatistas.

Lúcio: [...] eu ainda não vi nenhuma escola que tem em Educação Física um horário livre para ti pegar um *skate* e andar na quadra. Então, eu acho que a escola, não só a escola, mas as pessoas, tem um preconceito com o esporte [*skate*].

Luciano: por experiência própria, eu não digo que dá reincidência, porque o *skate* me atrapalhou muito na escola. Por eu estar pensando muito no *skate*, e deixar as matérias de lado... estudar para a prova. Até minha mãe, assim, já reclamou muito de mim, que eu saio cedo de casa, volto tarde e acabo não fazendo as tarefas do colégio. Aqui, no colégio, também quando eu ia de *skate* para o colégio, a diretora pegava e queria recolher meu *skate* porque... pelo fato de eu só estar com ele. Ela dizia que não dá para andar... eu nem botei no chão. Ela diz que é uma ameaça, que eu posso machucar alguém. E é um objeto que não pode ser transportado dentro do colégio. E isso, de fato, eu realmente não concordo. Porque, do mesmo jeito que tem gente que vai de bicicleta, tem gente vai de carro, tem gente que vai de *skate*. É o meu transporte. Eu sempre alegava isso, mas ... eu até conseguia, mas não ajudava (Entrevista, 12/05/2012).

Os sentidos que os jovens comungam, seja em relação ao trabalho, à família ou à escola, são referentes ao preconceito que cada um desses espaços confere a eles, enquanto jovens skatistas. Todos esses relatos, até certo ponto comungados pelos jovens, explicitam a distinção entre suas aspirações e as expectativas que recaem sobre eles por parte dos adultos, sejam vindas das famílias, dos colegas de trabalho ou da escola.

Se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade [...] É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um “vir a ser”, projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo [...] Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade (DAYRELL, 2007, p.1117).

Com isso, a escola (assim, como o trabalho e a família) é apenas mais um espaço de estigmatização e de rotulação, acabando por limitar o convívio dos jovens com seus pares no lazer, pela prática do *skate*. Alguns autores, recentemente, têm se dedicado a relatar experiências, discutir e abordar a inserção do *skate* na escola, mais especificamente pelas aulas de Educação Física. Levanto o mesmo questionamento de Stigger (2001, p.78): “se, no contexto do lazer, é possível

encontrar práticas que se contrapõem à hegemonia cultural do esporte de rendimento, por que na escola isto não poderia acontecer”?

O problema que encontro nas obras que tratam da relação entre *skate* e aulas de Educação Física é que abordam superficialmente o *skate*, apenas enquanto prática em si mesma, e pouco se preocupavam com os aspectos socioculturais da prática do *skate*. Preocupam-se mais com os aspectos psicomotores do *skate* enquanto atividade esportiva realizada no contexto escolar (observado em: ARMBRUST; LAURO, 2010). Outro problema oriundo de tal superficialidade na discussão, é que os autores levantam inúmeras possibilidades de prática pedagógica por diversas teorias que abrangem o campo da Educação Física. Procuram ater-se aos aspectos intrínsecos da prática do *skate*, e pouco exploram, ou problematizam o *skate* para além de uma prática em si.

No entanto, Velozo (2009), quando estuda o contexto escolar em uma escola de Portugal, percebe que havia alguns jovens adeptos à prática do *skate*. Jovens que quase sempre usavam, além do uniforme escolar, alguma outra peça do vestuário que remetia à prática do *skate*. O autor percebe que os jovens praticavam o *skate*, e insiste na possibilidade de se pensar no uso positivo do *skate* no contexto escolar, para não praticantes e praticantes, sendo que para os últimos “o *skate* se constitui como prática que dá sentido às suas vidas e detém um valor efetivamente positivo (VELOZO, 2009, p.149)”.

O autor parece pouco atento às críticas que atravessam o campo da Educação Física, no que se refere ao esporte e ao seu uso positivo, algo que abordei em páginas anteriores, seguindo as discussões de Thomassim (2010). Chamo atenção, neste momento, que ao se fazer apropriação de um esporte praticado no contexto urbano, como o *skate*, no âmbito das escolas, sem o devido cuidado, possibilita-se uma apropriação indevida/inapropriada de tal prática:

As questões que envolviam mudanças na identidade do skate e dos skatistas sempre levavam meus entrevistados a serem reflexivos (preocupados) e a reafirmarem a ligação do skate com seu ambiente urbano. Parte da preocupação estava em ver o skate na mão de skatistas-atletas, não identificados com seu caráter ‘de rua’ (BASTOS, 2006, p. 147).

Quanto às cobranças, dessa vez partindo dos jovens para que a escola possibilite um momento para aprendizagem do *skate*, nas aulas de Educação Física, devem ser estruturadas e contextualizadas, pois o professor que indevidamente tomar alguma ação isolada, desestruturada, pode acabar colaborando no sentido de deixar em detrimento as demandas que partem dos alunos em relação às demandas mercadológicas do *skate*.

A fim de proporcionar uma reflexão (detenho-me apenas nessa possibilidade, sem pretensão de dizer como tal apropriação deve ser feita) sobre a possibilidade de o contexto escolar se apropriar da prática de *skate*, tornando-o possível de uma prática pedagógica para a Educação Física, abordo algumas das contribuições propostas por Fraga e González (2009). Estes pesquisadores foram os responsáveis pela elaboração do Referencial Curricular da Educação Física, para a Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul. Reflito, brevemente, mas como um exercício, que deve ser utilizado no contexto escolar. Assim, para não correr o risco de oferecer um entendimento pela metade, proponho que o leitor que se interesse pela discussão busque no *Referencial Curricular* (FRAGA & GONZÁLEZ, 2009) a profundidade da proposta dos autores supracitados.

Fraga e González (2009), quando desenvolvem a proposta para o Esporte, o dividem em *saberes corporais* e *saberes conceituais*. Posteriormente, subdividem cada “saber”: saberes corporais compostos por Esportes para saber praticar; e esportes para saber conhecer. Já os saberes conceituais, são compostos por conhecimentos técnicos e conhecimentos críticos. Os autores elaboram um “Mapa de Competências e Conteúdos – Esporte (FRAGA & GONZÁLEZ, 2009, p. 130-134)”, com o propósito de se pensar o Referencial Curricular da Educação Física. Nele, os pesquisadores propõem algumas estratégias, a fim de que professores e alunos possam desenvolver algumas competências. A seguir, exponho alguns elementos/“estratégias” que os pesquisadores expõem e que contribuem para se pensar o *skate* enquanto prática da Cultura Corporal/de Movimento³⁹, podendo ser apropriada na escola.

³⁹ Cultura Corporal e Cultura de Movimento são as duas teorias críticas da Educação Física. Ambas elaboradas nos anos 90, e que ainda são de forte influência no contexto escolar. Fraga e González (2009) procuram seguir um entendimento de mediação entre estas teorias sob a noção de Cultura Corporal de Movimento (os autores no próprio Referencial Curricular abordam sua concepção). Mas eu já tomo um tom mais dissonante no que se refere a uma mediação entre estas propostas, algo que pesquisei em minha Especialização em Educação Física Escolar. Com isso. Procuo não tomar uma mediação entre tais teorias, por isso, as separo por “barra”, pois concebo que “ambas usam caminhos

Elaborar um mapa das características dos grupos sociais envolvidos com as práticas corporais em estudo: A estratégia está no desenvolvimento de um mapa esquemático, no qual possam ser lançadas informações sobre as características dos grupos sociais mais (e/ou menos) envolvidos com as práticas corporais estudadas ao longo de, pelo menos, um ano letivo. O exercício do registro numa única estrutura sistematizadora permitirá aos alunos reconhecerem que o envolvimento com as práticas corporais não é homogêneo nos diferentes grupos sociais. Eles poderão perceber que fatores, como gênero, idade, nível de escolaridade, renda, entre outros, estão associados com as diferenças no tipo, grau e formas de envolvimento como as práticas corporais. Esse tipo de estratégia facilita a reflexão dos alunos sobre a relação entre preferências individuais, condições sociais, tipo de práticas corporal realizada; e ela só acontece quando se comparam conhecimentos de diferentes temas estruturadores (FRAGA & GONZÁLEZ, 2009, p.163-164).

Tomando como referência o contexto que descrevi sobre os jovens praticantes de *skate*, na primeira estratégia, por exemplo, poderíamos pensar e problematizar o *porquê de, no contexto do skate*, haver *uma preponderância de praticantes meninos/rapazes/homens?* Ou, ainda, *como é a convivência de diferentes gerações de skatistas no skate?* Também se poderia problematizar *como jovens com recursos econômicos, e outros sem recursos econômicos, conseguem manter-se no skate?* Poderíamos problematizar o consumo de drogas, não como um potencializador do desempenho no Esporte, como *dopping*, mas como “facilitador” da sociabilidade em uma *pista de skate*. Seria possível sistematizar todas essas questões em uma *pista de skate*, mapeando os diferentes tipos de frequentadores e suas práticas.

Organizar ficha com a origem das práticas corporais estudadas: A estratégia, similar à anterior, baseia-se em localizar o contexto social que permitiu o surgimento das diferentes práticas corporais estudadas. A idéia é que os alunos utilizem uma ficha para registrar a origem dos esportes [...] estabelecendo relações entre elas e reconhecendo a influência de diversos grupos sociais na cultura [corporal/de movimento] da população brasileira (FRAGA & GONZÁLEZ, 2009, p.164)

Frente a essa estratégia, podemos pensar/problematizar sobre *a origem do skate nas ladeiras da Califórnia (Estados Unidos), e como ocorreu sua inserção no contexto urbano, principalmente das grandes cidades*. Podemos, ainda,

diferentes para chegarem aos seus destinos. Destinos estes que também são diferentes. Mas tem em comum a ruptura com o sistema de desigualdades elitistas vigentes (RAMPAZZO, 2010, p.31-32)”.

problematizar o porquê de São Paulo, e região metropolitana, ser tomado como referência do *skate* no Brasil.

Confeccionar um cadastro dos espaços públicos próximos ao local de residência dos alunos em que podem ser realizadas as práticas corporais em estudo: A estratégia consiste em confeccionar um cadastro para os alunos de uma mesma turma (ou escola) registrarem os lugares próximos as suas residências [ou ainda da própria escola], onde é possível realizar as práticas corporais estudadas. Essa forma de trabalho, que pode ser adotada no transcorrer das diferentes unidades didáticas, permite que os alunos valorizem as potencialidades e limites que o entorno social oferece à população para a prática do esporte [...]. E, conseqüentemente, possa se perguntar sobre quais são os elementos políticos, sociais, geográficos, econômicos que condicionam a oferta (ou carência) desses espaços (FRAGA & GONZÁLEZ, 2009, p.164).

Podemos pensar, ainda, na carência de *pistas de skate*, na localização ou, ainda: *por que um jovem necessita atravessar a cidade, necessita sair de sua cidade*⁴⁰ *para praticar skate na pista do IAPI, em Porto Alegre? O skate pode ser usado como meio de transporte nas grandes cidades?* Podemos questionar também a proibição que Luciano sofreu quando tentou adentrar com seu *skate* na escola.

Pesquisa sobre as práticas sociais no cotidiano do aluno: A pesquisa é uma estratégia fundamental no desenvolvimento dos conhecimentos de qualquer disciplina, particularmente quando o tema estudado está centrado em aspectos do cotidiano do aluno. Não se trata de ficar restrito à busca de textos sobre determinado assunto, e sim, de fazer com que os alunos saiam a campo em busca de informações sobre o contexto social no qual estão inseridos. Por exemplo, entrevista pessoas da família ou da comunidade (FRAGA & GONZÁLEZ, 2009, p.164).

Nesse momento, podemos problematizar a diversidade das práticas de lazer em diferentes contextos, além da possibilidade, ou não, da prática do *skate* como forma de lazer no cotidiano dos alunos.

Finalizando essa descrição e reflexão, o próximo e último passo são as considerações finais, nas quais retomo o que produzi, expondo as aprendizagens e o aprendizado frente à exposta realidade. Neste espaço, também reflito sobre as contribuições que vislumbro para a Educação Física.

⁴⁰ Levo em consideração que os jovens que colaboram em minha pesquisa eram oriundos de cidades da grande Porto Alegre como: Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Esteio etc.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar um trabalho de dois anos de duração, não sei se me sinto mais aliviado ou mais dramático para escrever o último tópico. Na introdução, minha primeira intenção, e também uma limitação, foi à tentativa de ampliar as possibilidades de se pensar os jovens e a juventude. Até certo ponto, isso foi possível diante da vastidão de produções acadêmicas preocupadas com a temática. Contudo, tal vastidão também mostrou outro aspecto, que se refere a um não consenso entre os diversos pesquisadores.

Minha primeira intenção foi expor e abordar essa amplitude, no intuito de, minimamente, dar contornos ao debate e ao que se tem produzido sobre os jovens e a juventude. Procurei não advogar em prol de uma ou de outra teoria, e sim compreender como elas contribuía para meu olhar sobre os sujeitos que iria investigar: os jovens praticantes de *skate*. Dentre as temáticas, encontrei aquelas que tratavam da violência, do uso de drogas e dos preconceitos, mas foquei naquelas que efetivamente apareceram, quando contrastadas com meu contexto de investigação. Por isso, as pesquisas que mais me auxiliaram a compreender os jovens foram aquelas que tratavam da relação dos jovens com suas famílias, com o trabalho e com a educação, além do lazer e da formação de grupos *intrageneracionais*, por interesses comungados pelos jovens em seu tempo livre.

Além dessa comunhão de significados, os autores tratavam também das disputas, dos *estranhamentos*, dos conflitos de gerações e dos desencontros de perspectivas, entre aquilo que os jovens querem para si e aquilo que os adultos aspiravam para eles. Quando os jovens assumiam outras responsabilidades, como estudar e/ou trabalhar, os conflitos e os desencontros entre eles e as famílias afloravam, pois se sentiam limitados em seu tempo livre. Posteriormente, diante da abordagem teórica, das contribuições que esta pesquisa teve durante o processo de qualificação enquanto *projeto* e das efetivações no trabalho de campo pela pesquisa etnográfica, inquiriu-se: *quais os significados estão em disputa entre aqueles que praticam o skate no seu lazer em um espaço público comum a diversos praticantes de skate (a pista)? E, como estes significados fazem parte do cotidiano dos jovens, na relação como outras dimensões das vidas dos jovens?*

Além da supracitada questão, elaborei outras, que também me auxiliaram a compreender os dados produzidos pela pesquisa etnográfica. A pesquisa se deu ao longo de nove meses (julho/2011 – março/2012), na pista pública de *skate* do IAPI - Porto Alegre. Usufrui dos pressupostos que a pesquisa etnográfica evoca. Assim, realizei observação direta do contexto e transcrevi cada uma das observações em diários de campo. Com isso, totalizei 70 diários, em mais de 9 meses de observação direta. A fim de cobrir as possíveis lacunas deixadas pela observação direta, recorri à realização de duas entrevistas semiestruturadas, sendo uma delas coletiva, com a participação dos jovens.

Entre pressupostos tangíveis e intangíveis, ou seja, a *totalidade* e a *reflexividade*, posso dizer que, pela *totalidade*, consegui, minimamente, tornar inteligível um contexto estranho para mim, e no qual eu também era estranho aos diversos sujeitos. Somente a partir da proximidade com os jovens “calças coladas”, reconheci o seu *outro* na *pista*: os “calças largas”. Já a *reflexividade*, ou a ação reflexiva, me fez perceber que eu, um estranho àquele contexto, não poderia fingir (simular, copiar, ou imitar) ser praticante de *skate*, já que nunca fui adepto de tal prática esportiva. Assim, assumi, na *pista*, o “papel” ou a “função” que me levou até lá: pesquisador. Ser “o pesquisador” (sem assumir qualquer outro “papel” ou “função”) me possibilitou perceber os contrastes sociais, como as disputas, as aproximações e os distanciamentos entre os diversos frequentadores na *pista*. Tal condição, mesmo afirmando e reafirmando em diversos momentos que estava na *pista* com o intuito de realizar a pesquisa, não me deixou imune aos estranhamentos e às jocosidades, ambos próprios do contexto.

O caso mais explícito de *estranhamento* se deu nas diversas tentativas de me aproximar dos “calças largas”, principalmente de Carlinhos. Um skatista mais experiente, com cerca de 30 anos de idade, e que havia participado da pesquisa de Bastos (2006). Talvez eu o tenha considerado como expoente do *estranhamento*, pois ele, em parte, reproduzia os cerceamentos que os “calças largas” tomavam quando eu tentava aproximação. Esse sujeito, em alguns momentos, mostrava-se interessado em minha investigação, mas sempre resistente quanto à possibilidade de ser investigado.

Quanto às jocosidades, sempre partiam do grupo de jovens que acompanhei, os “calças coladas”. Aproximar-me deles possibilitou a realização desta pesquisa, especialmente por suas colaborações no que se referia a compreender as

expressões nativas. Além de que, ao conhecê-los como “calças coladas” por definição própria (autoreferida), eu, por eu ter um estilo avesso ao deles (enquanto mesmo no calor do verão eles iam para a *pista* usando suas “calças coladas”, eu ia de bermuda), fui apelidado de “da praia”. Nos momentos iniciais, me senti um pouco desconfortável, mas ao longo do tempo pude perceber que tal apelido fez com eu que me aproximasse deles, se não pelo *skate*, por uma “titulação” que fizesse sentido de oposição naquele contexto.

Compreendo que a proximidade com o grupo deve ser relativizada, pois sempre estive mais *perto* do que propriamente *dentro* do grupo. Isso, somado aos meus “prés”, me fez perceber minha condição marginal em relação ao grupo. Certa vez, os jovens passam quase uma hora tentando me ensinar seus cumprimentos. Naquele momento, os aprendi, mas, posteriormente (em outras observações), não os reproduzi, não assimilei tais *códigos sociais*. A falta de assimilação me possibilitou questionar: *quem era o transgressor das regras sociais daquele contexto? Afinal, quem era o marginal?* Compreender a resposta para essa pergunta - “EU, o pesquisador” - fez com que eu reconhecesse as limitações de meus “prés”, e que não os tomasse como parâmetro para entender esses jovens no contexto da *pista*.

A não tomada de parâmetro a partir de meus “prés” não significou o abandono deles, pois houve situações em que alguns consumidores de maconha aproximaram-se de mim com o intuito de pedir isqueiro, fósforo ou *seda*, emprestados. Eu sempre era enfático ao dizer que não fumava. Contudo, se o propósito da pesquisa fosse obter informações a qualquer custo, quando percebi que o consumo de maconha era um facilitador na aproximação entre os diversos frequentadores da *pista*, poderia simplesmente levar um isqueiro ou fósforos para atender às solicitações, mas não o fiz. Entretanto, não por preconceito, mas porque em circunstância alguma faria isso.

Essa situação me fez compreender dois aspectos: (1) consumo ou não de maconha, na *pista*, tornou-se um dos elementos que me possibilitou compreender as proximidades e os distanciamentos entre os diversos frequentadores do local; (2) o consumo de maconha, na *pista*, servia como um “facilitador” na aproximação entre diferentes frequentadores, skatistas ou não. Com isso, neste contexto, o consumo de drogas aproximava as pessoas, o que é vai à contramão do discurso (puritano) que,

por vezes, permeia os debates da Educação Física: “o esporte livra, afasta ou tira os jovens das drogas”.

A compreensão dessas situações não foi tranquila ou fácil de assimilar, pois já que eu estava (e ainda estou) imbuído de meus “prés”, e como um dos pressupostos da pesquisa etnográfica é compreender os *outros*, procurei contextualizar minhas reflexões, a fim de compreender o contexto. Ao longo do tempo, percebi que o questionário que havia elaborado pouco atendia às peculiaridades do contexto, por isso abandonei sua aplicação e foquei na observação do contexto. Assim, cheguei ao lugar onde a pesquisa ocorreu: a *pista*. Neste Capítulo, minha empreitada descritiva se focou, no primeiro momento, em tentar descrever os espaços físicos/materiais daquele espaço, assim como outras práticas sociais que lá ocorriam, além do *skate*, como o consumo de maconha, que acontecia, por vezes, escondido atrás das rampas, mas em outras ocasiões não era camuflado. Outros lugares como a “entrada da pista” e os *Caixotes* acabavam sendo um “ponto de encontro”, e em alguns eventos eram os espaços delimitados por cercas, e/ou tendas. Já os muros da pista, além de delimitar os contornos da mesma, serviam como “ponto de venda” de alguns comerciantes, e também serviam como assentos para os pais e mãe (*espectadores*), que observavam os filhos e o que ocorria na pista.

O segundo momento deste terceiro Capítulo foi o de tentar descrever os diversos frequentadores da *pista*. Procurei sair do caráter genérico (frequentador), e foquei nas peculiaridades de cada um dos três tipos que classifiquei: *espectadores*, *pessoas que vivem do skate* e *praticantes de skate*. No entanto, meu foco na pesquisa foi os praticantes de *skate* que tinham essa prática esportiva no lazer. Assim, interessei-me por aqueles que estabelecem determinadas fronteiras (nós/eles; “calças coladas”/“calças largas”; praticantes de *skate* e não praticantes), e voltei atenção aos que dão significado à *pista*, que comungam e disputam esse espaço.

No terceiro momento, tentei compreender e descrever os aspectos simbólicos da *pista*, assim como alguns de seus *códigos sociais*. A *pista*, espaço físico/material, compreendi como um lugar simbólico, comungado e disputado. Faço isso a partir da perspectiva dos jovens “calças coladas”. Com o auxílio da noção de *jogo*, de Bourdieu (1983), compreendi os significados que são comungados e disputados no *jogo da pista*. Percebo os “calças coladas” como os “recém-chegados” no *jogo*, e

que, em parte, se submetem a alguns aspectos simbólicos da *pista*, mas em outros momentos, subvertem algumas lógicas.

O momento em que consegui compreender tal subversão foi nos eventos, já que eles chamavam para a *pista* um público “de fora”, que não se encontram na *pista* no dia-a-dia. Os eventos mudavam o *movimento na pista*, *movimento* este que, quando alterado, limitava os espaços dos “calças coladas” na prática do *skate*. Mesmo que os jovens reconhecessem o momento de realização de eventos como legítimo, já que permitia a alguns angariar recursos para manterem-se no *skate*, não compactuavam com a forma com que a disputa se dava. Os jovens “calças coladas” não comungavam de um sentimento de igualdade de condições na competição ocorrida nos eventos. Relataram que os eventos eram, prioritariamente, a forma pela qual os “calças largas” se autopromoviam, promoviam suas marcas e seus patrocinadores.

O quarto Capítulo desta dissertação foca na descrição no grupo que acompanhei na *pista*. A partir da aproximação com os jovens “calças coladas”, consegui perceber os contrastes na *pista*, pela perspectiva do grupo. Percebi a necessidade que eles tinham de se distinguirem de *outro* grupo, os “calças largas”. Dediquei, assim, um subitem para expor a compreensão que tive da distinção entre os grupos. Retomo algumas dessas distinções, que acabaram sendo os limites estabelecidos entre ambos os grupos:

- As vestimentas: roupas “largas” ou “coladas” ao corpo; não apenas as calças;
- O *skate*, para os “calças coladas”, significa momento de lazer, de estar na companhia dos amigos. Para os “calças largas”, o *skate* é uma forma de viver profissionalmente;
 - Apesar de o *skate*, para os “calças coladas”, ser um momento de lazer, eles não deixavam de *projetar* suas aspirações no *skate* do *outro*. Alguns “calças coladas” também *projetavam viver do skate*;
 - Pelos eventos, os “calças largas” promoviam seus patrocinadores e também faziam autopromoção. Diante disso, os “calças coladas” não comungavam de um sentimento de igualdade de condições na competição;

- Enquanto os “calças largas” mantinham-se no *skate* por *fazerem o corre*, os “calças coladas” se mantinham no *skate* pelo “apoio”, pela sustentação que a *rede de relações* dava aos seus *projetos*;
- Enquanto os “calças largas” primam pelos aspectos mais individuais de permanência no *skate* e de *ascensão social*, os “calças coladas” primam pelos aspectos coletivos que o grupo proporciona. A *ascensão social* pelo *skate* fica em segundo plano, já que os jovens **não** *viviam* (apenas) *do skate*, necessitavam trabalhar e estudar, atendendo às aspirações da família.

Os jovens “calças coladas” são um grupo heterogêneo. Constituíam-se, basicamente, de jovens com idades entre 15 e 20 anos, mas havia a participação de crianças e de adultos. Apesar da preponderância masculina, faziam-se presentes, em alguns momentos, gurias/moças/meninas, que, na *pista*, notadamente assumiam um papel secundário.

Além das *fronteiras* que distinguiam e demarcavam a pertença ao grupo dos “calças coladas”, dentro do próprio grupo havia diferença na *rede de relações*. Descrevi tal rede, e entre os “graus” ou “níveis” de proximidade e de distanciamento, classifiquei: *conhecidos* e *reconhecidos*; os *chegados*; os *amigos*; e os *irmãos*. Todos esses, de alguma forma, faziam parte da *rede de relações* dos “calças coladas”. Posteriormente, compreendi que a *rede de relações* era a base do *capital social* dos “calças coladas”. A partir das trocas que a rede e o capital possibilitavam, os jovens se mantinham no *skate*, conseguiam sustentar seus *projetos* de permanecer no *skate*, pelo *skate* e na *pista*. Ou seja, de certa forma, pelo “apoio” e pelas trocas que a *rede de relações* do grupo proporcionava, em certa medida, os jovens conseguiam minimamente se manter no *skate*, sem ter que aceder ao trabalho.

Diante disso, evidenciavam-se os *projetos* dos jovens “calças coladas” de permanecer no *skate* e aceder a uma condição de futuramente passar a *viver do skate*. O problema, era compreender que os *projetos* dos jovens não eram “puros”, mas sim atravessados por outros *projetos*. Para alcançar tal compreensão, necessitei entender que o *projeto*, por mais individual que pareça, ou naquele contexto se apresentasse como individual, na verdade, era atravessado por interesses coletivos, por *projetos* dos “calças coladas”, e vice-versa. *Projetos* coletivos e individuais que eram atravessados pela *rede de relações*, levando em

consideração, ainda, a proximidade e o distanciamento dos diversos sujeitos que a compõem.

Em um primeiro momento, compreendi que o *projeto* de permanecer no *skate* era *projetado* na *pista de skate*. No decorrer do capítulo seguinte, percebi que o *projeto* de se manter no *skate* também era atravessado por *projetos* vindos “de fora da *pista*”. Frente a essa compreensão, procurei descrever essa relação complexa, deixando clara a impossibilidade de definir a “pureza” de um ou outro *projeto*. A partir disso, no último capítulo de *descrição densa*, indiquei como as aspirações e os *projetos* dos jovens relacionam-se com outros aspectos de seu cotidiano.

O primeiro aspecto do cotidiano destes jovens que abordei foi a família, pois é nela que se originam as aspirações. Os demais aspectos foram: trabalho e educação/escola. Basicamente, a família se apresenta como um espaço social no qual os jovens significam e expressam o desencontro de suas aspirações. Aquilo que os jovens querem para eles, e aquilo que suas famílias querem para eles, pouco tem afinidade. Os jovens expressavam o sentimento do desencontro entre aspirações estruturadas em épocas diferentes: a de seus pais, mães e outros adultos.

Essa situação, e as cobranças que recaiam sobre os jovens por parte das famílias, fazia com que os “calças coladas”, em parte, atendessem a tais cobranças, mas também, em outros momentos, que as subvertessem pela prática do *skate*. Havia, ainda, uma heterogeneidade no que se referia às cobranças. Os adultos, apesar de exercem tais cobranças, acabavam por conferir um “apoio” aos jovens, quando necessário. Ao longo da descrição daquele subtópico, percebi que tais relações não eram simples, ou fáceis, possivelmente eram mais ambíguas e contraditórias, mais árduas e complexas do que consegui descrever.

Em um segundo momento, tentei compreender como os jovens significavam o *skate* em relação ao trabalho. Nessa direção, descrevi tendo a compreensão de que os jovens, quando aderem ao trabalho, no primeiro momento, o fazem com o intuito de contribuir no sustento de suas famílias, atendendo às aspirações vindas dos adultos. Contudo, os jovens significam o trabalho como outra maneira de se manterem no *skate*. Ou seja, quando o “apoio” da *rede de relações* na *pista*, ou das famílias, não é suficiente para que eles se mantenham no *skate*, o trabalho “fora” do *skate* possibilita a manutenção do *projeto* e atende, às aspirações da família.

Por fim, chego à escola e à educação. A educação a que me refiro é a formal, que concede titulações e certificações em instituições de ensino. As certificações atendem às aspirações vindas das famílias, e a escola acaba por conferir e legitimar as aspirações que podem nem sempre ser dos jovens, mas que lhes é significativa a partir do momento em que legitimam suas aspirações de continuar no *skate*. O problema que percebi interpretando os relatos dos jovens e contrastando com o debate teórico, é que a instituição escolar pensa, e prepara o jovem para o que ele venha a ser no futuro, um *projeto* de adulto. A escola pouco se preocupa com o jovem pelo que ele é hoje. Com isso, há um sentimento de perda por parte dos jovens, pois a escola pouco lhes faz sentido, a não ser pela certificação. A significância da escola, para os jovens, se refere a uma limitação no convívio com seus pares no lazer, e, por consequência, de prática e aperfeiçoamento no *skate*. Assim, a escola acaba sendo significada como mais um espaço de limitação do tempo livre, e também um espaço de rotulações impostas “de fora”.

6.1 ALGUNS LIMITES DESTA PESQUISA

Basicamente, os limites que consigo perceber neste momento (não rejeito a possibilidade que haja outros, que me passam despercebidos) são os meus próprios limites, sejam dados pelos meus “prés”, sejam dados pelos dados empíricos produzidos; e também pelos limites teóricos, dado que o universo de pesquisas e de pesquisadores ficou, de certa forma, limitado ao que consegui ler, compreender e, posteriormente, articular com os achados da pesquisa de campo. Lembro, também, dos não acessos, limitações que tive como o outro grupo (os “calças largas”).

Acredito que seria interessante acompanhar, mais “de perto”, as aspirações e as cobranças que partiam dos adultos sobre os jovens. Em alguns momentos deste trabalho, consegui perceber a contradição do jovem que dizia que sua família era um lugar de preconceito, mas que, quando necessitou, recebeu “apoio” de seus pais. Seria interessante, também, perceber tais contrastes no ambiente de trabalho e/ou na escola em que os jovens estudam. Algo pensado no princípio desta investigação, mas como a etnografia não é a pesquisa do “se” (se tivesse feito isso, se tivesse

feito aquilo), ou, do “deveria” (deveria ter feito isso, deveria ter feito aquilo), descrevi apenas o que efetivamente aconteceu, dentro dos meus limites e possibilidades.

Por fim, espero minimamente ter atendido minha proposta inicial, e tornado inteligíveis as questões desta pesquisa, pela descrição ao longo dos Capítulos. O que tiro de aprendizado, resumidamente, é que me foi árduo e nenhum pouco fácil compreender o outro sem ter como parâmetros os meus “prés” (preconceitos, preceitos, pressupostos, prescrição, muitos sustentados pelo meu senso comum a *priori* da pesquisa).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. 1ª Ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**. São Paulo, SP: Editora Página Aberta Ltda, 1994.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. 1ª Ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6, Número especial, p. 25-37, 1997.

ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio Ascânio. **O skate e suas possibilidades educacionais**. Motriz, Rio Claro, v.16 n3 p. 799-807, jul./set. 2010.

ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAJOIT, Guy; FRANSSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6, Número especial, p. 76-95, 1997.

BASTOS, Billy Graeff. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatista: da “vizinhança” ao “corre”**. 2006. 174p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humanos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

BASTOS, Billy Graeff; STIGGER, Marco Paulo. “O segredo do sucesso”: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.15, nº3, p. 163-186. julho/setembro de 2009.

BORGES PERES, Eugênio Marcello, *et al.* **Conselho Nacional de Juventude: Rede de Políticas Públicas**. Revista do Serviço Público. Brasília. p. 401-420. 2008. disponível em: <www.enap.gov.br>. Acesso em 04/10/2010.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu / Patrice Bonnewitz**; Tradução Lucy Magalhães. – Petrópolis. RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro; Editora Marco Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira; revisão da tradução. Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRACHT, Valter. Esporte de rendimento na escola. In: STIGGER, Marco Paulo (org.). LOVISOLO, Hugo (org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção Educação Física e Esportes). p. 11-26.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. 1ª Ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. 218 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. **A adolescência inventada e os sujeitos que se inventam na participação social: capital e rupturas**. 2008. 164p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CASANOVA, Adriana Santos *et al.*. **A experiência de uso dos parques e praças pelos moradores de Porto Alegre**. 2007, 127 p. Trabalho de conclusão da disciplina de Pesquisa em Marketing (Graduação) – Curso de Administração, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer** / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DAMICO, José Geraldo Soares. **Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)**. 2011. 290 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

DAYRELL. Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade, Campinas**, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 28/07/2011.

DAYRELL. Juarez. *et. al.* Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In:

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.218 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília Minayo (organizadora). 27. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Skate para Meninas: Modos de se fazer ver em um esporte em construção**. 2008. 247p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

FRAGA, Alex Branco; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Referencial Curricular de Educação Física. In: **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Estado da Educação**. – Porto Alegre: SE/SP, 2009. v2. p. 113-181.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnografia e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 10, p. 58-78, jan./abr., 1999.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvelando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GARCIA, Dirce Maria Falcone. **Juventude em Tempo de Incertezas: enfrentado desafios na Educação e no Trabalho**. 2002. 461p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. RJ, 1989.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natura do entendimento antropológico. In GEERTZ, Cliford. **Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOMES, Jerusa Vieira; Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6, Número especial, p. 63-62, 1997.

GONZÁLES, Fernando Jaime. **Bases sociais das Disposições para o Envolvimento em Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre**. 2010. 490p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS. 2010.

GUIMARÃES, Maria Conesin. Juventude, educação e campo simbólico. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez. 2002.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.149-174.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis**. 2005. 205p. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2005.

HAMMES, Lúcio Jorge. Grupos juvenis de convivência e a formação de capital social. In: BAQUERO, Rute Vivian Angelo. (Org.). **Agenda jovem: o jovem na agenda**. Ijuí: Unijuí, 2008, v., p. 143-170.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.71-92, jul./dez. 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A rede de lazer. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3 ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, p. 101-138.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 5, n.32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, contro e sociabilidade** / José Guilherme Cantor Magnani, Bruna Mantese de Souza, (orgs.). – 1. ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARCUS, George. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal. México, v.11, n. 22,p. 111-127, jul./dez., 2001.

MARGULIS, Mario; URRESTI Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, 1996. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf>. Acesso em: 04/11/2011.

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira; Escola noturna e jovens. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6, Número especial, p. 63-75, 1997.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues, *et al.* **Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea**, Revista Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, setembro/dezembro de 2007.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer e grupos sociais: concepções e método.** 2000. 142p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2000.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: Teses acerca da anatomia do lazer.** 2005. 325p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2005.

MELUCCI, Alberto; Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação.**, São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N° 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 N° 6, Número especial, p. 5-14, 1997.

MINAYO, Maria Cecília. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: Pedrino A. Guareschi, Sandra Jovchelovitch (orgs.). **Textos em representações sociais** - 2.ed.- Petrópolis, RJ, Vozes, 1995. p.89-111.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente (org.), TRIVIÑOS, Augusto N.S. (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** – 3 ed. – Porto Alegre: Suluna, 2010. p. 61-99.

NISHIMURA, Shin Pinto. **Lazer e trabalho na periferia: articulações e possibilidades.** 2008. 47p. Monografia (Graduação) – Escola Superior de Educação Física, UFRGS. 2008.

OLIVEIRA, Claudete Souza. **Escrevo-te estas mal traçadas linhas: a escola e o trabalho nas cartas dos jovens da cadeia produtiva do skate.** 2009. 194p. Dissertação (Mestrado) – Prograga de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

OLIVEN, Ruben George. **A aparte e o todo: a diversidade cultural do Brasil-nação** / Rubem George Oliven. – Petrópolis: Vozes, 1992.

PAIS, José Machado. **Culturas de grupos.** Lisboa. 2008? Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/2_PI_Cap6.pdf>. Acesso em 28/07/2011.

PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, vol, 25 (108-109), (4° e 5°) 591-644, 1990.

PERALVA, Angelina Teixeira; O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N° 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 N° 6, Número especial, p. 15-24, 1997.

PERALVA, Angelina Teixeira (Org.); SPOSITO, Marília Pontes (Org.). **Revista Brasileira de Educação.** Número especial. São Paulo: ANPED, 1997.

PERREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, v.1, n.1, p. 1-19, 2007.

RAMPAZZO, Marcelo. **A contribuição da Educação Física Escolar para o Desenvolvimento Social**: As concepções, das teorias críticas da Educação Física Escolar para o Desenvolvimento Social. 2010. 35 f. Monografia (Especialização) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, CEFD/UFSM. Santa Maria, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Celi Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar Barcellos (orgs.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ROMERA, Liana Abrão. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. 137p. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2008.

ROSA, Tatiane da Silva da. **Lazer: concepções e vivências de uma juventude**. 2006. 122p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, FAGED, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

SILVIA, Hélio R.S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, a, 15, n. 32, p.171-188, jul./dez., 2009.

SPOSITO, Marília Pontes; Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6, Número especial, p. 37-52, 1997.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico** / Marco Paulo Stigger – Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), 2002. – (Coleção educação física e esportes).

STIGGER, Marco Paulo (org.). LOVISOLO, Hugo (org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção Educação Física e Esportes).

STIGGER, Marco Paulo. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, Marco Paulo (org.). LOVISOLO, Hugo (org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção Educação Física e Esportes). p.103-134.

STIGGER, Marco Paulo. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.7, nº14, p. 67-86, 2001.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais pedagógicas nas escolas públicas. In: STIGGER, Marco Paulo (org.). LOVISOLO, Hugo (org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**.

– Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção Educação Física e Esportes). p.71-102.

THOMASSIM, Luís Eduardo. **O “Público-alvo” nos Bastidores da Política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos.** 2010. 297p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS. 2010.

TOLEDO, Luis Henrique de. **Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco.** *Revista Brasileira de Educação.* São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 e Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6, Número especial, p. 209-221, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol: Dimensões simbólicas de um Esporte Nacional.** 2000. 341p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996. – (Coleção educação física e esportes).

UNINHA, Ricardo Ricci. **Lazer na adolescência uma análise sobre skatista do ABC paulista.** 1997. 175p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 1997.

VELHO, Gilberto. Estranhando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** – 5.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999 (Antropologia social).

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (org.). **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração.** – 4.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (Antropologia social).

VELOZO, Emerson Luís. **Cultura de movimento e identidade: a educação física na contemporaneidade.** 2009. 157p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. 2009.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus, 1998.

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012.

Você está sendo convidada (o) a participar de um estudo: *Skate, uma pratica no lazer da juventude*.

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo.

Objetivos do Estudo:

- 1) compreender as relações entre *skate* como uma forma de lazer dos jovens que frequentam a pista do IAPI.
- 2) entender as características que envolvem o *skate*, e a participação dos jovens neste esporte.
- 3) Publicar resultados da pesquisa em uma dissertação de mestrado, e futuramente em revistas e congressos relacionados com as áreas de conhecimento da **Educação Física**.

Procedimentos:

Participar de uma entrevista, previamente agendada, a ser realizada num local combinado. A entrevista será gravada, transcrita e os dados serão utilizados na pesquisa. Possibilitar ao pesquisador observar o dia-a-dia na pista de *skate* do IAPI.

Riscos e Benefícios do Estudo:

- 1) Sua adesão como colaborador (a) com este estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tão pouco o (a) submeterá a situações constrangedoras.
- 2) Este estudo poderá contribuir no entendimento científico dos problemas relacionados a compreensão do *skate* e dos jovens.

Confidencialidade:

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador, preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

Voluntariedade:

A recusa do (a) participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Novas informações:

A qualquer momento os (as) participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

Pesquisado(s)

Contatos e Questões:

Escola de Educação Física da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marcelo Rampazzo - E-mail: rampazzo1842@yahoo.com.br

Fone: (51)8475-8678

Marcelo Rampazzo

(Mestrando ESEF/UFRGS)

